

**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Pós-Graduação em Teoria Literária**

**ENTRE AS LINHAS DO TEXTO E O BRILHO DA TELA,
UMA REDE E O LEITOR**

CLARA ETIENE LIMA DE SOUZA

Brasília, setembro de 2009

**ENTRE AS LINHAS DO TEXTO E O BRILHO DA TELA,
UMA REDE E O LEITOR**

Clara Etiene Lima de Souza

Tese de doutorado em Teoria Literária apresentada à Pós-graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Elizabeth Hazin.

Brasília, setembro de 2009

DEFESA DE TESE

Souza. Clara Etiene Lima de Souza. *Entre as linhas do texto e o brilho das telas, uma rede e o leitor*. UnB. Instituto de Letras, 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Elizabeth Andrade Hazin (UnB)
Presidente

Prof. Dr. Dagoberto Arena Buin
Membro

Prof. Dra. Maria Luiza Coroa
Membro

Prof. Dr. Rogério da Silva Lima
Membro

Prof. Dra. Hilda Orquídea H. Lontra
Membro

Prof. Dr. João Vianney
Suplente

A minha sábia e alegre avó, Dona Izabel.

“Pensar é respirar”.
Octávio Paz

Sou imensamente grata, a Elizabeth Hazin, pela companhia ao longo de todas as etapas da pesquisa, pelos ensinamentos, pelo envolvimento, pela compreensão, pelas inumeráveis e agradáveis conversas no café das letras e pela poesia constante. A Hilda Orquídea, pela sabedoria compartilhada, pelo carinho e cuidado maternos, pela confiança plena e declarada e pelos olhos sempre tão cheios de brilho e afeto. A Rogério Lima, pelo encorajamento e desafio. A João Vianney pela atenção e gentileza. A Dora Duarte pela delicada paciência. A Ana Laura, Cristina Stevens, ao saudoso Danilo Lobo, por terem me aproximado ainda mais da leitura da literatura. Ao grupo de pesquisa LER, da Universidade de Brasília, pela amizade, alegria e companhia sem a qual esta tese não faria sentido; especialmente a Arlinda Alves, Edna Freitas, Ieda Maria, Rosamélia, Cida Maria Bontempo, Margareth Villalba, Cleide Lemos, Adriana Levino e a Bernadete Carvalho, minha amiga para sempre. Minha gratidão se estende a Cynthia Santos, Elenita Rodrigues, Vânia Rego e Ione Torres pelas horas de conversa e escuta, conselhos, divagações, enfim, por essa dádiva maravilhosa que é a amizade. A Patrícia Vieira pelo incentivo, amizade e energia contagiante que me impulsionaram a concluir esta tese, e pela dedicada revisão de seu texto. A Eduardo Sousa pela colaboração e carinho. Aos meus colegas de trabalho que entre itens e reuniões, sempre estiveram dispostos a ajudar e a trocar idéias, em especial aos amigos do PDA. A meus colegas professores e leitores apaixonados pela literatura que compartilharam comigo experiências e leituras inesquecíveis. A meus amigos de infância pela compreensão e companhia que perseveraram, sou imensamente grata. Aos amigos cujo incentivo em algum momento deste trabalho foi determinante para que eu retomasse o fôlego: João Cassino, Solange Lustosa, Marcus Vinícius, Rosemeire Bonfim, Roberto Alvarez, Luciano Fonseca e Cíntia Cançado, o meu reconhecimento e apreço. Agradeço principalmente aos meus familiares por me entenderem e estarem sempre ao meu lado, aos meus irmãos Sidênia Magna e Jadson Torquato, aos meus lindos sobrinhos, Ricardo e Rafa, ao meu querido pai e, especialmente, a minha mãe, pelo exemplo de vida, pela disposição diante da vida, pelos ensinamentos de justiça e honestidade e pelo colo sempre pronto a me acolher. A Deus, agradeço pelo mistério que sustenta a vida e por essa legião de anjos que me iluminam.

RESUMO

O leitor contemporâneo é o centro de discussão desta tese. Nunca se leu tanto quanto nos dias atuais, uma vez que a sociedade em rede impõe ao sujeito a condição de ler, dada a grande quantidade de informações que circulam no século XXI. Nesse contexto surgem diferentes maneiras de atuação do leitor, por isso defende-se que a leitura deve ser pensada como um *continuum* de possibilidades leitoras, no qual a leitura da literatura desempenha um papel fundamental. A leitura literária, em um dos extremos desse *continuum*, por meio da experiência estética, proporciona processos de produção da subjetividade mais livres e autônomos. O desafio para o grande volume de leitores da atualidade, então, é conhecer e fazer uso de todas as possibilidades de leitura, sobretudo a leitura literária, pois essa promove experiências mais singulares de produção da subjetividade. Um leitor que se posicione na rede de informações e, ao mesmo tempo, usufrua o efeito estético, será competente para movimentar-se pelo *continuum* de possibilidades leitoras. Esse leitor crítico e autônomo será denominado como o verdadeiro *hiperleitor*.

ABSCTRACT

The contemporary reader is the core of this thesis discussion. People have never read so much as nowadays, once the web society imposes to the subject the condition for reading, with the enormous quantity of information available on the XXI century. On this context, the reader can act in different ways, and that is why it is defended that reading must be thought as a *continuum* of reading possibilities, in which the literature reading plays a fundamental role. The literary reading, in one of the extremity of this *continuum*, and through esthetic experience, provides freer and autonomous subjective production processes. The challenge for a big volume of current readers is know and use all of these reading possibilities, mainly the literary reading, because it provides unique experiences of producing subjectivity. A reader that places himself in the web information and, at the same time, makes use of the esthetic effect, will be capable of moving through the *continuum* of reading possibilities. This critic and autonomous reader will be named as the real *hiper reader*.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - O SÉCULO XXI: SOCIEDADE E CULTURA	
CONTEMPORÂNEAS	16
1.1- Excesso e complexidade: um mar de informações.....	16
1.2 - A sociedade em rede e a cibercultura.....	19
1.3 - Rizoma, rede, hipertexto.....	23
1.4 - Impactos culturais e estéticos no ciberespaço.....	28
CAPÍTULO II - LEITURAS E ARMADILHAS.....	33
2. 1 - Enovelando uma noção de texto	34
2.2 - Desafiando uma noção de leitura	40
2.2.1 - O fast-reader.....	43
2.2.2 - O último leitor.....	53
2.2.3 - O hiperleitor.....	61
2.2.4 - Leitura: um <i>continuum</i> de possibilidades.....	66
2.2.4.1 - Estrutura textual	68
2.2.4.2 - Esfera social	71
2.2.4.3 - Natureza da representação.....	73
2.2.4.4 - Produção da subjetividade.....	75
2.2.5 - O hiperleitor e o <i>continuum</i> de leitura.....	78
Capítulo III - SUJEITOS E SUBJETIVIDADES.....	80
3.1 - O sujeito como cenário da subjetividade	80
3.2 - A máquina de produção da subjetividade.....	84
3.3 - O paradigma ético-estético.....	95

CAPÍTULO IV - LITERATURA E SUBJETIVIDADE	101
4.1 - O efeito estético	103
4.3 - O leitor literário e os caminhos da subjetividade	110
4.3 - Imagens: simulações e simulacros	120
CAPÍTULO V - ENTRE AS LINHAS DO TEXTO E O BRILHO DA TELA	127
5.1 - O componente tecnológico e as transformações estéticas	127
5.2 - Escrituras no ciberespaço	132
5.2.1 - Internautas que lêem e escrevem.....	1333
5.3 – Mentres que se transformam, subjetividades que se revelam	137
5.3.1 - A teoria representacional da mente.....	139
5.3.2 - A livre associação de idéias	1411
5.3.3 - Textos, telas: sempre subjetividades	1433
CONCLUSÃO.....	1455
REFERÊNCIAS.....	145
ANEXOS	1566
I - Artigo “Internauta também é leitor”, de Clara Etienne.....	156
II - Texto publicado em blog com comentários.....	164
III – Entrevista em comunidade do <i>orkut</i> com escritores.....	170

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS

Figura 1	Esquema de organização de “Se um viajante”, de Ítalo Calvino..67	
Figura 2	<i>Continuum</i> de leitura.....	69
Figura 3	Tela <i>Gálatea</i> de Esferas de Salvador Dali.....	82
Figura 4	A máquina de produção da subjetividade.....	93
Figura 5	Instante de eternidade.....	94
Figura 6	Universos existenciais.....	95
Gráfico 1	Dimensão da estrutura textual.....	70
Gráfico 2	Dimensão da esfera social.....	73
Gráfico 3	Dimensão da natureza da representação.....	75
Gráfico 4	Dimensão da produção da subjetividade.....	77
Quadro 1	Correlação de recursos expressivos nos textos que representam os extremos do <i>continuum</i> de leitura.....	72
Quadro 2	Correlação entre produção da subjetividade e efeito estético....	75
Quadro 3	Mecanismo de funcionamento da mente.....	140
Quadro 4	Correlação produção da subjetividade, efeito estético e estímulos tecnológicos.....	143

INTRODUÇÃO

O século XXI, antecipado pela ficção científica, materializou-se, enfim, diante dos habitantes da sociedade atual. As novas tecnologias concomitantemente inebriam e assustam por meio de suas novidades e desafios. Somos seduzidos pela promessa das possibilidades realizáveis de acessibilidade e multiplicação das experiências. Os limites espaciais e temporais definidos anteriormente foram se dissolvendo, lançando o homem em um contexto global. Diante da oferta de tantas possibilidades, deve-se, analisar o que acontece com a sociedade e a cultura em um século em que o pensamento é caracterizado pelo dinamismo. Em outros momentos de viradas históricas bruscas, manifestações inflamadas ocuparam o espaço que seria de investigação em prol de uma standardização do novo.

Cem anos após o *Manifesto Futurista* de Filippo Marinetti (1909), percebe-se a repetição de uma tendência à euforia diante das novidades. Comparando a virada dos dois últimos séculos, é possível perceber que os momentos de transição de um século para outro provocaram bastante inquietação, protelando o amadurecimento de uma crítica reflexiva oportuna àquelas épocas. O século XIX presenteou o século vindouro com o advento da Revolução Industrial. Naquele contexto o automóvel atuou como símbolo de um futuro que prometia velocidade, produtividade e poder ao homem moderno, características essas superdimensionadas para os olhos de uma sociedade deslumbrada. O século XXI, por sua vez, inicia-se com as promessas de superação dos limites de velocidade e acesso às informações. No centro dessa transformação, a celebração à tecnologia, representada principalmente pelo computador e pela Internet.

Os aparelhos de comunicação ganharam força e as informações transformaram-se em mercadorias de primeira ordem. Leitura e consumo formam, nesse contexto, um par dinâmico. O consumidor lê propagandas, ofertas, propostas, saldo bancário, dívidas, salário, contratos etc, seja nas ruas,

nas telas de computador, no cinema, na TV, não importa, ele segue executando sua rotina imerso em um mundo nunca antes tão repleto de informações. Logo, encontrar tempo e espaço para a fruição torna-se cada vez mais raro. Essa constatação será a principal motivação para o desenvolvimento das investigações sobre o lugar que a literatura ocupa, ou deveria ocupar, no século XXI.

No primeiro capítulo, são apresentados aspectos relevantes que caracterizam as mudanças consolidadas neste século em decorrência dos avanços relacionados às tecnologias da informação, com ênfase nos meios de comunicação. A distribuição e acúmulo de informações, bem como, a alta velocidade e a eficiência com que são tratadas incidem modificações também nas formas de receber e compreender o mundo. O excesso de oferta de informações impõe uma necessidade imperiosa de seleção e escolha, algo dificultoso frente ao volume de eventos que ocorrem cada vez de maneira mais acelerada. Em outros tempos, em sociedades mais circunscritas e estanques, as possibilidades eram mais previsíveis e determinadas, os horizontes perdiam em perspectiva, porém ofereciam alguma segurança. Mas diante da avalanche e informação, a fluidez determinará o mote da contemporaneidade tecnológica.

Ao sujeito contemporâneo compete a atitude quase mecânica de ler, decodificar e, simultaneamente, de arriscar-se, uma vez que os caminhos se multiplicam como possibilidades de erros e acertos. A segurança e a previsão perdem espaço e dão lugar ao temerário. Viver numa cidade hoje é, sem se dar conta, ser leitor dessa cidade. Tudo está ao alcance da leitura. O mundo hoje é dos leitores. Os textos estão em toda parte, são signos de variadas origens, formatos e linguagens. Neste espaço urbano e tecnológico tudo é informação e cada indivíduo uma espécie de processador sobrecarregado de mensagens, dada a avalanche de informações que invade a vida contemporânea.

O segundo capítulo aborda o tema da leitura, suas manifestações e transformações. A partir da necessidade do sujeito atribuir significado às várias manifestações da linguagem, é possível perceber que ele desenvolverá habilidade e presteza específicas, artimanhas que a convivência urbana, altamente interativa, vai desenvolvendo ao ritmo das demandas. Uma geração de pessoas que precisa fazer da leitura uma habilidade pragmática, representa

uma modalidade de leitor com características bem diversas do leitor de outros tempos, pois suas necessidades são de ordem mais dinâmica.

É possível notar que convivem nesse cenário, não só os leitores apressados formados dentro da lógica da alta interatividade e fluxo de informações, mas também leitores que foram educados para a leitura em suporte fixo: livros, jornais, revistas etc. Muitos desses leitores adaptam-se e inserem-se, com resistência, algumas vezes, a essa nova forma de conceber a observação e interpretação dos fenômenos da linguagem. Não obstante, carregam consigo velhos hábitos e conseguem assimilar as novidades à medida em que interagem na sociedade atual, alguns com mais dificuldade, outros sem ao menos perceberem as transformações que estão acontecendo.

Para pensar a leitura neste século, será proposto um *continuum* de leitura. Nos dois extremos dessa linha contínua de leitura encontram-se dois tipos distintos de leitores. Em um ponto, o *fast-reader* representa a necessidade de velocidade diante do excesso de informação, na outra ponta, o “ultimo leitor” simboliza o leitor literário, aquele que vê na leitura uma forma de prazer próprio e de resistência às exigências do mundo alienado.

O terceiro capítulo apresenta conceitos e problemas relacionados à subjetividade. A descrição da máquina de produção da subjetividade e a noção de paradigma ético-estético, trazidas da fortuna crítica de Gilles Deleuze e Felix Guattari. A problematização acerca dessas teorias, fundamentarão as análises de como a leitura e, especialmente, a leitura literária, atuam para o processo de produção da subjetividade, mesmo em momentos marcados pelo achatamento e anulação das singularidades.

No quarto capítulo são comparados os principais pressupostos da Teoria do Efeito Estético de Wolfgang Iser, aos pormenores apresentados por Guattari e Deleuze no processo de produção da subjetividade, de modo a esclarecer de que maneira o literário atua como um novo paradigma. Os desdobramentos da leitura no século XXI e o processo de produção da subjetividade esclarecem como o objeto estético e literário pode auxiliar os sujeitos em busca de um mundo que valorize a subjetividade. Para tratar dessa relação serão retomadas as contribuições da Estética da Recepção, que coloca o leitor no centro do processo de constituição da obra literária.

No último capítulo são retomados os impactos dos avanços tecnológicos e suas reverberações no campo das artes, tanto em relação a produção quanto em relação à recepção. Também são analisados alguns comportamentos de leitura e processamento de informações pelo sujeito em contato com o ciberespaço. Em seguida, por meio do estudo de teorias cognitivas que tratam da livre associação de idéias, propõe-se pensar a leitura do literário frente à profusão de leituras que surgem no cotidiano no século XXI, como uma possibilidade, não só de operar o funcionamento da máquina de produção da subjetividade, como também de formar leitores mais habilidosos para lidar com os desafios no contexto da sociedade em rede.

Nunca se leu tanto como nos dias atuais, mas nem todas as leituras conduzem a processos de afirmação e singularização do sujeito. Portanto, esta tese demonstrará que investir em um leitor que se adapte às demandas de velocidade e quantidade de leitura, e que também consiga intervir de maneira crítica e autônoma nesse processo, significa apostar em um novo tipo de leitor, sob o qual a leitura do literário terá um importante papel a desempenhar.

A leitura da literatura será apresentada como argumento em defesa de subjetividades que proporcionem liberdade e singularização aos sujeitos, embora acreditemos que novos meios de produção de subjetividade podem estar sendo desenvolvidos por meio das novas mídias, o que não significa dizer que o tempo da leitura literária passou. É importante valorizar práticas que resgatem sujeitos singulares, sejam elas quais forem, do contrário, o excesso, a velocidade e a padronização irão pasteurizar todos os eus.

CAPÍTULO I

O SÉCULO XXI: SOCIEDADE E CULTURA CONTEMPORÂNEAS

Não pensam que o mar tem fundo, e que no fundo do mar começam a amontoar-se os impressos, primeiro em forma de pasta aglutinante, depois em forma de pasta consolidante, e finalmente como um chão resistente embora viscoso, que sobe diariamente alguns metros e acabará por chegar à superfície.

Cortazar¹

1.1- Excesso e complexidade: um mar de informações

Na epígrafe acima, o ficcionista alerta para o fato de que, se as informações, na forma de impressos, continuarem sendo lançadas ao mar, chegará um momento em que não mais haverá fluidez e que o excesso de impressos engessarà o movimento das águas.

O mundo não assistiu à cena descrita pelo contista argentino acontecer em sua materialidade, entretanto às portas do terceiro milênio, testemunha-se o início de um processo de transformação centrado nas novas tecnologias e caracterizado por uma grande quantidade e espantosa velocidade de veiculação das informações. Os livros não invadiram os oceanos, continuam nas prateleiras das estantes, mas a imagem de que estamos imersos em um oceano transbordante de informações foi comparada por Pierre Lévy (2000:15) a um segundo dilúvio: *“O segundo dilúvio não terá fim. Não há nenhum fundo sólido sob o oceano das informações. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a*

¹ CORTÁZAR, Julio. “Fim do mundo do fim” In: “Histórias de cronópios e de famas”. Tradução de Glória Rodrigues. 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p 61.

navegar.” A disponibilização de diversos e, por que não dizer, contraditórios conteúdos, metáforiza-se na imagem do oceano, sobre o qual o homem não tem controle, tendo em vista sua amplitude e constante movimentação. Para essa nova ordem, os homens precisariam adquirir uma nova conduta em relação às informações.

A diferença entre a narrativa ficcional de Cortázar e a realidade em que nós, tripulantes da era digital, vivemos hoje, diz respeito ao suporte da informação. Nem tabuletas, nem pergaminhos, nem livros. A evolução dos suportes da informação, a partir da segunda metade do século XX, graças às inovações tecnológicas, permitiu que se iniciasse no globo uma espécie de troca altamente interativa de informações. O texto digitalizado passa a estar em todos os lugares, sem existir em sua materialidade, surge com a revolução tecnológica da informação, a realidade virtual. A lógica da transmissão de pacotes protocolados permite a eficiência do acesso a informações que antes estavam restritas por questões geográficas, ideológicas e políticas. Os textos passam a ser produzidos, acessados, copiados e veiculados por meio das tecnologias digitais, encontrando na rede de informações, a Internet, simultaneamente, seu *habitat* e seu meio de propagação. Os textos ganham as telas, as telas instalam-se nas casas, nas ruas, nos edifícios, no interior dos automóveis e em diversos tipos de aparelhos móveis. O mundo transforma-se em uma teia de textos que se cruzam e entrecortam, desdobrando-se em outros tantos textos, e o indivíduo insere-se aí, algumas vezes, como seu autor, e sempre como leitor, um leitor que vagueia, percorre as linhas, perde-se e encontra-se dando vida à rede de informações.

Inseridos nessa nova realidade, os indivíduos são lançados em um mundo de textos. Até a Revolução Industrial, o número de pessoas que estava em contato com o mundo da escrita era bastante limitado. A partir da formação das cidades e com o advento da vida urbana, esse contingente foi aumentando. Entretanto, na sociedade atual, não há mais espaço para uma vida alheia à leitura. A demanda pela leitura é uma questão social e necessária. Não estamos falando da leitura pessoal por prazer, mas da leitura generalizada. A leitura de hoje vai além dos livros e da escrita. A partir do momento em que os signos passaram a trafegar livremente pelos espaços

público, privado e virtual, e que foram surgindo novos formatos para os símbolos, cifras, código, tudo passou a estar ao alcance da leitura e, portanto, nunca se leu tanto. Ler é ter acesso ao mundo, e como o mundo hoje está disposto em uma rede de conexões que promove o encontro de diversas pessoas no planeta, ainda que consideremos que existam parcelas significativas alheias a essa realidade, hoje o homem das cidades é um componente da rede de informações.

O sujeito leitor, então, passa a ser estimulado de diversas formas, sob diferentes propostas. As maneiras de ler se adaptam e se multiplicam para atender a essa nova conformação da sociedade. Portanto, pensar na leitura, hoje, é pensar na sociedade de hoje, com seus desafios e respostas. E, desse modo, é, necessariamente, ter de pensar em como as maneiras de comunicação sofreram modificações a partir da emergência da rede de informações.

Para os usuários dessa realidade, pensar em uma rede de informações pode parecer algo simples, dada a força e necessidade com que se adaptam à realidade das comunicações em rede, entretanto a lógica de funcionamento da rede é complexa e, considerando todas as novidades que foram trazidas com ela, é preciso ressaltar que, mais uma vez, desdobram-se profundas mudanças culturais e sociais advindas da intervenção da evolução tecnológica no curso da história.

Sobre a complexidade que caracteriza a entrada da humanidade no século XXI, Morin (2000:29) lembra que ela é consequência de uma mundialização das relações culturais no globo, iniciando-se a partir da segunda metade do século XX, e que agora passa a pertencer a um contexto bastante abrangente, de maneira que qualquer concepção pontual e particular tende a representar uma visão fora de contexto. O indivíduo educado, para acreditar em concepções lineares e reducionistas, muitas vezes olha o mundo por um viés limitado e prematuro. Mas, diante das transformações no globo, é preciso lançar uma reforma na maneira de pensar, é preciso conceber o pensamento como um meio, não de separar para entender, como foi concebido por uma educação de especialização e dissociação do conhecimento. Mais do que nunca, é hora de unir, de ligar as partes contextualizando-as para se poder

achar a razão, não mais linear, mas circular que gerencie o mundo e nos impulse a refletirmos sobre as questões mais importantes da humanidade.

O século XXI representa todas essas incertezas e, por isso, incita as habilidades de percepção humanas, porque as transformações fizeram deste um momento de constantes deslocamentos e encontros. A interdisciplinaridade ganha espaço porque traz à tona a teia de conhecimentos que se sobrepõem aos fenômenos sociais e culturais e descarta as análises compartimentadas. O século XXI é um momento de fluxo, de rede, de complexidade.

É certo, desde já, afirmar que não se devem esperar respostas pontuais para os problemas da atualidade. Em se tratando especificamente do que concerne à leitura e à subjetividade, os apontamentos prescindirão de um conjunto de observações que, em diálogo com algumas posturas teóricas, procuram organizar o pensamento para suprir uma imensa curiosidade.

1.2 - A Sociedade em rede e a cibercultura

A Revolução Tecnológica torna-se um ponto de intensa reflexão para estudiosos das mais diversas áreas. Além de abarcar transformações tecnológicas que ocorrem de maneira absurdamente velozes, apresenta um grupo de características bastante particulares que a eleva à condição de uma revolução em escalas ainda maiores do que a própria Revolução Industrial, isso devido, principalmente, à abrangência geográfica, à velocidade e à complexidade com que esse fenômeno acontece. Além de trazer a informação como matéria-prima, essa revolução faz com que sua penetrabilidade aconteça em diversas áreas do conhecimento. É inegável que a informação esteja na base de todos os processos culturais humanos.

Mas, seguramente, as questões que envolvem essas transformações desde o final do século XX não se encerram no campo da cultura e também não nascem singularmente em seu berço. Contudo, é na cultura que as transformações, todas elas, encontram-se, tornando-se um ponto de análise necessário e, talvez por isso, cautelosa, dada a superposição de camadas de tantas disciplinas relacionadas à construção do conhecimento.

As tecnologias digitais avançaram rumo ao século XXI aperfeiçoando e criando novas maneiras de comunicação que, conseqüentemente, modificaram vários estatutos de relacionamentos. Lévy, na última década do século XX, anunciou um dilúvio de informações no qual seriam salvas não apenas uma arca, como na metáfora do texto bíblico, mas várias e inumeráveis embarcações repletas dos mais variáveis conteúdos. Para Lévy, tudo é necessário no século XXI, não há como separar e subtrair algo de mais essencial; portanto, estaria surgindo um tempo mais democrático: a democracia da acessibilidade. Surge daí o termo cibercultura para designar as inovações e transformações culturais decorrentes da sociedade em rede, termo utilizado por Castells (1999) ao se referir ao conjunto de características da sociedade do século XXI.

A que transformação estamos de fato nos referindo quando falamos de Revolução Tecnológica da Informação? O que mudou? O mundo já assistiu a outras transformações bruscas, como a Revolução Industrial, ou quem sabe até como o Iluminismo. É preciso entender o que está no cerne da Sociedade de Informação para compreender de fato o que começou a acontecer a partir do final do século XX.

Segundo Castells (1999) para entendermos o que difere esta das demais revoluções, é imprescindível diferenciar o que é modo de produção do que venha a ser modo de desenvolvimento, pois o que estamos assistindo acontecer na última década não é a substituição do modo de produção capitalista, porque esse continua, com sua máxima de excedentes e lucros. Agora, o capitalismo volta-se para a produção e troca de informações. Pela primeira vez a força humana é uma força direta de produção e não mais apenas um dispositivo de decisões.

Como o informacionalismo baseia-se na tecnologia de conhecimentos e informação, há uma íntima relação entre cultura e forças produtivas e entre espírito e matéria, no modo de desenvolvimento informacional. Portanto, devemos esperar o surgimento de novas formas históricas de interação, controle e transformação social. (Castells, 1999:54)

As transformações decorrentes do informacionalismo acontecem em ritmo acelerado e começam a modificar as bases da sociedade. À medida que acontece a unificação de mercados financeiros, intensifica-se a concorrência econômica em escalas globais. De um lado as forças produtivas da chamada Revolução Informacional e, de outro, a proliferação de excluídos abandonados em pontos de grande miséria humana.

A globalização extrapola os campos da política e economia, e também as atividades criminosas são informacionalizadas e proliferam-se, assim, os negócios ilícitos, fraudes, crimes organizados, tudo ganha visibilidade. A rede é o espaço das possibilidades, o uso que se faz dela ainda se encontra fora de controle. A mídia, por sua vez, ganha poder em escalas cada vez maiores. É comum detectar sistemas políticos mergulhados em crises de legitimidade sendo constantemente afetados por escândalos com dependência total da mídia. Também entram em crise os movimentos sociais, tornando-se efêmeros e ineficientes, na maioria das vezes empenhando-se na defesa de interesses particulares. Diante desse mal-estar, é possível perceber a busca por identidades primárias, populações que não conseguem enxergar saídas políticas ou um projeto social confiável acabam agarrando-se a questões religiosas, étnicas, territoriais e nacionais.

A sociedade em rede é uma sociedade que vive de maneira intensa as benesses e horrores do sistema capitalista. Lévy alerta para o fato de que acreditar na disponibilidade das técnicas para pessoas livres, racionais e esclarecidas não passaria de ilusão. Não há como decidir sobre o uso de uma tecnologia que incentiva a colaboração e promove o devir. No campo da linguagem, é importante observar a progressiva mercantilização dos signos e da inteligência. Os saberes encontram-se em constante transformação e variação, é possível conhecer diversos pontos de vista e com isso o conhecimento torna-se mais processual do que antes. A leitura, então, democratiza-se sob o pretexto de inserir o indivíduo na sociedade da informação. Entretanto, torna-se cada vez mais pragmática, de maneira a obedecer à lei do consumo que se confunde com a lei da própria sobrevivência. Dessa maneira, instaura-se uma crise entre a sociedade em rede e o ser,

porque as redes globais conectam e desconectam pessoas em um fluxo contínuo de decisões estratégicas.

Por conservar velhas estruturas sociais que servem de manutenção aos mesmos moldes de um sistema que mantém desigualdades e uma economia baseada em uma relação de forças desigual, há autores que não acreditam que o termo revolução seja o mais adequado para tratar das transformações que acontecem em decorrência das inovações tecnológicas.

Revolução não é conceito que se reduza ao da mudança pura e simples, uma vez que seu horizonte teleológico acena ético-politicamente com uma nova justiça. As transformações tecnológicas da informação mostram-se francamente conservadoras das velhas estruturas de poder, embora possam aqui e ali agilizar o que, dentro dos parâmetros liberais, se chama de democratização. (Sodré, 2002:13).

Essa visão de que as relações econômicas não mudaram a ponto de se batizar uma nova revolução, segundo Sodré, é comprovada pelo fato de que a verdadeira mudança que houve diz respeito aos espaços em que ocorrem as trocas e à velocidade com que ocorrem, características que diferenciam o velho capitalismo do capitalismo global, marcado pela dissolução dos territórios comerciais. Para o autor, o novo consistiu propriamente no aumento da velocidade de deslocamento ou ‘distribuição’ de pessoas e bens no espaço”.

Entretanto, na própria concepção desse autor, encontram-se indícios de que “*aqui e ali*” ocorram fenômenos que agilizem o processo de democratização. Nos estudos de Deleuze, encontra-se a perspectiva do que o autor defende como sendo uma revolução atômica. Para Deleuze, o mundo não comporta mais mudanças que envolvam transformações perceptíveis em sua materialidade, dado o estágio avançado em que se encontra o sistema capitalista. A verdadeira transformação, para Deleuze, deve ser atômica, porque só se torna possível a partir de pontos de fuga existentes no próprio engendramento das economias o que possibilita a constante reinvenção das revoluções atômicas. É dessa ordem, por exemplo, que surgem, na rede mundial de computadores, a Internet, formas de produção que não condizem com o modelo capitalista vigente.

Ao contrário do que afirma Sodré (2002), ao apontar como inovação apenas a forma de distribuição dos bens e pessoas, é possível perceber movimentos independentes de produção que caracterizam um novo modelo de produção baseado na colaboração, onde pessoas doam sua força de trabalho para a criação de bens e serviços de uso comum. É o que acontece com a gerência do conhecimento em vários *sites* colaborativos, bem como também serve de exemplo, o modelo de *software* que é criado colaborativamente e mantém aberto seu código-fonte de maneira que qualquer usuário possa modificá-lo e utilizá-lo. Ao que parece, mesmo timidamente, a lei da propriedade é estremecida por meio de novas relações de produção e disponibilização gratuita de bens. Essas transformações, embora pareçam pequenas, são suficientes para embasar o *status* de revolução defendido por Castells.

1.3 Rizoma, rede, hipertexto

No final da década de 80, em uma reflexão ousada, envolvendo a linguagem, a sociedade e a política, Gilles Deleuze e Felix Guattari, antevendo uma nova conformação das relações constitutivas de sentido, colocaram-se a questionar o princípio estruturalista dicotômico em contraposição a uma lógica multifacetada, simultânea e bastante complexa. Os estudiosos franceses anunciavam a chegada de um tempo em que as construções de sentido não mais se dariam de maneira linear, fixa e segura, anunciavam o fim da lógica binária para um tempo de multiplicidades. O que eles descreveram foi a mudança de percepção da lógica que está por trás das construções de sentido e da ótica de observação e interpretação das relações entre sujeitos e objetos, para um novo modelo de mundo contextualizado em um sistema capitalista bastante avançado.

A imagem da raiz com um único eixo a ser desdobrado em ramificações, como a descrição feita por Noam Chomsky ao falar da raiz da linguagem, não atenderia mais a essa nova conformação de constituição dos sentidos. Estaríamos passando a um outro momento, um momento de multiplicidades, interconexões e ramificações que se aproximaria de uma

máquina, também abstrata, que relacionasse os conteúdos semânticos e pragmáticos de enunciados com toda uma política social.

A lógica que rege a organização da linguagem passaria a assumir uma forma rizomática. O conceito e a imagem de rizoma são trazidos dos estudos da botânica para se opor à idéia primordial de raiz da linguagem. Uma raiz prevê um início, um eixo principal, do qual derivam ramificações secundárias. O rizoma, por sua vez, apresenta uma espécie de raiz pivotante² e múltipla. Em linhas gerais, um rizoma foi descrito pelos estudiosos da seguinte forma:

[...] o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. [...] Oposto a uma estrutura, que se define por conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. [...] O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. [...] o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. (Deleuze & Guattari, 1995: 32-37).

Partindo da concepção de rizoma, a rede, então, seria um conjunto de rizomas em um constante fluxo de revelação de dimensões. As dimensões existentes no fluxo desses rizomas remete-nos à idéia de possibilidades infinitas e funcionamento caótico e, talvez por isso, tenha causado inicialmente, alarde e resistência por um lado, mas, uma certa sedução por outro.

O rizoma, de acordo com os autores franceses, obedece a quatro princípios:

² O termo pivotante é utilizado por Gilles Deleuze e Félix Guattari para indicar uma espécie de haste que executa movimentos circulares em torno de seu próprio eixo. No caso do rizoma, é como se todas as linhas que fazem parte desse organismo vivo estivessem em movimento constante.

Princípio de conexão e heterogeneidade. Não importa que ponto do rizoma pode ser conectado e não importa qual outro [...] elos de toda natureza são conectados a modos de codificação muito diversos, elos biológicos, políticos, econômicos etc, colocando em jogo não só regimes de signos diferentes, como também estatutos de estados de coisas, (o que eles chamarão de agenciamentos). **Princípio de multiplicidade.** Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que ele mude de natureza, é um todo aberto uma grandeza matemática. **Princípio de ruptura a-significante.** Um rizoma pode ser rompido ou quebrado em qualquer lugar, ele retoma seguindo tal ou tal de suas linhas ou seguindo outras linhas [...]. Há ruptura no rizoma cada vez que as linhas segmentárias explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. **Princípio de cartografia e de decalcomania.** A lógica do decalque como cópia não se aplica ao rizoma, esse princípio está presente na sobre-codificação de objetos. O rizoma produz mapas, abertos, conectáveis em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. O decalque está para a cartografia, assim como a raiz está para o rizoma: fazem parte do todo produtivo. (Deleuze & Guattari, 1995: 17, sem grifos no original)

Os princípios que caracterizam o modelo rizomático estarão presentes na estrutura do hipertexto e serão de grande valia para esclarecer as ações que estimulam o leitor dentro do processo de construção de sentido na sociedade em rede. Cabe ressaltar, por exemplo, a admissão de pontos de fuga dentro de uma estrutura de tal complexidade. Essas aberturas na teia de conexões darão vazão a universos existenciais não previsíveis, que possivelmente contribuirão para a produção de novas formas de subjetividade.

A rede, em linhas gerais, caracteriza-se pela conexão de inumeráveis acessos e disponibilização de informações que se entrecruzam infinitamente. A cada encontro de informações, forma-se um nó que carrega consigo uma outra infinidade de caminhos que levam a outros nós. Pluridimensionalmente disposta, em uma espécie de labirinto informacional, a rede recria ou talvez dê vazão ao mundo caótico e super iluminado do homem moderno.

Estar inserido na rede de informações, para o homem do final do século XX, torna-se uma condição pungente para sua participação na sociedade capitalista, embora se saiba que quantitativos alarmantes, sobretudo em países subdesenvolvidos, permaneçam ainda alheios às tecnologias que

caracterizam a era da informação, que aproximou povos e culturas no mundo inteiro. Independentemente das parcelas que sofrem com a exclusão digital, são perceptíveis, em diversas áreas, as mudanças ocasionadas na sociedade, inclusive o próprio problema da exclusão digital tornou-se um ponto de enfática preocupação dos governos, porque ser digitalmente excluído acarreta graves consequências para um mundo movido pelas leis do Capitalismo Global, pois o distanciamento dos excluídos digitais no processo de modernização da cultura torna-se cada vez mais abissal.

A lógica da organização em rede não está restrita apenas ao ciberespaço, tornou-se uma maneira de conceber os modos de vida do homem nas grandes cidades. Os caminhos se entrecruzam, o cidadão passeia por entre os letreiros luminosos, olha as vitrines, é acompanhado pelos *outdoors* nas avenidas. No *shopping center*, uma loja o levará a outra e mais outra, tudo é informação e oferta. Há o que vestir, o que comer, o que ouvir, o que assistir. Ler, então, torna-se a chave que abrirá a porta de possibilidades, logo, lê-se tudo e de diversas maneiras.

O consumo alimenta e é retro-alimentado pelas informações. As grandes cidades são verdadeiros hipertextos, universos de possibilidades que oferecem oportunidades inimagináveis de realização dos sonhos e, ao mesmo tempo, perigos. Os assaltos, seqüestros, assassinatos, furtos também crescem e estão por toda parte no dia-a-dia das cidades. No ciberespaço também crescem os crimes, sobretudo aqueles que são motivados pelo anonimato. Violência de todos os tipos estão na rede: grupos racistas, pedófilos, fraudadores. Seja qual for a transformação propiciada pela revolução das tecnologias da informação, ela influencia e é influenciada pela cultura moderna com seus males e benesses.

A palavra *hipertexto* é empregada-se em sentido amplo aqui para referir-se não apenas ao modelo de texto que está na base da Internet, caracterizado principalmente por uma sucessão e ramificação de conexões, mas ao sentido que a palavra carrega a partir de seu prefixo grego “hiper” que remete à superação de limites de linearidade e lógica seqüencial, possibilitando tanto a representação do pensamento humano como o processo de produção e

colaboração que, ao permitir a participação de várias pessoas, valoriza a criatividade e a liberdade de construção de possibilidades inesperadas.

A unidade texto, antes referencial para a própria definição de sentido, sofre uma espécie de fragmentação na rede, alastrando-se, permite encontros, desvios, atalhos e fugas em uma trajetória antes pensada como linear. A idéia de texto como modelo de construção de uma unidade de sentido, nessa concepção linear e contínua, não atende às possibilidades de construção de sentidos que surgem no processo de construção rizomática. O texto concebido na rede de informações irá ser chamado de hipertexto.

Hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por *links* que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animação, sons etc.), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto. (Lévy, 2000:27).

O hipertexto é um texto de formato reticular, uma armação composta por nós que formam o seu tecido, esses nós são encontros de palavras-chave que acionados e desatados poderão conduzir o leitor a outros textos, sendo que essa talvez seja a principal característica do hipertexto, ele permite que o leitor decida sobre sua própria composição, por isso as instâncias, *autor* e *leitor*, no que se refere ao hipertexto, são aproximadas e algumas vezes até diluídas.

Pensar na dimensão do hipertexto é quase inconcebível, a própria rede *www* (World Wide Web) é um grande hipertexto, onde todos os textos estão, de alguma maneira, acessíveis e interconectados. Essa idéia de acessibilidade a conteúdos diversos cria uma atmosfera de entusiasmo e otimismo, porque a promessa de que se consiga conectar o conhecimento produzido em diversas partes do globo move a sonhada sociedade do conhecimento. A Internet materializa o sonho borgeano³ de uma sociedade-livro, que encontra disponível em uma biblioteca todo o conhecimento produzido pela humanidade.

³ No conto "Biblioteca de Babel", de Jorge Luís Borges, publicado em 1970, é descrita a biblioteca que disponibiliza todas as informações da humanidade. Seu acervo é infinito e supõe registrar nos seus volumes toda a realidade existente. Não há dois

Quando se proclamou que a biblioteca abarcava todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens sentiram-se senhores de um tesouro intacto e secreto. Não havia problema pessoal ou mundial cuja eloquente solução não existisse: em algum hexágono. O universo estava justificado, o universo bruscamente usurpou as dimensões ilimitadas da esperança. (Borges, 2001:96)

Hoje a idéia delirante de acesso a um acervo ilimitado torna-se palpável por meio da Internet. Através de monitores digitais, das telas de cristal líquido e das redes de acesso espalhadas pelo mundo todo por meio de tecnologias cada vez mais avançadas, é possível ter acesso a um acervo de informações em diversas partes do globo. Mas, assim como no conto de Borges, a presunção de se querer usufruir de todo o conhecimento encontra entraves. A disponibilização da informação em excesso também não corresponde à idéia de conhecimento em abundância. O sujeito encontra limites humanos, não consegue dar conta da quantidade de informações e, ao mesmo tempo, não consegue alinhar todas as informações. O estresse também assombra o mundo das comunicações, e a corrida para alcançar as informações gera angústia, desperdício e esgotamento. Como acontece no mundo contemporâneo, a biblioteca de Babel serve de exemplo, e sobre o pretenso desejo de alcançar a totalidade do conhecimento sobre a vida, o narrador borgeano revela: *à desmedida esperança sucedeu, como é natural, uma depressão excessiva.*

1.4 - Impactos culturais e estéticos no ciberespaço

Diante de tantas possibilidades oferecidas com o advento da sociedade em rede, pode-se inferir que ela inicia uma época marcada pela liberdade, mas essa indicação está longe de ser uma certeza. O ciberespaço é um novo momento com inovações e impactos que exigem uma reflexão sobre vários postulados sociais que entram em crise.

livros idênticos, há sim, inúmeras referências cruzadas a outros livros. O conto metaforiza justamente a imagem do excesso de informações que se entrecruzam.

O ciberespaço tem como uma de suas fortes características a virtualidade e a topografia rizomática, é um mundo infinito, um universo que nasce da conexão de diversos *sites*, *blogs*, *chats*, listas de discussão, serviços de mensagens etc. A Internet é uma rede em constante construção coletiva, o que lhe garante o formato de um hipertexto gigante.

Para Lévy (1999), a Internet em si já é o maior exemplo do que a inteligência coletiva é capaz, hoje ela é uma rede que está distribuída por todo o globo, sendo impossível rastrear toda a sua dimensão. Sua capacidade de construção coletiva caracteriza possibilidades inventivas que nascem do uso das tecnologias da inteligência.

Atualmente, é inviável delimitar ou definir um ponto de controle na rede, os governos de cada país só podem fixar regras para *sites* hospedados dentro de seus territórios. Sendo assim, nenhum país conseguiu até hoje limitar o acesso de seus usuários a *sites* hospedados em um determinado espaço, dada a dimensão global da rede, porque as barreiras geográficas que delimitam e legitimam o estado de direito não funcionam na Internet.

De acordo com texto publicação do Comitê Gestor da Internet⁴ no Brasil, *“a Internet não dispõe, no âmbito internacional, de um órgão que regule, supervisione ou atue nas diferentes dimensões da tecnologia de informações do meio eletrônico, superando os limites e fronteiras regionais”*.

Surge, por meio da cultura *hacker*, uma série de organismos relacionados às políticas do ciberespaço, sendo que a maioria deles é composta por voluntários. Os integrantes desses organismos trazem alguma semelhança com o movimento hippie oriundo da contra-cultura nas décadas de 1960 e 1970. Assim como seus antecessores *hippies*, os voluntários da Internet manifestam-se contrários aos valores tradicionais do sistema político-econômico vigente.

Em 1996, de acordo com Silveira (2008:12), nos Estados Unidos, surgiu uma lei que prometia impor rigor às relações de comunicações. Em resposta a tal medida, é escrito por John Perry Barlow, no mesmo ano, o manifesto intitulado *Declaração de Independência do Ciberespaço*, em defesa dos ideais de liberdade que movem o espírito colaborativo da maioria dos internautas.

⁴ O Comitê Gestor da Internet do Brasil disponibiliza suas publicações no *site* oficial: <http://www.cgi.br/>

A principal crítica contida no manifesto vai de encontro à autoridade que os governos tentam impor ao ciberespaço. Para que haja um governo de fato, defende o manifesto, é preciso que haja consenso entre os governados, mas no caso da Internet ninguém teria sido eleito, descaracterizando o preceito da representatividade com legitimidade por meio da escolha democrática. O texto do manifesto inicia-se em tom de enfrentamento:

Governos do mundo industrial, gigantes aborrecidos de carne e aço, eu venho do ciberespaço, o novo lar da mente. Em nome do futuro, eu peço a vocês do passado que nos deixem em paz. Vocês não são bem-vindos entre nós. Vocês não têm soberania no espaço em que nos encontramos. (BARLOW, 1996)⁵

O manifesto segue esclarecendo que o ciberespaço só existe por meio das ações coletivas em um espaço social livre de regras e fronteiras. De acordo com os ideais defendidos pelos usuários que colaboram com a Internet, ela inaugura um novo modelo de sociedade baseado em um novo e próprio contrato social. O governo que surgirá na Internet, assim, será de ordem ética, sem ameaças de coação. Segue Barlow: *O ciberespaço não se limita às suas fronteiras [...] vocês não podem construí-lo, como se fosse um projeto de construção pública. Vocês não podem. Isso é um ato de natureza e cresce por si próprio.*

A liberdade do tráfego de idéias na Internet incomoda uma parcela específica da sociedade: as empresas detentoras de direitos autorais, por exemplo. A partir da disseminação da idéia de troca e disponibilização de coleções musicais via MP3, a indústria fonográfica mundial viu-se aterrorizada pelo fenômeno do compartilhamento. Esse modelo de distribuição, baseado na troca, chegou a gerenciar um acervo musical de 20 milhões de canções compartilhadas entre 8 milhões de computadores no mundo todo.

Em dezembro de 2002, três anos após sua criação, o *Napster*, programa que gerenciava as trocas dos arquivos de música, teve seus servidores desligados sob a acusação de estarem ferindo direitos autorais de obras de

⁵ - O manifesto do Ciberespaço foi publicado em língua portuguesa no site: <http://memphyx.wordpress.com/2008/04/05declaração-de-independencia-cyberspace/>.

arte protegidas por *copyright*⁶. Após o fechamento da rede *Napster*, já estava comprovado: a Internet é uma potente rede de trocas, ameaçando assim, as estruturas de um sistema econômico marcado pela propriedade. Tal fato incomodou e ainda continua incomodando empresas que enriquecem por promoverem a intermediação entre a obra de arte e o público, comprovando que a velha indústria cultural sobrevive graças à garantia que lhe é dada sobre a propriedade intelectual do artista.

A rede proporciona o compartilhamento e reprodução de arquivos, infinitamente, graças a sua natureza digital que liquida a matéria. Trata-se de um veículo irrestrito de imagens e ideias. Assim, em resposta às antigas leis do *copyright* que restringem a multiplicação e distribuição de conteúdo artístico e intelectual, surge a tutela do *copyleft*, o nome sugere uma brincadeira com seu antônimo, e tal marca valida mesmo o oposto do *copyright*, pois permite ao autor dar pleno acesso a uma criação intelectual ou artística.

Muitos artistas já perceberam que a Internet pode ser um forte aliado para a construção do sucesso, porque permite a divulgação de suas obras de maneira veloz, a baixos custos. Antes, para uma obra de arte chegar ao público, era necessário que ela passasse por uma verdadeira *via crucis* comercial: gravadoras, editores, empresas de distribuição, lojas, livrarias, enfim, a indústria cultural erigiu-se por meio da dificuldade e restrição do acesso à obra de arte.

Alguns artistas, adeptos da cultura da colaboração para driblar o fenômeno paralelo da distribuição e das trocas virtuais, já disponibilizam suas obras na Internet, ampliando assim seu público. A renda do artista passa a ser originada de forma diferente, pois, quando o produto consegue atingir real apreciação por parte do público, ele pode ser requerido e comprado pela própria Internet. Além disso, os eventos presenciais, como shows e palestras, por terem seu público já cativado por meio da distribuição de produtos digitais, passam a ser mais valorizados. O consumo da arte nesse modelo de trocas colaborativas torna-se mais racional, porque ao público é dado a conhecer o produto antes de decidir por sua aquisição ou não, o que antes só era possível

⁶ A lei do *copyright* ("direito de cópia" em português) define a extensão do prazo em que o autor pode restringir o acesso do público à sua criação artística. É o chamado direito do autor.

por meio dos sistemas de comunicação em massa como a TV e o rádio, que bem ou mal tinham total poder para divulgar apenas o que lhes interessava, ou melhor, apenas aquilo que lhes renderia algum lucro comercial. Havia um filtro injusto que separava a obra de arte do seu público. A troca colaborativa elimina as barreiras entre obra de arte e público. Segundo Bucci (apud Silveira, 2008:5):

Nem toda rede quer enredar você. Pelo menos, nem sempre. A Internet, por exemplo, pode ser uma rede tecida de liberdades, inspirada pela liberdade, que conduz à liberdade. Ou não. Se presidida unicamente pelos interesses corporativos e pelas hierarquias rígidas.

O excesso de controle, característico das sociedades autoritárias, gera indivíduos culturalmente pobres e limitados, pois, nesses casos, a apreciação está sempre submetida à permissão. A tecnologia digital, por sua vez, inaugura um tempo de novos valores culturais, pois liberta os conteúdos de seus suportes. A música desprende-se do vinil, o texto, liberta-se do papel, o filme, da película. Não se trata, contudo, de um paraíso da arte, porque as corporações também fazem uso da rede e estão cada vez mais interessadas em expandir seu domínio para o mundo digital, o que não é impossível.

CAPÍTULO II

LEITURAS E ARMADILHAS

Faz tempo que vou e venho que eu parto e retorno – estou preso numa armadilha, aquelas que as estações infalivelmente nos oferecem. Uma poeira de carvão ainda paira no ar das estações tantos anos depois de todas as linhas terem sido eletrificadas; um romance que fala de trens e estações não pode deixar de transmitir esse cheiro de fumaça. Você já avançou várias páginas em sua leitura, seria hora de dizer-lhe claramente se a estação onde desembarquei de um trem atrasado é uma estação de hoje ou de outrora; mas, ao contrário, as frases continuam a mover-se no indeterminado, no cinzento, numa espécie de terra de ninguém da experiência, reduzida ao mínimo denominador comum. Fique atento: essa certamente é uma estratégia para envolvê-lo pouco a pouco no enredo, para capturá-lo sem que você perceba – uma cilada.

Calvino⁷

O narrador do romance de Ítalo Calvino fala ao leitor e fala sobre leitura. O objeto da leitura revela-se na figura do próprio leitor, ele é o alvo das armadilhas, é ele quem tem os olhos embaçados pela fumaça que emana da torrente temporal de um presente misterioso. Toda experiência de leitura é um ir e vir por estações que intervalam uma viagem sem fim, por isso o leitor atento deve acompanhar os movimentos que demarcam o desconhecido, com malícia, porque o terreno da leitura está repleto de emboscadas.

O tema leitura é recorrente em pesquisas e discussões que envolvem várias áreas do conhecimento, sobretudo aquelas relacionadas à educação, pois a leitura é condição primeira para o desenvolvimento das competências⁸

⁷ CALVINO, Ítalo. *Se um viajante em uma noite de inverno*, 1999 p.19-20

⁸ A noção de competência empregada aqui está apoiada na concepção proposta por Perrenoud (1999). Para o autor, desenvolver competência está relacionado à *capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiado em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles*. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, via de regra, mobilizar vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos, algumas vezes elementares e esparsos, outras vezes complexos e organizados em redes.

do sujeito. Para além do contexto da escola, entretanto, a leitura está presente no comportamento cotidiano do homem, ler é uma prática social e, portanto, reveladora de hábitos que contribuem para a compreensão das transformações culturais.

O domínio da linguagem torna-se perceptível por meio de duas ações que interagem entre si: leitura e escrita. Não é possível pensar a escrita dissociada da leitura; entretanto, para fins específicos, é possível fazer o contrário, desde que se tome o devido cuidado de considerar que a leitura é um processo que antecede, atravessa e continua o processo de constituição de textos. Há ocasiões, inclusive, em que os papéis de leitor e escritor fundem-se, fenômeno bastante presente no atual contexto de práticas de linguagem fortemente marcadas pela interatividade.

Neste capítulo o foco de investigação é a leitura, ação que decorre dos estímulos textuais como provocação à constituição de sentidos. Para tal investigação, entretanto, serão analisadas algumas noções de texto a fim de nortear a proposição e sistematização de conceitos que contemplem os diferentes modos de leitura praticados na atualidade. Diante das múltiplas possibilidades de leitura, será apresentado um sistema flexível de performances leitoras, o qual será chamado de *continuum de leitura*. A caracterização desse *continuum*, seu funcionamento e mobilidade pretende esclarecer que, assim como a concepção e classificação de texto desenvolveu-se na última década, a maneira de significar e processar esses textos também encontra-se em constante transformação.

2. 1 – Enovelando uma noção de texto

A imagem do novelo representa justamente o desafio inicial de tentar desembaraçar a teia ampla e densa que contempla as diversas concepções de texto. Atualmente é comum defrontar-se com denominações que, ao concorrerem para o mesmo fim, geram equívocos entre os conceitos de texto, discurso, gênero textual etc. É comum, ainda, em decorrência da imprecisão conceitual que motiva o uso aleatório de tais conceitos, a classificação indevida dos gêneros literários como sendo parte da classificação dos gêneros textuais,

uma distribuição que não é sequer razoável, pois se referem a categorias com gêneses totalmente distintas. A primeira categoria, a dos gêneros literários, leva em consideração principalmente a natureza da representação, enquanto a segunda, relaciona-se com a pragmática social que se faz do texto.

Para evitar maiores deslizes conceituais, propõe-se uma breve reflexão acerca do conceito de texto com base em estudos lingüísticos recentes que questionam alguns preceitos ultrapassados. São as investigações fundamentadas no uso que se faz da linguagem que têm colaborado para o estabelecimento de noções que permitem compreender os fenômenos comunicativos frequentes no mundo atual.

A noção de texto mais adequada para tratar das questões de compreensão e leitura na história recente da humanidade não deve se ater ao texto como objeto em si, preso em sua materialidade e isolado de seus contextos, interlocutores e intenções. Portanto, é na *linguística* sócio-interacionista que se apoia a noção de que um texto não existe *a priori*, ele é construído na interação de seus interlocutores e inserido em um contexto social.

A proposta sócio-interacionista advém dos estudos que concebem a língua como um organismo construído no meio social. Ainda que realizada por um ser individual, a linguagem, como elemento que dá forma ao pensamento humano, é caracterizada por uma dinâmica de funcionamento dialógica, uma vez que o sistema de enunciação se baseia na perspectiva de um *eu* que se dirige a um *outro*, e é nessa relação com o outro que se dá a própria constituição do *eu*.

O autor de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, M. Bakhtin (1979), defende que a língua é um fenômeno dialógico, ao propor uma concepção da linguagem atrelada às relações sociais.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin & Voloshinov, 1979: 109)

A partir desses preceitos, a linguística textual procura conjugar no estudo da linguagem não só os aspectos estruturais da composição do texto, mas também os atores externos que dão sentido à sua realização. Essa é a dinâmica que faz da linguagem um processo complexo de significação do próprio sujeito.

É preciso ressaltar que se instala no interior do sujeito uma noção de *eu* que só pode ser delineada a partir da percepção do *outro*, o que permite dizer que, se a perspectiva sócio-interacionista admite a relação contextual como determinante da constituição do texto, não se pode ignorar que o que está em jogo também é a própria subjetividade. Faraco (apud Marcuschi, 2008:22) sugere que *o estudo da interação na linguagem é essencial para entender não apenas o funcionamento da linguagem, mas também o surgimento da própria subjetividade.*

É em Marcuschi que se encontra a noção de texto como o local onde se dá a interação. Para ele, só é possível haver uso significativo da língua nas inter-relações pessoais e sociais situadas.

[...] todo o uso e funcionamento significativo da linguagem se dá em textos e discursos produzidos e recebidos em situações enunciativas ligadas a domínios discursivos da vida cotidiana e realizados em gêneros que circulam na sociedade. (Marcuschi, 2008:22).

O texto é o objeto observável, o fenômeno linguístico empírico que revela todos os elementos que permitirão o acesso aos demais aspectos que poderão ser submetidos às demais análises, como as investigações discursivas, por exemplo. O discurso, por sua vez, trata da intencionalidade marcada ideologicamente e perceptível por meio das estruturas textuais.

Entre a forma observável, texto, e a estrutura analisável, discurso, situa-se o gênero textual. Os gêneros textuais são entidades comunicativas e como tais sofrem variações de acordo com as exigências das situações de comunicação.

Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são

modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula (Coutinho, 2004 apud Marcuschi, 2008:84).

O texto é a realização comunicativa preche de sentidos que pode ser realizável dentro de uma vasta gama de gêneros textuais, mas isso não quer dizer que não se possa fazer referência a diferentes tipos de texto, pois o texto continua passível de distinções baseadas em critérios formais da linguagem, os quais serão definidos por seus traços linguísticos predominantes. Esses traços podem ser observados em sequências de enunciados e, não necessariamente, no texto todo. Portanto, classificações categóricas que concebiam o texto como sendo apenas argumentativo, ou descritivo, ou narrativo, tornam-se obsoletas quando se trata do uso que o falante faz desses recursos em enunciados que podem se alternar dentro de uma mesma realização textual.

É possível, por exemplo, no gênero textual *anúncio* perceber traços do texto argumentativo e traços do texto descritivo. A essa ocorrência dá-se o nome de heterogeneidade tipológica, uma construção cada vez mais comum no uso cotidiano que se faz da língua. Logo, os tipos textuais, ao contrário dos gêneros textuais, têm sua classificação reduzida a apenas quatro ou cinco tipos, já os gêneros não são passíveis de uma contabilização exata, visto que eles são fundados a partir do uso que se faz da língua e, portanto, surgem e desaparecem à medida que a sociedade se transforma.

Hoje é possível falar de gêneros textuais que não existiam há alguns anos, como o *e-mail*, o *blog*, o *chat*, o *torpedo*, textos que ocupam atualmente a categoria dos chamados gêneros digitais. Essas realizações da linguagem, atreladas ao cotidiano dos falantes, a partir do final do século XX, surgem juntamente com o advento das tecnologias digitais. Esses textos carregam algumas características em comum, como a não-linearidade discursiva, a fragmentação, o uso recorrente de abreviaturas, uma crescente aproximação das variantes de registro das realizações típicas da oralidade, além da utilização premente de recursos visuais.

Os gêneros que emergem no contexto das tecnologias digitais causam certa polêmica, justamente porque aproximam a escrita do uso oral da língua, fenômeno que pode ter, dentre outras motivações, a influência dos ambientes

de conversas virtuais, os *chats*. Esses ambientes proporcionam a interação rápida entre pessoas que estão geograficamente distantes, mas que se encontram interligadas pela rede mundial de computadores no mesmo espaço virtual de comunicação. Além de uma série de abreviações e siglas que subvertam as normas esperadas da modalidade escrita da língua, os gêneros digitais também causam euforia à medida que proporcionam encontros que promovem intensa comunicação. Os usuários da Internet estão cada vez mais se tornando interlocutores no mundo digital. As conversas instantâneas, as comunidades virtuais e os *blogs* são exemplos de processos comunicativos cada vez mais reivindicados pelos sujeitos na era digital. Tal fenômeno também pode ser compreendido ao considerarmos não apenas o fato de que o ciberespaço promove um ambiente de interação altamente participativo, mas, sobretudo um lugar onde as atividades de ler e escrever são ações constantes e simultâneas.

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos lingüísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade lingüística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais.(Marcuschi, 2005: 13).

Diante do cenário comunicativo presente nas cidades modernas, caracterizado pela intensa exploração de palavras e imagens, a concepção de texto amplia-se e surgem não apenas os gêneros textuais, mas novas modalidades textuais, visto que a forma do texto passa a admitir componentes que não são de ordem apenas verbal. O texto multimodal⁹ é composto pela fusão da imagem à linguagem verbal, podendo inclusive fazer uso de recursos sonoros, e passa a ser um tipo de texto a mais a ser considerado, porque pode ser explorado em diversas situações discursivas, dada sua complexidade.

⁹ Texto constituído de vários modos semióticos. Não se trata mais de um texto carregado de imagens meramente ilustrativas, mas de imagens que carregam consigo parcial ou totalmente a composição do significado do texto. A ascensão dos recursos tecnológicos possibilita o avanço na utilização de recursos visuais e sonoros na composição de textos.

O surgimento do texto multimodal traz à tona o questionamento sobre o excesso de valorização que o mundo ocidental atribuiu aos sistemas alfabéticos, visto que no oriente, as imagens sempre foram exploradas como o nascedouro do significado. O uso que se faz dos recursos imagéticos e sonoros nos textos produzidos principalmente em meios tecnológicos, como o computador, reivindicam do leitor uma atenção diferenciada para o significante. Muitas vezes não há texto verbal a que submeter o sentido, é preciso, então, depreender das imagens, o significado.

Nas sociedades letradas do ocidente, existe a crença de que a comunicação é representada exclusivamente pelas modalidades de língua escrita e oral. Esse entendimento, entretanto, tem sido contrariado por autores como Jaques Derrida (2001) e Julia Kristeva (1967), que acusam o logocentrismo de ser o pilar de estruturas patriarcais. As práticas discursivas cotidianas opõem-se a essa tradição de valorização excessiva da língua escrita e oral e, pelo seu expressivo uso, testemunham em favor da imagem como a forma de comunicação mais eloqüente. (Vieira, 2007:10).

Não só o texto multimodal, mas também o hipertexto lançam o leitor em uma dimensão de desafios contínuos. “Em ciências da informação, o hipertexto é, antes de qualquer coisa, um complexo sistema de recuperação da informação de forma multidimensional, dinâmica e interativa.”(Parente, 1999:80). Trata-se de um texto enciclopédico que permite o acesso às variações e detalhes de outros textos. Ou seja, o hipertexto é a evolução de suporte de uma maneira de conceber o texto já em outros tempos, com notas, referências, classificação, bibliografia etc. Entretanto, antes, essas informações estavam dispostas de maneira linear, mais organizada e hierárquica; o que acontece atualmente com o hipertexto é uma associação caótica, rizomática, múltipla e processual.

A ausência de linearidade nessa interface tecnológica pode criar algumas restrições em relação à leitura compreensiva. Marcuschi (2005) alerta que o fragmentado acesso ao conhecimento oferecido pelo hipertexto da Internet pode desviar o leitor do caminho de constituição do sentido, uma vez que a falta de sequência e de topicidade definida, liga textos não

necessariamente correlacionados, o que traz como consequência, uma leitura superficial e interrompida.

O excesso de ofertas no hipertexto pode conduzir a escolhas inconsequentes e, por isso, o leitor desse tipo de texto precisa ter mais conhecimento prévio e bastante segurança acerca daquilo que busca, do contrário pode perder-se e incorrer várias vezes no desperdício do próprio tempo. Superar esse contato imaturo com o hipertexto e poder fazer dele um uso mais proveitoso requer do leitor competências cognitivas mais complexas.

É nesse ponto que o hipertexto exige leitores com habilidades mais elevadas. O leitor do século XXI deverá ser aquele leitor altamente capacitado, pronto a encarar os desafios de um texto em constante reformulação; entretanto, é possível observar o surgimento nesse contexto de outro tipo de leitor, um leitor sem interesses determinados, disperso e desatento.

Se o texto nasce do uso que se tem feito da linguagem, o século XXI reúne realizações linguísticas associadas às novas tecnologias da informação que rompem algumas concepções e, por conseguinte, demandam maneiras específicas de o indivíduo captar e processar as informações.

2.2 - Desafiando uma noção de leitura

Em uma concepção restrita, a leitura pode ser definida como o processo linguístico de transição de um sistema gráfico e fonológico para um sistema de constituição de sentido. Esse processo de transferência de um sistema simbólico para uma esfera de sentido é, em primeira instância, um mecanismo cognitivo, do qual a compreensão é sua consequência desejável. A leitura, assim, entendida como um processo mental e cujo funcionamento o sujeito não possui consciência, produz respostas aos estímulos externos. O produto desse mecanismo é a compreensão.

Outra abordagem, amplamente difundida na atualidade, entende a leitura como qualquer processo de interpretação. Nessa perspectiva insere-se a concepção do ato de ler como atribuição dos sentidos. Martins (1994:30), desenvolvendo uma definição de leitura mais abrangente, afirma que é preciso considerá-la como um *processo de compreensão de expressões formais e*

simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Em seguida, essa autora propõe a compreensão da amplitude do que venha a ser a leitura pelo estudo de seus níveis: o nível sensorial, o nível emocional e por fim, o nível racional. Nessa perspectiva, a percepção captada pelos nossos sentidos é de fundamental importância para a constituição de significados. A leitura sensorial, à qual se refere Martins, pode realizar-se por meio da visão, do tato, da audição, do olfato e do paladar, e é a primeira experiência de leitura que desenvolvemos, desde crianças.

A visão possivelmente seja, nesse contexto, o sentido mais reivindicado quando nos referimos à leitura. O olhar é a experiência que capta o mundo com suas imagens, cores e formas, ou ainda como defende, desde o título, o documentário, dirigido por João Jardim e Walter Carvalho, o olhar é a *Janela da Alma*¹⁰. Antes do reconhecimento das emoções e do desenvolvimento de critérios racionais, os sentidos, sem que sejam feitos grandes esforços, impulsionam os indivíduos a lerem o mundo a sua volta.

Em contrapartida, Morais (1996) acredita que aderir ao posicionamento de que todo processo de compreensão é um processo de leitura é uma atitude perigosa, porque tal posicionamento conduz à crença de que a leitura, como meio de entender os estímulos do mundo, é algo que se adquire e se desenvolve naturalmente, o que para ele é um grande equívoco, pois, se assim fosse, a escolarização não seria necessária para a aquisição das habilidades inerentes à leitura como processo linguístico de construção do conhecimento.

A inconsistência da proposição de que a leitura é um canal de compreensão natural, decorre da confusão que se faz entre leitura e percepção, explica Morais. A visão, por exemplo, dá ao sujeito a percepção de formas, cores, tamanhos, mas não garante ao sujeito a compreensão de tudo o que vê. Segundo ele, à medida que essas informações visuais são processadas cognitivamente, elas irão gerar informações que desencadearão sua compreensão. E é esse processo completo que se entende por leitura.

¹⁰ *Janela da alma*, documentário brasileiro produzido em 2001 e comercializado a partir de 2003, apresenta relatos de personalidades importantes, como o Nobel de literatura José Saramago, o cineasta Win Wenders e o fotógrafo esloveno, que é cego, Evgan Bavcar. Todos falam sobre a visão, suas armadilhas, suas deficiências e, sobretudo, sobre as emoções que acompanham as viagens de representação do mundo na memória e no imaginário das pessoas.

Sendo assim, nem toda a pretensa leitura atingirá o esperado grau de compreensão, visto que a leitura é processo e, como tal, pode ser bem sucedido ou não, de maneira que uma leitura só poderá ser considerada eficiente quando a compreensão for alcançada.

É importante considerar também a evolução da própria constituição do texto. Se antes o texto era vulgarmente compreendido como uma página preenchida por caracteres da escrita, hoje a materialidade do texto é composta por diferentes tipos de recursos, a exemplo dos textos multimodais. Sendo assim, o processamento da leitura não pode mais prescindir das percepções sensoriais por estes reivindicados.

Cotejando as concepções de Morais e Martins, nota-se que, se para a última, a leitura é um processo de interação sensorial, racional ou emotiva, para aquele, a leitura é um mecanismo lingüístico e cognitivo restrito à linguagem verbal. Uma junção dessas duas proposições constitui uma possibilidade de compreensão da leitura nos dias atuais de forma mais coerente com o modo de vida do homem contemporâneo, pois, se pensarmos nos estímulos aos quais esse sujeito é submetido, as duas concepções de leitura se complementam. Tanto é necessário avaliar o processo cognitivo, como também é necessário considerar as múltiplas possibilidades de estímulos textuais a que o indivíduo é exposto.

Reunindo os aspectos cognitivos e lingüísticos defendidos por Morais e os processos de percepção de estímulos sensoriais apresentados por Martins, obtém-se uma noção-síntese em que a leitura deve ser considerada como um mecanismo lingüístico-cognitivo do processamento de textos em seus diversos gêneros, cujo êxito pode ser aferido de acordo com a compreensão alcançada ao final deste processo.

A concepção que restringiu a leitura à linguagem verbal, seja ela oral ou escrita, foi por muito tempo privilegiada no ocidente; mas as imagens pictóricas sempre estiveram presentes nos sistemas simbólicos do mundo oriental. Na história recente, contudo, o avanço do capitalismo global e o avanço das tecnologias de informação promoveram a disseminação de outros meios de comunicação, como o cinema, a televisão e mais recentemente o computador e a Internet. Esta é, de todos os meios de comunicação existentes, o que mais

produz e difunde textos híbridos. Os textos que circulam em meios digitais mesclam a linguagem verbal a imagens, sons e movimentos, criando uma atmosfera de estímulos que interage com diversas linguagens.

Alguns especialistas em leitura afirmam que não há um processo de compreensão de texto escrito, mas que há vários processos de leitura, sempre ativos, tantos quantos forem os objetivos do leitor, muitas vezes esses determinados pelos tipos ou formas de textos. (Kleiman, 2007:32)

A imagem de um novelo com que se apresentou inicialmente a idéia de texto, aqui é complementada pela ação de desfiar. A leitura é a ação de tentar percorrer o fio lógico que permite resgatar tanto a intenção como o sentido do conteúdo tecido. Na sociedade em rede, muitas são as configurações que o leitor poderá adotar de acordo principalmente com sua intenção de leitura e com o formato do texto que se lhe apresenta. Desfiando a rede de possibilidades leitoras, pontuam-se nesta tese duas performances extremas para a atuação do leitor na contemporaneidade: em um ponto encontra-se o ***fast-reader***, no outro, o “***último leitor***”.

2.2.1 - O *fast-reader*

Chegando ao final da primeira década do século XXI, um século fortemente marcado pela velocidade das comunicações e facilitação do acesso às informações, é importante repensar um conceito de leitura que não esteja condicionado pela onda de exageros proféticos do início do século e que seja livre dos discursos mais entusiasmados. Em tempo, este é um momento propício para uma reflexão menos asoberbada ou assustada a respeito dos impactos das novas tecnologias no universo da leitura, pois as crianças que nasceram sob o signo das novas tecnologias como grandes novidades, já estão alfabetizadas e os que assistiram a essa revolução com receio e curiosidade também já carregam seus aparelhos portáteis por aí. A cibercultura já não é mais uma ficção, é uma realidade que engloba concepções culturais, políticas e sociais bastante significativas.

O cidadão deste século lida rotineiramente com a automatização de uma série de serviços, como caixas eletrônicos, porteiros eletrônicos, sistemas de monitoração com câmeras filmadoras, aparelhos de localização etc. Todos esses aparatos têm seu funcionamento relacionado a mecanismos de automatização e programação que exigem do indivíduo uma capacidade mínima de leitura.

“O leitor moderno vive em um mundo de signos, está cercado de palavras impressas; no tumulto das cidades, ele se detém para recolher papéis atirados na rua, deseja lê-los” (Piglia: 2006: 23). O desejo de leitura de que fala Piglia atua sobre o homem contemporâneo como uma espécie de vício, entretanto não lhe garante o prazer de desfrutar de seu “vício”. O leitor urbano não consegue deter-se para ler, não há tempo reservado à leitura, portanto ela acontece paralelamente às suas atividades cotidianas.

Ler, prática antes associada ao silêncio, à solidão, ao recolhimento e à reflexão, no contexto da assoberbada e agitada vida moderna, assume algumas variações decorrentes da necessidade do indivíduo, não só processar a grande quantidade de informações que recebe, mas também de interagir com as máquinas. É impossível ignorar, por exemplo, o fato de a grande maioria das pessoas nas cidades utilizarem aparelhos de telecomunicação móveis, que servem tanto como meio de comunicação a distância, como também servem de estímulo à leitura e escrita cotidiana de mensagens que são geradas, enviadas e recebidas em um curtíssimo intervalo de tempo pelos interlocutores.

Coexistem, nesse cenário, a leitura concentrada, a leitura despreocupada, a leitura prazerosa, a leitura da necessidade momentânea, a leitura não-planejada, a leitura apressada, dentre outras. De forma que o sujeito leitor desenvolverá habilidades diversas para situações específicas de interação.

A falsa crença de que o leitor é aquele que caminha ao encontro de um oásis de conhecimento é brutalmente abalada em virtude da proliferação, multiplicidade e velocidade de mensagens e conteúdos em circulação e transformação constante pelo meios de veiculação e produção das mensagens. As mudanças, que sempre aconteceram no correr da história, desta vez somam-se umas às outras e aceleram-se vertiginosamente. A sobrecarga de

informações impele o sujeito das grandes cidades a uma necessidade constante de atualizar-se.

As relações interativas em que este leitor se encontra na contemporaneidade colocam-no em um constante clima de tensão, intuição e exposição. A avalanche de informações que se metaforiza na imagem de um dilúvio, ao mesmo tempo em que oferece a sonhada democratização do conhecimento, convida o sujeito moderno a arriscar-se. O risco, então, impõe-se como uma condição no mundo das virtualidades. O mergulho do leitor nesse contexto, se amador, pode ser fatal, pois as armadilhas se tornam cada vez mais arrojadas e sutis em decorrência das facilidades de criação de espaços virtuais e do acesso a toda sorte de jogos, consumo, negócios e relacionamentos. Mas, se a aceitação do risco como condição parte de um leitor autônomo e crítico, pode ser que a subjetividade encontre nessa experiência uma oportunidade importante para realizar-se livre de paradigmas pré-fixados e, conseqüentemente, previsíveis; o que dificilmente espera-se de um *fast-reader*. O risco oferece perigos, mas também possibilita a descoberta de outras perspectivas de enfrentamento dos acontecimentos que constituem a realidade enquanto evidência.

De ordem prática, a maioria das demandas por leitura na rotina do cidadão contemporâneo reveste-se de rapidez e dinamismo. Na era da informação, a leitura tem seu *status* elevado a uma condição primordial, pois a organização da sociedade em rede exige do sujeito a capacidade de fazer conexões e interpretações constantemente, visto que o acesso às informações, aos serviços e ao consumo realiza-se em uma sociedade altamente paramentada do ponto de vista da linguagem, o que eleva o *status* da leitura à condição básica de sobrevivência nas grandes cidades, uma leitura longe de ser refinada.

A prática de significação das mensagens que exige estratégias de mobilização e articulação de conhecimentos prévios passa a processar-se de maneira mais superficial e imediata, pois a leitura do homem que transita pelas ruas e pela rede de informações está muitas vezes programada pelo próprio sistema, não admitindo digressões ou intervenções, pois se trata de uma leitura monossignificativa. Nesse caso, o risco que o sujeito corre é o de realizar uma

recepção passiva que não possibilite seu engajamento em um processo crítico de processamento do conhecimento, o que se apresenta como uma experiência redutora do ponto de vista do desenvolvimento de subjetividades.

Quando a informação se transforma em mercadoria, ler pode transformar-se em apenas mais uma forma de troca, uma faceta do consumo que colabora para o engessamento do próprio pensamento. Nota-se, inclusive, que o avanço da era da informação acontece paralelo às crises de um sistema econômico global fortemente marcado pela facilitação e aquecimento do mercado consumidor. Em um mundo onde as tecnologias da informação transformaram-se em produtos de máxima absorção pelo mercado, ler é um pré-requisito para o ato de consumir. A pseudo-democratização da informação juntamente com a formação de mercado consumidor passa igualmente pela necessidade de manter a evolução de uma sociedade letrada, o que possivelmente justifique a busca por programas de alfabetização, cujo objetivo, tantas vezes, não ultrapassa a capacitação de indivíduos que interajam e reafirmem um sistema baseado na lógica de consumo cada vez mais automatizado e irracional.

Se a alfabetização é o meio que garante ao sujeito a capacidade individual de ler e escrever compreensivamente em uma dada língua, percebe-se que as exigências sociais de interação do sujeito na vida prática vão além dessa capacidade individualizada de compreensão das palavras. Não basta conhecer o sistema simbólico de uma língua para atuar no mundo altamente sofisticado dos signos. É preciso fazer uso efetivo do conhecimento lingüístico para se afirmar como cidadão e pessoa, e isso só é possível quando a comunicação permite que o sujeito leitor analise, interpele e imponha-se criticamente, o que, na maioria das vezes, não acontece quando o leitor atua como *fast-reader*.

A preocupação com o letramento¹¹ e o pragmatismo da leitura vão, de alguma maneira, ao encontro de um leitor prenhe de necessidades sociais elementares, aquele sujeito que vive a leitura como uma experiência de

¹¹ Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos. (cf Scribner e Cole, 1981 apud. Kleiman, 1995:19).

pertencimento ao sistema social vigente. O risco, nesse caso, permite viver o desafio de transitar em um sistema complexo e arrojado, e como tal, muitas vezes prepara armadilhas que, dependendo do despreparo do leitor, podem ser fatais quando impedem a singularização. O indivíduo, simplesmente, não compreende o espaço por onde transita e se deixa levar por esquemas comunicativos que tolgem sua capacidade crítica.

O letramento é interpretado pelos estudiosos da área como um fenômeno decorrente do impacto social da escrita (Kleiman, 1991), o que o difere da alfabetização escolar, que destaca competências individuais no uso e na prática da escrita. Se a alfabetização no seu modelo tradicional é um método preocupado em repassar aos sujeitos o conhecimento dos códigos de uma língua específica, o letramento avança porque aloca esse sujeito em uma esfera social e ressignifica sua relação com a linguagem.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (Kleiman, 1995:20)

Sabe-se, entretanto, que o acesso à leitura sempre foi, desde as mais remotas sociedades letradas, restrito a uma pequena parcela da população. E quanto maior a desenvoltura dessa competência, mais elitizada torna-se tal capacidade. Ao que parece, isso não muda com a sociedade da informação. Essa leitura rápida e fragmentada é, na maioria das vezes, uma leitura que reproduz um exercício de interpretação que se resume a uma resposta rápida, já traçada. Ler de maneira significativa, entretanto, não pode resumir-se ao ato de responder a uma demanda social. O *letramento* ultrapassa os limites da alfabetização e fornece ferramentas para o sujeito enfrentar os desafios

impostos pela sociedade, mas, além desses obstáculos, há algo além, aliás, há algo anterior. Antes do social e dentro dele, existe, ou pelo menos deveria existir, o lugar da subjetividade, da liberdade de realização do eu.

O que acontece em detrimento dessa emancipação do sujeito, entre o sujeito alfabetizado e o indivíduo letrado, é o surgimento de uma modalidade de leitor que, tendo muito ou pouco conhecimento da língua, não encontra tempo nem necessidade para uma leitura mais aprofundada e crítica. Esse leitor será denominado - nesta tese - de ***fast-reader***.

A expressão *fast-reader* não equivale à idéia de leitor dinâmico, que corresponderia ao executor de uma leitura dinâmica, mas àquele que lê de maneira casual, rápida e quase involuntária. A inspiração para o termo procede da analogia com a expressão *fast-food* (comida rápida), comida que pode ser preparada e consumida de maneira rápida, geralmente fora de casa, um hábito decorrente da vida pública do homem urbano. O *fast-food* virou sinônimo de um estilo de vida estressante que vem sendo criticado desde o final do século XX. As conseqüências de tornar o *fast-food* um hábito são doenças relacionadas à obesidade, uma das maiores causas de enfermidades na atualidade. Há hoje alguma resistência a esse tipo de consumo. O principal movimento organizado de contraposição é chamado de *slow food* ("comida lenta"), e teve sua origem na Itália, no ano de 1986. O *fast-reader* sofrerá as benesses e males de uma prática leitura acelerada.

Sem ter necessariamente sido formado como leitor pela escola, ele é, sobretudo, um produto da sociedade letrada inserido no capitalismo avançado. Essa modalidade de leitor não é uma novidade genuína do século XXI, possivelmente ele começou a desenvolver-se à medida que as ruas das cidades se transformaram em galerias iluminadas onde era possível passear e consumir. Desde a descrição do *flaneur*¹² benjaminiano é possível encontrar características desse tipo de leitor, que olha e lê o mundo em movimento pelas

¹² A atividade do *flaneur* descrita por Walter Benjamin está relacionada, principalmente, com a conquista da rua pelo sujeito que começa a fazer do mundo público uma necessidade e virtude. Se o *flaneur* é aquele que perambula ocioso expondo-se pelas ruas, temos nele alguns indícios que caracterizam o *fast-reader*, hoje tão exposto nos meios de comunicação em rede.

ruas. Ao abandonar o espaço da privacidade para contemplar as galerias, o *flaneur*, como descreve Walter Benjamin, torna-se o habitante das ruas.

Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivainha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. Que a vida em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo: eis o pensamento político secreto da escritura de que faziam parte. (Benjamin, 1989:35).

Se o *flaneur* foi tomado por uma paixão pela contemplação das ruas e vitrines iluminadas que projetavam seus sonhos e aventuras, o *fast-reader* vê-se inebriado pela observação do mundo que desfila nas telas por meio da comunicação digital, sobretudo a Internet, a configuração de um mundo acessível em diversas tecnologias digitais, inebria e conquista os sujeitos contemporâneos. A exposição das pessoas, por meio da publicação de perfis, fotografias, diários virtuais, comunidades, redes de relacionamento, é tão atrativa quanto eram as ruas iluminadas da Paris do Século XIX. É a transfiguração da realidade por meio de aparatos tecnológicos que conseguem dar à realidade um aspecto de novidade antes nunca vista.

O *fast-reader*, entretanto, sofre irrevogavelmente as pressões de um tempo fluído que sempre lhe escapa, o seu tempo esvai-se, por isso ele é movido pela pressa de quem sempre está perdendo alguma coisa, donde advém a sensação de angústia de quem não consegue assimilar todas as informações expostas. Essa angústia e pressa é o que desvia o *fast-reader* da figura do *flaneur*. O *flaneur* era movido, sobretudo, pelo encanto pelas ruas, não havia pressa, os passeios recém surgidos na rua ofereciam-lhe uma segurança mínima, pois eram um caminho que apresentava uma rota a ser seguida, ainda que o recente movimento dos carros anunciasse premonitoriamente o perigo da convivência entre homem e máquina. O espaço da rua dividido por transeuntes e automóveis estava bem delimitado, mas já

apresentava o embrião da aventura errante do lançar-se para além da segurança das casas.

Os passeios públicos desenvolveram-se e tomaram a forma de galerias iluminadas, caminhos cobertos de vidros e revestidos de mármore, através de blocos de casas, cujos proprietários se reuniam para especulações. As galerias no século XIX foram a nova descoberta do luxo industrial e representaram um mundo em miniatura, e logo estavam eleitas como passagens prediletas dos passeadores e dos fumantes em meio à multidão urbana. Acreditava-se que era possível entediar-se em meio aos passantes, porque era comum que essas pessoas, desfrutando da calma de passear e contemplar as galerias, fossem tomadas pela nostalgia de um tempo que estava se encerrando. As galerias foram um meio termo entre a rua e o interior das casas, é o início do vaguear, que, a partir do final do século XX, atualiza-se nas ações que traduzirão o “navegar”.

Enquanto o *flaneur* do século XIX tinha calma e contemplava as ruas pelos seus passeios, o *fast-reader*, como o próprio nome indica, tem pressa. Em comum ambos têm a paixão pelo mundo exterior, a exposição de si e a observação constante do mundo e do outro, seja ele representado por meio de vitrines, fotografias ou por meio de uma interface digital. O modelo *fast-reader* vai se consolidando à medida que a sociedade em rede evolui com seus espaços virtuais, propagandas em excesso, links, hiperlinks etc. O enredamento é a razão que faz com que o *fast-reader* esteja inserido na sociedade de informação. A rede representa o mundo vivo, logo, o tédio, antes presente na rotina do *flaneur*, dá espaço à angústia.

O *fast-reader* não transita por um passeio público delimitado, a ele não é garantido o mínimo de segurança, ele lança-se no turbilhão de transeuntes, internautas, mensagens e caminhos que sempre se entrecruzam e bifurcam; portanto, é comum e faz parte de seu cotidiano perder-se em meio às informações. Sua condição, ressalta-se, é a de correr riscos, porque as leituras superficiais e atropeladas são alvo de armadilhas de toda sorte. É na leitura como experiência do erro, em que a tentativa se transforma em estratégia possível que se instaura o perigo como ambiente insalubre de transgressão e

perversidade à espera de quem se introduz nos paraísos artificiais moralmente duvidosos prometidos pelas páginas digitais.

Mas, se por um lado algo de ruim assombra esse tipo de leitor, a experiência que admite o erro, entende a leitura como aventura errante com caminhos imprevisíveis que conduzirão o sujeito por universos existenciais desconhecidos. Essa experiência errante pode guardar surpresas que conduzirão o leitor a novas formas de conceber a subjetividade, mas que ainda não estão suficientemente esclarecidas, por isso oferecem, como tudo aquilo que é novo, um misto de medo e fascínio.

O mundo virtual representa as vitrines da sociedade contemporânea onde tudo está exposto. A Internet, de certa forma, torna-se uma das principais moradias do *fast-reader*. A rede oferece-lhe as notícias mais recentes: conversas instantâneas, diários pessoais, mercado, finanças, cultura, música, imagens; enfim, o mundo por meio de uma tela. Não é mais o sujeito que passeia pelas ruas e contempla o mundo, é o mundo que passeia diante de seus olhos.

Embora inserido em um turbilhão de textos, o *fast-reader* também pode requerer algumas estratégias para digerir, na medida do possível, as informações que lhe são expostas. Cognitivamente os processos de leitura passam primeiramente por um *input*, momento de percepção dos estímulos externos (Felts, 2007:87). Esses estímulos, na maioria das vezes são recebidos por meio da visão. Por isso, mecanismos de como conduzir o olhar por sobre o texto podem ser diferenciados de acordo com a intenção de leitura.

Do ponto de vista do processamento da leitura, de acordo com Kleiman (2007), pode-se atribuir algumas estratégias que correspondam às intenções de leituras mais corriqueiras, como é o caso dos mecanismos rápidos para apreensão visual, quando o leitor aciona o seu olhar para uma mera passada por sobre o texto. Este processo recebe o nome de *scanning* ou avistada, seu objetivo é geralmente depreender o tema de determinado texto por meio da captação de suas manchetes e palavras-chave. Outro processo típico de leituras apressadas é chamado de *skimming*, ou desnatamento. Nessa estratégia lê-se seletivamente os inícios ou os finais dos períodos de parágrafos, tabelas ou quaisquer outros itens selecionados pelo leitor para que

se aproxime de um sentido. Não há comprometimento com o linear, tampouco com a totalidade. Trata-se de olhadas que fisgam parcialmente o discurso e, de forma não menos perigosa e pretenciosa, constituem algum sentido.

Outra perspectiva de processamento da leitura do *fast-reader* dá-se quando o texto já se apresenta de forma não-contínua, o que acontece, por exemplo, com as conversas mantidas por meio de mensagens via celular, os chamados torpedos, *scrapbooks*, *chats*, *bips* etc. Mensagens fracionadas vão exigir do *fast-reader* uma enorme capacidade de contextualização e inferência, o que faz dessa leitura um verdadeiro desafio, donde pode-se constatar que há habilidades específicas nesse tipo de leitura que, se otimizadas, darão ao leitor condições para o êxito de sua empreitada.

O *fast-reader* desenvolve a leitura como um hábito casual, sem rituais ou pretensões estéticas, mas isso não significa dizer que essa leitura seja sempre ingênua e alienada. Um exemplo de atuação desse leitor pode ser percebido no ato rotineiro dos indivíduos ao acessarem suas caixas de mensagens pessoais. Geralmente esse leitor objetiva liquidar a lista de e-mails que aguarda ser lida. Entretanto, várias mensagens, nunca chegarão a ser lidas, muitas são apagadas antes mesmo de serem abertas, outras, após terem sua leitura iniciada, são abandonadas a despeito de sua conclusão. O leitor adapta-se a uma realidade de excesso e abandona, sempre que possível, aquilo que não lhe interessa. Essa escolha e decisão devem emanar de um sujeito consciente de seus interesses e prioridades, do contrário, a leitura torna-se um desperdício. Diante dessa nova configuração de leitor, vale resgatar a observação de Lévy (2000:25), de que uma técnica não pode ser considerada boa ou má, tampouco neutra. Ela não determina as mudanças na sociedade, pois ela mesma é um produto social, e, por isso, é preciso considerá-la como abertura para novas opções culturais ou sociais que sem ela não poderiam ser sequer pensadas.

O fenômeno da ruptura do sentido faz-se presente na fragmentação das mensagens que caracterizam um processo de comunicação veloz e interativo, mas também tumultuado e caótico.

2.2.2 - O último leitor

E se as pessoas começassem a cegar?

José Saramago¹³

Em seu romance de 2005, *Ensaio sobre a cegueira*, José Saramago utiliza a visão para provocar uma reflexão profunda em relação às deficiências de percepção do homem moderno. De repente os personagens tornam-se cegos, há uma epidemia de uma cegueira, curiosamente, branca. É o fim da visão, o fim da percepção do outro, é também o fim da leitura, é a tragédia da incapacidade de refletir conscientemente sobre os acontecimentos. Mas branca, por que branca? A cegueira branca simboliza aqui não a ausência do que significar, mas o excesso de exposição e de luminosidade. O mundo desenhado pelo escritor é uma tragédia, é a involução da humanidade regressando ao seu primitivismo. No romance, mesmo pessoas de qualificada formação profissional, depois de atingidas pela cegueira, começam a reagir à situação como seres animais, com o acréscimo ainda de certa dose de maldade, egoísmo e desonestidade.

A cegueira pode ser entendida com uma metáfora reveladora do que seria um mundo sem leitura. Um mundo sem leitura é um mundo de bárbaros e de desesperados, onde a lei maior é a competitividade pela sobrevivência. É um mundo sem arte, sem diálogo, sem organização. Caótico.

Encontramos em algumas publicações da última década várias referências ao fim da leitura, uma preocupação que alerta sobre a crise dessa prática. Regina Zilberman, por exemplo, publicou em 2001 a obra *Fim do livro, fim dos leitores?* A pergunta aqui também apresenta um tom hipotético, tal qual a citação do narrador de *Ensaio sobre a Cegueira*: "E se as pessoas começassem a cegar?" O prenúncio da cegueira e o prenúncio do fim da leitura, apesar do tom sensacionalista, pedem reflexão. É preciso pensar na crise que está instaurada no mundo da leitura, sem alarmismos, porém, pois o que se pode constatar, não é exatamente o fim da leitura, mas a transformação de hábitos de leituras.

¹³ SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

É nessa perspectiva que o “último leitor” surge como título para essa discussão. Esse título está sendo tomado de empréstimo de duas obras que, coincidentemente ou não, receberam o mesmo nome; a primeira, publicada no México em 2001, é um romance que tem como protagonista um leitor dedicado, morador de uma cidade localizada na região desértica do México, onde as pessoas concentram-se na busca da água para sobreviver, mas Lúcio, o protagonista, está preocupado com uma biblioteca cheia e livros, da qual ele é o único e último leitor.

A segunda obra foi publicada em 2006 na Argentina pelo autor Ricardo Piglia. Em tom ensaístico, o autor busca descrever o que é um leitor, e para isso vai buscar na história e na literatura exemplos do que chama de leitores “puros”, ou “ideais”. Não só na história da vida de grandes leitores, mas também em livros já escritos, principalmente nos clássicos, Piglia investiga os vestígios de respostas. Na sua obra, Borges, Kafka, Che Guevara e outros serão analisados sob a ótica da leitura. Como liam e por que liam? Essas perguntas conduzirão a narrativa por uma busca sobre o modo de vida de cada um dos personagens e personalidades de acordo com a importância que a leitura assumiu na vida de cada um.

Outros exemplos de leitores ideais foram trazidos para esta seção, de maneira que se pode perceber que há ainda muitos “últimos leitores” que não abrem mão do bom e velho prazer de ler com dedicação e doação. Os leitores apaixonados estariam mesmo acabando? Seria o fim da leitura noturna, silenciosa? O fim das bibliotecas?

Como não há fim sem começo, é importante buscar uma compreensão acerca do surgimento da leitura na humanidade. Ao longo da história, a leitura foi se diversificando de acordo com as necessidades e anseios do homem. Seu início retoma às civilizações mais antigas, embora o ato de decodificação de letras e palavras esteja, obviamente, atrelada ao surgimento da escrita.

Há cerca de seis mil anos, na Mesopotâmia, a oralidade ganhava uma testemunha imortal, a leitura. De início, ela atendia à necessidade de organizar, contar e relacionar as atividades ligadas ao cultivo, criação de animais e sistematização de tarefas do cotidiano. Um ato simples voltado para a execução de tarefas, como nos lembra o historiador Steven Roger Fischer em

sua obra *História da Leitura*. Toda “leitura” antiga envolvia um reconhecimento muito simples de códigos e estava invariavelmente centrada na execução de tarefas. A sistematização da linguagem no plano da escrita foi assim concebida para fins totalmente pragmáticos. Sua evolução a partir daí esteve muitas vezes condicionada à evolução de seu suporte. O papiro, no Egito, por volta de 2.500 a.C. é um importante marco na história da leitura; com ele surgem os escribas, que de maneira escrava, prestavam serviços à nobreza. A leitura sempre esteve do lado de uma pequena elite. Fischer lembra do curioso fato de que a escrita era usada para deixar mensagens nos túmulos dos faraós, e sua leitura se daria pelos deuses aos quais o nobre iria se unir, de maneira que a leitura funcionaria como uma espécie de “passaporte para a eternidade”.

Mas é com a difusão da escrita alfabética que a leitura diminui sua carga sagrada e passa a ser objeto de aprendizagem, sendo difundida para mais pessoas. Contudo, não passa de uma representação da oralidade. A eloquência e a fala nessa época eram, ainda, a experiência de propagação dos feitos, por isso a leitura era feita em voz alta. Com os gregos e os romanos surgem as narrativas épicas; os textos passam a ser tidos como testemunhos e sua leitura uma atitude de aquisição do conhecimento e de prazer, sempre elitizada. Apenas no século V a.C os gregos conseguem tornar a leitura um pouco mais popular difundindo-a como uma ferramenta de acesso a informações. É só nesse momento que leitura e escrita passam a ter algum prestígio sobre a fala:

Era o sinal de uma mudança de paradigma no reconhecimento pela humanidade, do poder inato da leitura. Percebia-se, nesse momento, que a escrita permitia a complementação e a retenção de textos em um grau que a oralidade jamais conseguiria alcançar. Por meio da leitura uma pessoa poderia visualmente se tornar um texto e, com mais leitura, até uma “biblioteca ambulante” de diversas obras. (Fischer, 2006:47)

Muitos séculos depois, a oralidade seria considerada como um fosso da sociedade. E a leitura e escrita são elevadas como marca de nobreza e poder. Ler passa a ser privilégio daqueles que possuem mais riqueza e conhecimento. Antes da Revolução Industrial a leitura, quer seja de informativos ou de textos literários, manteve-se sobre o domínio de uma pequena parcela da

humanidade. Em 1450 Gutemberg ao inventar sozinho uma máquina de reprodução de letras, de acordo com um modelo matricial, iniciava um novo tempo na história da produção e distribuição do conhecimento. Nessa época a Europa já possuía um grande público leitor que impulsionaria, juntamente com a invenção da impressão, a reprodução em massa de livros impressos. Embora a invenção de Gutemberg tenha sido motivada pelo lucro que viria da comercialização de livros, inicia-se a circulação do conhecimento.

A imprensa, uma parte integrante da história geral da civilização, modificou a sociedade de forma fundamental. Oferecendo ao público, cópias quase infinitas de textos idênticos, por meios mecânicos, ela transformou uma sociedade cujo acesso ao conhecimento era limitado em outra cujo acesso era quase ilimitado. A prensa na verdade, tornou viável a sociedade moderna. Não seria exagero afirmarmos que o advento da imprensa foi tão importante para a humanidade quanto o domínio do fogo e da roda. (Fisher, 2006:196).

A leitura incentivada pelo mercado dos livros, entretanto, mantém-se acessível apenas às pessoas que conseguem participar desse mercado consumidor elitizado. Mas com o tempo, ele se expande. A partir do século XIX, a leitura transforma-se em responsabilidade dos governos, e as escolas passam a se responsabilizar pelo direito de todo cidadão à leitura. Mesmo assim, a leitura até hoje não conseguiu ser disseminada de maneira igualitária entre os povos, e nesse ponto há uma crise que a embala: as desigualdades sociais.

A democratização e qualidade da leitura hoje é uma preocupação mundial. Durante as últimas décadas os governos, principalmente nos países mais pobres, que estiveram preocupados com a eliminação do analfabetismo, empenhando-se em programas de alfabetização, o que ainda hoje é uma das principais preocupações em países de extensão continental, como é o caso do Brasil. A democratização da leitura, entretanto, trouxe como consequência um problema que hoje instiga e desafia governo e instituições ligadas à educação: a qualidade da leitura.

Ler é um instrumento de transformação social e daí advém a preocupação com a qualidade dessa prática. Os meios de comunicação de

massa, principalmente os impressos, multiplicaram-se e fizeram do mundo moderno um grande celeiro de textos e informações. Ler, desde então, vem adquirindo diferentes habilidades.

A leitura é uma decifração que pode ocorrer das mais variadas formas possíveis. Os caracteres que compõem um texto podem ser palavras, letras, números, símbolos, imagens, tudo aquilo que os sentidos captam no exterior e trazem para o mundo das idéias. No mundo das idéias, as cifras entram prenhes de valores, ideologias e sentidos. Ler é um ato de significar, atribuir sentido. Não existe leitura passiva, mas há graus diferenciados de intervenção do leitor sobre aquilo que é lido. Dentro dessa perspectiva, ler, então, adquire diferentes propósitos.

Retomando a narrativa ficcional de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, temos a figura do último leitor metaforizada na protagonista do romance: a mulher do médico. Essa personagem assume a voz da consciência no romance em questão: ela tudo vê e, em meio ao caos, tem sua humanidade elevada; sob ela vão se potencializando valores como a justiça, a solidariedade e a coragem, todos acionados por meio de uma sensibilidade aguda. É a sensibilidade de alguém que não apenas sente, como todos os outros, a fome, a miséria, as condições deploráveis em que a humanidade se encontra, mas que vê o mundo se definhando. A cegueira, ao longo do romance, vai indicando suas características, como o individualismo, o egoísmo, a indiferença.

Aliado à visão da personagem da mulher do médico, o narrador testemunha o cenário da destruição; é por meio dele que o leitor consegue acercar-se da catástrofe que evolui a cada página. Em alguns momentos da leitura do romance, personagem e narrador parecem estar revestidos da mesma roupagem. Seriam o mesmo? O narrador de ensaio sobre a cegueira, ao confundir-se com a possibilidade de observar e contar da protagonista, alia mais uma característica do que está se propondo aqui como o último leitor: por dentro do texto, ele vai construindo e dando significado à história.

Em *O último leitor*, de Toscana, o cenário da história é uma cidade desértica chamada Icamole, cujos moradores dependem das idas e vindas de um carroceiro que abastece seus baldes com água, o suficiente apenas para beber. Dois moradores dessa cidade, já de início, ganham destaque: um deles

é o único possuidor de um poço d'água que lhe permite lavar o rosto todos os dias e, vez por outra, regar seu abacateiro, atitude de total esbanjamento, se considerarmos que as outras pessoas só têm água para beber. O outro personagem que também desfruta de uma condição singular é Lúcio, o bibliotecário; sua fortuna, a qual só ele mesmo reconhece, são os livros, desprezados pelos demais moradores da cidade.

A biblioteca de Lúcio serve a um único leitor: ele próprio. No dia de inauguração da biblioteca, o narrador conta que os moradores já tinham argumentos prontos para condenar os livros e, por conseguinte, a biblioteca de Lúcio.

[...]os romances contam coisas que não existem, são mentiras. Se ponho a mão no fogo, disse um homem, me queimo; se enfio uma faca no corpo, sangro; se tomo tequila, fico bêbado; mas um livro não me faz nada, só se você jogar um na minha cara. (Toscana, 2005:28).

Mesmo diante da reprovação da comunidade, a biblioteca é mantida pelo governo que a abastece com remessas de livros e envia todos os meses um pagador para recolher os relatórios de prestação de contas sobre os empréstimos e pagar a remuneração de Lúcio. A biblioteca recebe em média apenas três leitores por semana, todos alunos da escola de Icamole, e todos com o propósito de consultar a enciclopédia, mas, a partir do dia em que Lúcio decide doar a enciclopédia de presente para a escola, “a entrada de alguém procurando um livro tornou-se um acontecimento ilusório.”(Toscana, 2005:29). Pouco tempo depois de instaurado o total descaso da população para com a biblioteca, Lúcio é notificado oficialmente de que a biblioteca deverá ser fechada, ao que ele resiste, defendendo o direito de manter a biblioteca, mesmo sem os recursos e autorização do governo, porque ela estava instalada dentro de sua casa.

Após o terceiro relatório, Lucio recebeu oficialmente o comunicado de que a partir daquele momento a Biblioteca Fidencio Arriaga seria declarada fechada por tempo indeterminado, razão pela qual já não receberia mais lotes de livros nem a cota mensal de manutenção. Lucio respondeu com uma carta colérica às autoridades estatais, declarando que, **assim como a água faz mais falta no deserto e os remédio na doença, os livros são indispensáveis onde**

ninguém lê. Além disso, declarava, a biblioteca está instalada na minha propriedade e ninguém tem o direito de exigir que eu feche as portas da minha casa. Não obteve respostas. O pagador também não voltou a visitá-lo. (Toscana, 2005:28-29, sem grifo no original)

Lúcio assume, então, nessa narrativa, o papel do protagonista, ele é o último leitor. Exigente e autêntico, o bibliotecário exerce todos os dias seu ofício de ler os romances e classificá-los entre os livros bons e os livros ruins. Os livros ruins são lançados por ele em um aposento morto da casa, porque não merecem ganhar lugar nas estantes da biblioteca. Lúcio reserva-lhes o seu impiedoso carimbo de censurado e manda-lhes ao inferno. Livros com histórias de mau gosto, com personagens sem substância, diálogos vazios, metáforas pobres etc, não merecem ser lidos, sentencia Lúcio.

A biblioteca é descrita, desde o início da narrativa, como um espaço abandonado e decadente, mas seu único leitor consegue dar-lhe vida e este espaço ganha força, pois à medida que a narrativa avança, é das leituras registradas na memória de Lúcio que os acontecimentos estranhos de Icamole vão sendo engajados em uma rede de significados. Duas situações complicadoras estão presentes na trama: o assassinato misterioso de uma menina e a falta de água que marca o cotidiano das pessoas. Essas são complicações explícitas que vão ser solucionadas de maneiras diferentes: a seca é interrompida quase no final do romance por uma forte chuva; já o mistério do assassinato é solucionado por Lúcio de acordo com suas comparações com histórias literárias. É das leituras de *A morte de Babette*, de Pierre Laffitte e *A macieira*, de Alberto Santín, que surgirão os indicativos para o futuro de Icamole.

Lúcio lê os livros, analisa-os e compara-os o tempo todo com a realidade. O terceiro conflito está implícito no romance, é a leitura, sua importância e capacidade de promover a reflexão. Assim como a mulher do romance de Saramago que tudo vê e que garantirá a sobrevivência do grupo, o bibliotecário de Icamole vai em um exercício constante de comparação, revelando os mistérios da cidade desértica. As personagens estão a ponto de morrer de sede, falta-lhes água, mas elas vão sobrevivendo com as minguadas doses diárias distribuídas pelo carroceiro, até que um dia são surpreendidas

por uma forte chuva. Mas, os livros não caem do céu, eles dependem da atitude do sujeito que vai ao seu encontro, e as pessoas de Icamole abandonaram a biblioteca; é Lúcio quem as abastece, ainda que indiretamente, com o mínimo de leitura.

O Último Leitor, de Toscana, merece ser lido com bastante cuidado, porque as leituras de Lúcio entrecruzam-se ao próprio romance e à medida que esse personagem vai, por meio de um jogo de espelhamento, identificando-se com suas leituras, o romance ganha uma forma ousada e irônica.

Quando o leitor decide entregar-se à leitura como um momento de prazer imbuído do desejo de perder-se para, em seguida, reencontrar-se, ele lança-se no universo do literário. É o que acontece com Lúcio que, ao ler, constrói sua própria história. A leitura nesse sentido é, além de prazer e fruição, momento de construção intenso de significados. A natureza do signo poético, que faz do texto literário uma realização única na linguagem, permite a plurissignificação; portanto, valoriza o leitor como componente essencial de constituição dos sentidos.

A expressão *último leitor* será tomada para designar o leitor ávido por imergir no universo da literatura, consciente das especificidades desse tipo de texto; ele atua como aquele que deseja experimentar as possibilidades de revelação e encobrimento. Sabedor dos labirintos por onde transitará, ele geralmente reserva tempo e condições que proporcionem intimidade para que se realize o processo de leitura como pacto ficcional.

Essa leitura relaciona-se com o deleite e com o prazer, mas afirma-se também como resistência às efemeridades, porque guarda em sua realização um verdadeiro rito de reconhecimento do eu que permite ao leitor a ampliação de seus horizontes sem perder-se de seus desejos e memórias. É a leitura como exercício profundo de liberdade do ser, visto que o universo da ficção permite a transgressão e a recriação da própria realidade.

2.2.3 - O hiperleitor

Ler no século XXI é lançar-se na rede de informações de maneira livre, seja essa rede virtual ou não. O leitor ideal não é aquele que domina esta ou aquela técnica, mas um produtor da própria técnica. A predileção por um tipo de leitor em detrimento do outro, pode ser o indício de uma supervalorização pautada em critérios unilaterais e circunscrita em contextos bastante específicos. Ao se falar do hiperleitor, evoca-se o sentido daquele leitor que supera os limites de estereótipos de comportamentos leitores e lança-se no mundo da diversidade. Constata-se, assim, a necessidade de um leitor que atenda às diferentes demandas de leitura que emanam da sociedade. A leitura hipertextual, dessa forma, dá-se de maneira rizomática, em rede, é uma postura de enfrentamento dos riscos e surpresas.

A hiperleitura constitui-se por uma atitude de produzir sentido através de diferentes linguagens em diferentes suportes, de buscar aproximações inesperadas entre eles, o que suscita uma crise nas clássicas noções sobre texto, que têm operado com a perspectiva de unidade temática, o que pressupõe um centro estático. No hipertexto, não se busca o centro, a unidade, mas multiplicidade; busca-se uma supra-textualidade, o que o aproxima da idéia de labirinto, onde se buscam os caminhos, o movimento, os cruzamentos. Deleuze & Guattari (1995) e Barthes (1970) trabalham com dois conceitos úteis – rizoma e texto estilhaçado –, os quais nos auxiliam a compreender a textualidade do hipertexto.

[...] se o texto, conforme venho defendendo, constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não de um sentido único [...], se todo texto é plurilinear em sua construção, então, **pelo menos do ponto de vista da recepção, todo texto é um hipertexto** (Koch 2002). É este também, o pensamento de Marcuschi (1999), quando afirma que assim como o hipertexto virtualiza o concreto, o texto concretiza a virtualidade. (KOCH, 2008:166, sem grifo no original)

A característica mais importante que um leitor pode possuir é a independência. Nesse sentido, o hiperleitor assume, na radicalidade, seu caráter errante, ele é o leitor que vagueia, passeia, perde-se para em seguida

encontrar-se entre textos, itinerante, que se vai impregnando de um sabor da possibilidade de buscar o novo. Produzir sua própria subjetividade é uma das principais características do leitor hipertextual. A esse leitor deve, sobretudo, ser somada a capacidade de interação para a transformação da sociedade, a capacidade de auto referenciar-se.

O hipertexto desterritorializa o texto convencional, elimina suas fronteiras e transforma sua matéria em algo indefinível. Trata-se de um texto aberto sempre por se fazer, dada sua escritura não-linear, o que implicará por parte do leitor um esforço contínuo de organização, seleção, associação, contextualização e, conseqüentemente, de multiplicação de um texto em outros textos, porque o leitor no hipertexto é também autor do caminho que se vai construindo à medida que se fazem conexões com outros textos.

De acordo com Koch (2008), as principais características do hipertexto podem ser relacionadas em dez tópicos, quais sejam: 1) não-linearidade ou não-sequencialidade; 2) volatilidade, devido à natureza do próprio suporte; 3) espacialidade topográfica; 4) fragmentariedade; 5) multissemiótica; 6) descentralização; 7) interatividade; 8) intertextualidade; 9) conectividade; 10) virtualidade.

Um texto móvel, não-linear, fragmentado, múltiplo e interativo exige uma atitude leitora livre e sagaz, o que não é uma particularidade dos textos digitais. No livro de Daniel Pennac, *Como um romance*, o autor revela o processo arbitrário e prazeroso de aquisição do hábito de leitura, elencando o decálogo de direitos do leitor de: folhear, reler, não ler, saltar páginas, não terminar o livro, ler qualquer coisa e em qualquer lugar, dentre outros; o que revela que a leitura linear figura muitas vezes como pretensão ou imposição, mas que, na prática, é livre e criativa.

Mais uma vez, percebe-se que, do ponto de vista da recepção, o hipertexto atualiza e reveste de uma roupagem mais atrativa aquilo que sempre esteve na leitura, a capacidade de atribuir sentido por meio de um processo autônomo de significação. Sendo assim, o hipertexto não está restrito ao virtual, porque também está presente nos textos impressos. A leitura de um texto impresso também requer que se façam referências, conexões,

digressões, em um ir e vir do pensamento que caracteriza a leitura como um processo contínuo de territorialização e desterritorialização.

O hiperleitor é um modelo de leitor maior que não se restringe ao mero co-optador de sentidos frente à frágil ação do *voyer* superficial; ele assume um papel de leitor pluridimensional, um perito de leitura. É exemplar, nesse sentido, o romance *Se um viajante em uma noite de inverno*, de Ítalo Calvino. No romance em questão a leitura é o tema principal e vislumbra a rede dos possíveis, uma idéia de infinitos universos contemporâneos em que todas as possibilidades se realizam.

A exploração da leitura como um componente intenso de significação do texto é alcançado pela própria estrutura do romance que nos remete à imagem de rizoma e do conceito rizomático de Deleuze & Guattari (1998) com uma interconectividade entre raízes e *links*. Calvino constrói uma narrativa não-linear, em que cada capítulo representa um modelo de romance distinto. Os personagens transitam por esses capítulos, e o protagonista, é o Leitor. Um leitor especializado, crítico e investigativo, possivelmente o que o autor da obra acredita ser um leitor ideal. O romance é envolvido por uma teia rarefeita, aberta e abstrata, onde se dá a valorização do signo literário como componente aberto.

Calvino desenvolve ao longo dos doze capítulos a maneira como o leitor interage com as diferentes narrativas. O romance trata da questão da leitura com tanta habilidade que é impossível dissociar a ficção literária narrada das questões teóricas elementares que cercam o campo da crítica literária.

É bastante ilustrativo o fato de cada um dos capítulos representar um tipo de romance distinto que, conseqüentemente, exige do leitor um comportamento específico. Na segunda edição brasileira, publicada em 1999 pela Companhia das Letras, há um apêndice que apresenta ao seu final um esquema cunhado pelo próprio autor em um exercício de buscar a ordenação lógica da obra. O esquema, de acordo com a nota, foi inspirado no sistema de alternativas binárias propostas por Platão, onde a cada vez que se exclui uma das alternativas, a restante se bifurca em outras duas.

Mas, é o próprio Calvino que critica o esquema:

O esquema poderia ter circularidade, no sentido de que o último segmento pode ligar-se ao primeiro. Totalizante, então? Nesse sentido, claro, eu gostaria que o fosse – e que nos **enganadores limites** assim traçados se conseguisse circunscrever uma zona neutra onde situar essa atitude “**descognitiva**” em relação ao mundo [...] (Calvino, 1999:274)

O romance é marcado pela incompletude, uma obra sempre aberta. Ler infinitamente implica prazer estético e, sobretudo, posicionamento crítico. É difícil delinear uma identidade para o protagonista Leitor que percorre todo o romance, talvez ele represente a possibilidade de equiparação com qualquer sujeito leitor, de maneira a representar significativamente a potencialidade que emana de um hiperleitor, cuja maior característica é a autonomia, a busca, a leitura como *continuum* de possibilidades.

O *Leitor*, protagonista da narrativa de Calvino, está em busca da obra literária. Ao iniciar a leitura de um romance, percebe que houve um erro na encadernação do livro que o impede de continuar a leitura. Diante desse primeiro obstáculo, o leitor parte em busca da solução, dirige-se à livraria e encontra Ludmila, a leitora ideal. Daí por diante segue-se uma série de aventuras, cresce o interesse do Leitor por Ludmila, mas o romance continua por outros caminhos labirínticos: viagens, descobertas, mistérios, enfim, cumplicidade de afetos. Em cada um dos capítulos o *Leitor* é enredado por um conjunto de características que demarcam estilos próprios da maneira de narrar. Em meio a tantos caminhos engenhosamente conectados, o Leitor segue junto de Ludmila e na última frase da narrativa, o Leitor termina lendo o título do romance de Ítalo Calvino: *Se um viajante em uma noite de inverno*. Não se trata de uma reafirmação da própria obra literária, mas antes, um indício de que os acontecimentos não terminam ali, é a certeza de que tudo é processo e infinitude. O hiperleitor é exatamente o leitor consciente de que toda leitura é um processo carente de atribuição de sentido.

Calvino, ao vislumbrar na leitura da literatura o modelo das redes dos possíveis, materializa em seu romance a idéia de universos existenciais em que todas as possibilidades podem ser realizadas.

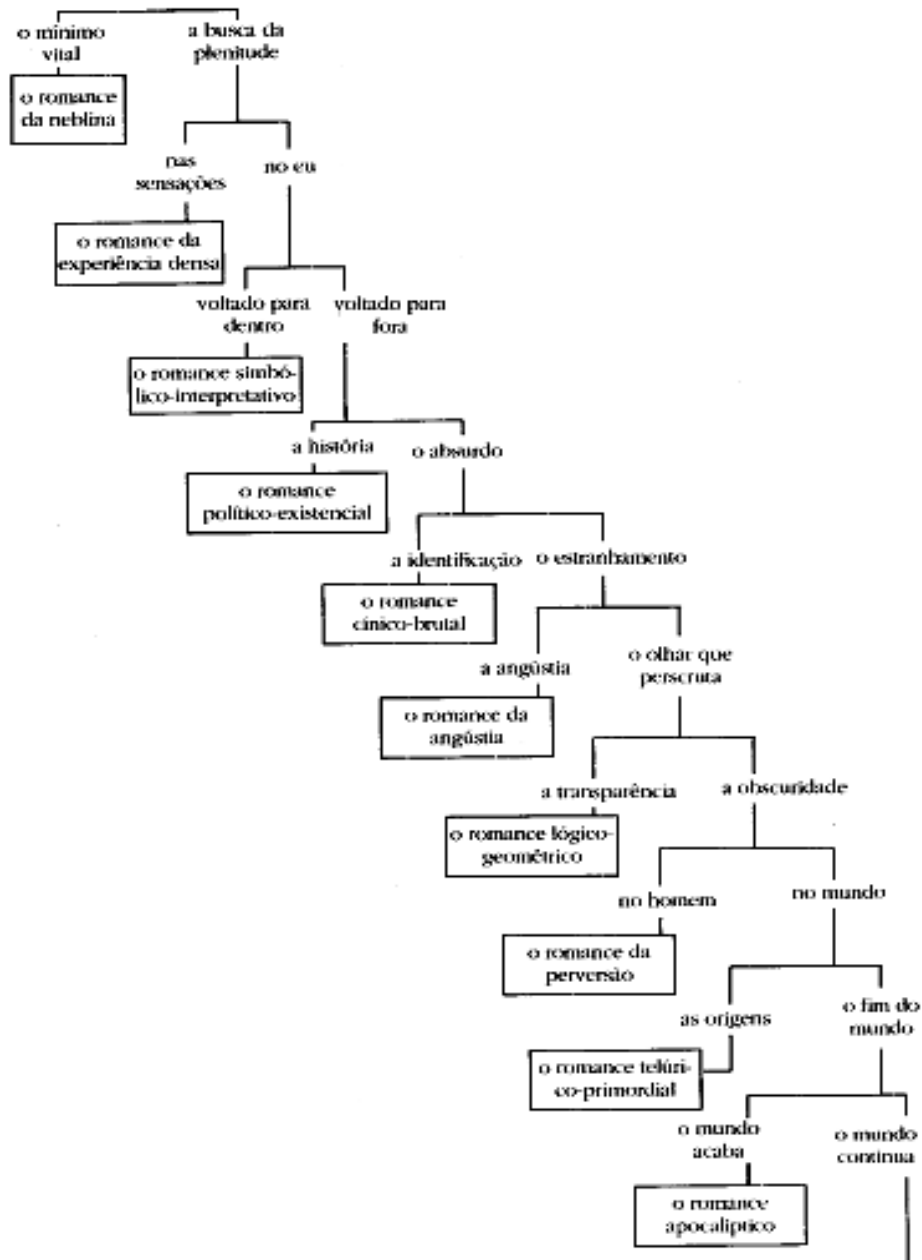


FIGURA 3 – ESQUEMA ELABORADO POR ÍTALO CALVINO EM 1979

Esquema apresentado por Ítalo Calvino em dezembro de 1979, ano em que foi publicada a primeira edição de *Se um viajante em uma noite de inverno*. O esquema tenta organizar uma lógica para a ordenação dos capítulos que compõe seu romance que prenuncia uma organização hipertextual.

2.2.4 – Leitura: um *continuum* de possibilidades

O processo de leitura tem por base o processamento cognitivo e dá-se a partir de estímulos perceptíveis pelos sentidos humanos, mas para cada leitura o leitor age, de maneira consciente ou não, por meio de esquemas mentais. Esses esquemas mentais irão obedecer a circunstâncias externas e internas dentro de uma linha contínua em que o leitor deverá trafegar de maneira livre, posicionando-se sempre que necessário para efetivar determinada leitura. Sendo assim, é possível afirmar que é possível investir em estratégias de formação do leitor que o tornem mais apto para operar esses esquemas mentais.

Essa linha de possibilidades sob a qual transitará o leitor será aqui denominada de *continuum de leitura*. Para descrever o funcionamento desse *continuum*, será necessário pontuar quais instâncias irão determinar a alocação do leitor. Nessa perspectiva vale apontar tanto elementos intrínsecos como extrínsecos ao texto, tais como a estrutura textual, o suporte da comunicação, seu formato, as intenções contidas em cada ato enunciativo, seu contexto, a natureza da representação revelada pelo texto, o grau de subjetividade exigido em cada leitura e o objetivo que o leitor escolhe para cada leitura. Todos esses elementos modificam-se e combinam-se, caracterizando um movimento contínuo, sobre o qual o sujeito leitor deve posicionar-se no ato da leitura.

É preciso ressaltar que o objetivo da leitura é construir sentidos, sejam esses sentidos corriqueiros ou mais elaborados. De acordo com Kleiman (2007), coexistem diversos tipos de leituras e, apesar das diferenças entre eles, a leitura é um processo só, pois as diferentes formas de conduzir a leitura são apenas caminhos distintos para se chegar a um objetivo comum. Por isso, o leitor competente deverá saber calibrar o mecanismo de recepção condizente com a leitura que executará, e se ele consegue orquestrar esse processo, trata-se verdadeiramente de um hiperleitor.

O hiperleitor ficcionalizado no personagem Leitor, criado por Calvino, está consciente dos riscos presentes no percurso da leitura, mas, ainda assim, ele a enfrenta confiante para desafiar a tessitura do texto. Já o *fast-reader* adota uma posição mais errante, de modo que as armadilhas o surpreendem com mais ocorrência, sendo que, algumas vezes, ele não consegue driblá-las

com tanta habilidade, pois a leitura como necessidade diária privilegia a velocidade e a quantidade. Entretanto, no outro extremo do *continuum* aparece o *último leitor*, expressão que simboliza exemplarmente o comportamento de um leitor experiente e minucioso, cuja leitura encontra no texto literário o jogo de interpretação para o qual ele está preparado. A esse leitor é dado a capacidade de ultrapassar limites, pois sua leitura revela-se como possibilidades de experiência no mundo e ao mesmo tempo “fora do mundo”.

O processo de leitura representada pela figura do *último leitor*, também está exemplificada nas personagens das obras homônimas de Toscana e Piglia. Diferentemente do que se espera de um *fast-reader*, o *último leitor* não traça objetivos prévios e pragmáticos para sua leitura. Seu desenvolvimento, apesar de também se dar por meio de um labirinto, proporciona o prazer da fruição e não há o intuito de se alcançar um sentido único, a leitura vale pelo processo intenso de movimentação dos mecanismos de produção da subjetividade,

Os dois lados do *continuum* da leitura não se opõem, organizam um percurso que pode orientar o movimento do sujeito leitor. Na primeira ponta do *continuum* situa-se o leitor no momento de uma leitura altamente pragmática e objetiva; na outra ponta, encontra-se uma leitura fortemente marcada pelos aspectos da subjetividade. A primeira surge da demanda do mundo, a segunda construída pelo sujeito em processo intenso de singularização do eu.

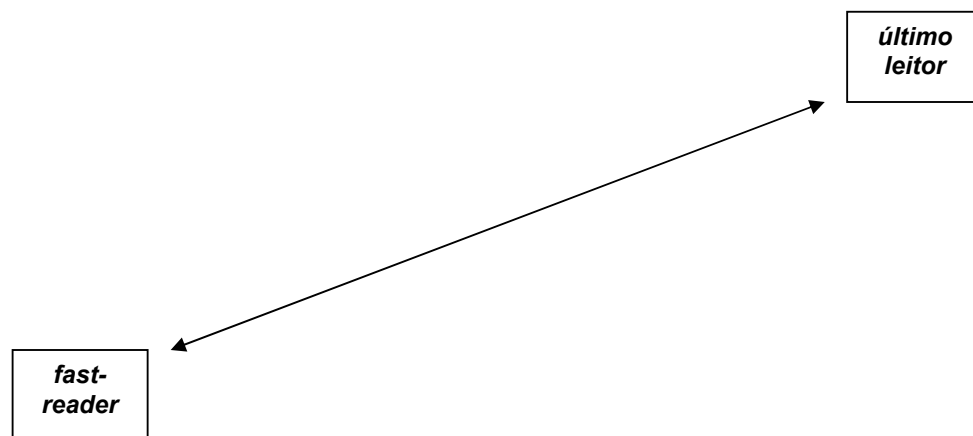


FIGURA 4 – CONTINUUM DE LEITURA

O *continuum* que se apresenta como um fio onde as diferentes performances de leitores encontram um meio de responder às demandas da sociedade do século XXI será influenciado por instâncias distintas. Quatro instâncias, a princípio, podem orientar a compreensão sobre o funcionamento desse *continuum*, a saber: 1) a estrutura textual; 2) a esfera social; 3) a natureza da representação; 4) o nível de produção da subjetividade.

A seguir serão apresentados quatro gráficos, um para cada uma das dimensões de leitura que influenciarão sobre o posicionamento do leitor. A linha transversal representa o *continuum* de leitura; em seus extremos localizam-se duas atuações, a do *fast-reader* e a do *último-leitor*, comportamentos extremos. No centro, a imagem de uma engrenagem maquina representa a atuação do leitor altamente competente sempre em movimento. O posicionamento desse leitor será determinado pela relação de forças entre os extremos do *continuum*, mas o controle da engrenagem será sua principal característica. Embora os extremos apresentem características específicas que influenciam a ação do leitor, é preciso ressaltar que o principal elemento determinante da localização do leitor, em um processo de leitura, é a intenção.

2.2.4.1 – Estrutura textual

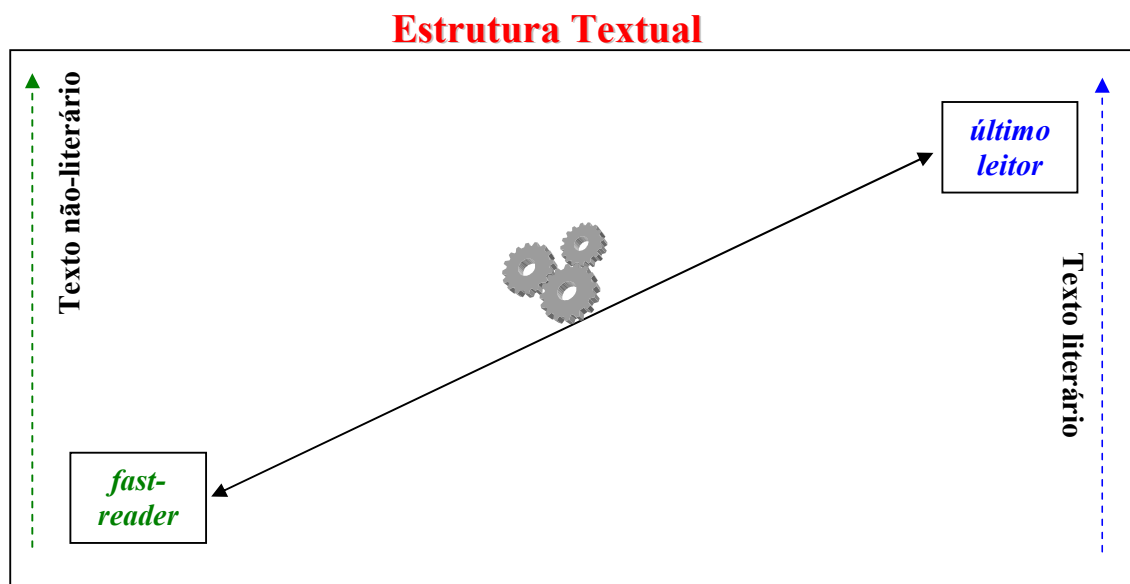


GRÁFICO 1 – Posicionamento do leitor mediante as circunstâncias estabelecidas pela constituição do texto

O primeiro indicativo para o posicionamento do leitor no *continuum* de leitura ora proposto emana do próprio texto por meio de seus recursos expressivos, organização linguística e, também, do suporte. Essa dimensão baseia-se no princípio de que os indivíduos encontrarão uma série de registros textuais na vida e, desse modo, não é suficiente ser capaz de ler um número limitado de formatos textuais.

Para tentar descrever os extremos do contínuo de leitura no que concerne à estrutura do texto será necessário reunir várias categorias que tratam de classificações distintas, mesmo sob o risco da imprecisão classificatória, porque esses elementos incidem decididamente na formação do texto que, por sua vez, implicará um posicionamento leitor diferenciado. Vale ressaltar que a leitura funciona sobre um mesmo mecanismo que, de acordo com as circunstâncias, poderá ser mais rápida e superficial ou mais elaborada e exigente.

No extremo em que se situa o *fast-reader* é esperada uma maior recorrência de textos curtos, fragmentados e multimodais, pois a leitura rápida dá-se, muitas vezes, por meio de rápidos *flashes* visuais. Textos com enunciados mais longos e complexos exigirão do leitor, portanto, uma movimentação rumo ao outro extremo do *continuum* de leitura.

Em relação ao suporte em que o texto é constituído, observa-se que textos materializados em suportes incidentais e comerciais farão parte da rotina de leitura do *fast-reader*, ao passo que o texto veiculado por meio do suporte livro encontrará no extremo em que se localiza o *último leitor* maiores chances de gozar uma leitura mais eficiente. O que não significa dizer que o leitor não possa escolher aplicar uma leitura típica do suporte incidental a um livro, posto que o fator determinante no momento da leitura é a intenção do leitor diante do texto. No meio desse *continuum* poderíamos distribuir os suportes oriundos da interface (homem x máquina). A tela do computador, por exemplo, pode se prestar aos dois extremos de comportamento de leitura, embora seja mais comum, uma postura de *fast-reader*, dada a possibilidade que esse meio de comunicação proporciona para a constituição de textos não-contínuos, híbridos, multimodais etc.

Ainda sobre a estrutura textual, não se deve ignorar o fato de que textos literários apresentam recursos expressivos específicos. A linguagem, nesses casos, apresenta-se sobre os efeitos da função poética, caracterizada pela plurissignificação e conotação. Ela exigirá, portanto, uma postura de leitura mais elaborada.

Em relação a tantas circunstâncias que emanam do próprio texto, seja pela sua maneira de abordar o conteúdo, sua intenção, seu vocabulário, seu suporte, apresentam-se, na tabela abaixo, as características que podem ajudar a esclarecer as características do texto nos dois extremos do *continuum* de leitura. Tal divisão não visa excluir as possibilidades iminentes de hibridizações desses aspectos do ponto de vista da produção textual, o que, conseqüentemente, exigirá um posicionamento leitor volátil.

FAST-READER	ÚLTIMO LEITOR
textos não-contínuos	textos contínuos
textos não-literários	textos literários
função referencial da linguagem	função poética da linguagem
suportes incidentais: embalagem, pára-choques, paredes, roupas, fachadas etc.. suportes comerciais: outdoor, encarte, folder, faixas, luminosos, etc.	suporte textual livro ¹⁴
híbrido fala/escrita	escrita

QUADRO 1 - Correlação de características que distinguem os recursos expressivos dos textos que irão implicar leituras distintas nos extremos do continuum de leitura.

¹⁴ Emblematicamente, o livro simboliza o objeto de desejo do “ultimo leitor”, mas não é o único, deve-se considerar também, por exemplo, o livro em formato digital.

2.2.4.2 – Esfera social

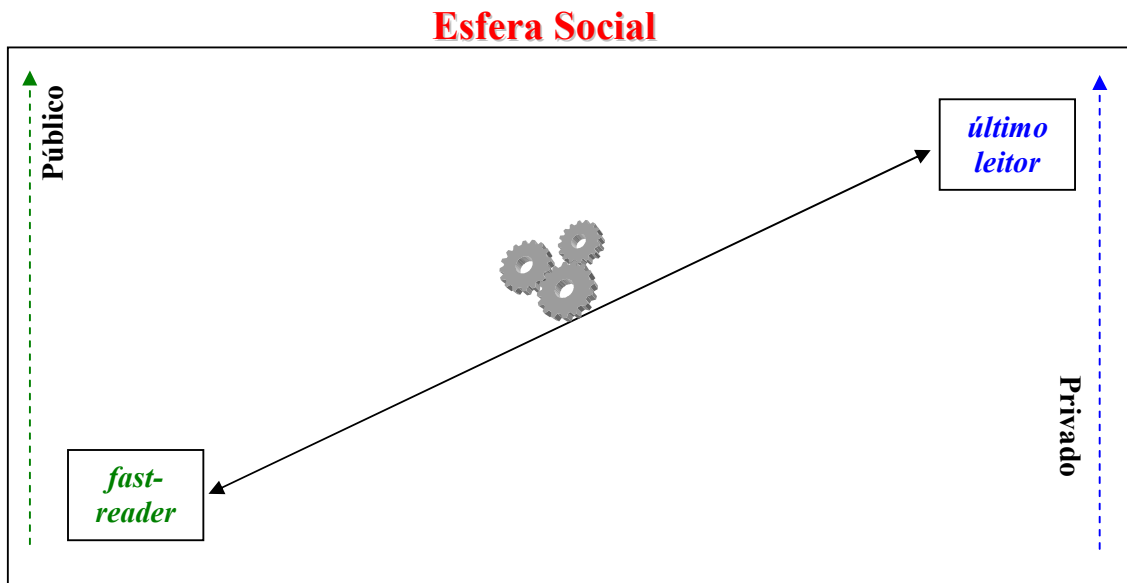


GRÁFICO 2 – Posicionamento do leitor de acordo com o espaço onde se realiza a leitura.

Quanto mais a leitura situa-se na esfera pública, mais expressiva será a ocorrência de um posicionamento *fast-reader*, enquanto à medida que a leitura frequenta o espaço da intimidade, maior será a aproximação do ideal de um *último leitor*.

As esferas pública e privada constituem o espaço de existência onde se desenvolve a vida do homem. A esfera social corresponde ao *locus* da realização dos eventos que se verificam entre os domínios do público e do privado. A esfera social hoje é um território híbrido, formado a partir da confluência entre público e privado. Entretanto, para compreendermos como se dá essa confluência, vale resgatar o histórico de tais termos, porque ainda hoje é possível perceber alguns indícios que diferenciam a leitura que o sujeito realiza em espaços públicos, de leituras feitas em locais mais reservados e silenciosos.

O termo *público* pode designar tanto aquilo que é “conhecido por todos”, o que é aparente, o que tem publicidade; como também o que “pertence a todos”. Ambos os significados estão presentes no uso corrente que se faz da idéia contemporaneamente.

Em sua origem, na Grécia, a esfera pública estava relacionada aos grandes atos aos quais se deveria dar grande publicidade, no caso, as ações políticas. Ao homem público não devia incidir, assim, nenhum tipo de constrangimento, pois seus atos eram validados pela coletividade em razão de seu comprometimento político com a *polis*; portanto, o homem público gozava de liberdade plena. Naquela época, as coisas sediadas no espaço público eram de interesse coletivo e permaneciam ao longo do tempo, porque não estavam atrelados à vida particular de alguém, de maneira que uma atividade pública poderia tornar-se imortal porque constituía interesse do mundo-comum.

Em oposição à esfera pública, a esfera privada consistia nas atividades de sobrevivência biológica. Seus limites formais eram os limites materiais das casas. Nessa esfera realizavam-se as ações que asseguravam a sobrevivência dos componentes da família frente às suas necessidades biológicas. Esse era o lugar reservado no mundo para as atividades da vida doméstica. Dessa maneira, é possível observar claramente que, na antiguidade greco-romana, as esferas pública e privada eram pontualmente delimitadas, sendo que um evento se realizava em apenas uma delas.

Ao longo da Idade Média, sob a influência do Cristianismo, desenvolveu-se um sentimento de aversão ao público. O sistema feudal caracteriza uma vida centrada na esfera privada. Na Era Moderna, entretanto, público e privado são conceitos que perderam o poder de ordenar o espaço das ações, uma vez que os muros do lar, que antes delimitavam a esfera privada, tornaram-se vulneráveis perante o espetáculo público. Na sociedade atual, desaparecem tanto a aura do segredo que caracterizava a esfera privada, como o brilho da grandeza que legitimava a esfera pública.

Diante da dissolução dessas esferas em um ambiente híbrido, é possível perceber posicionamentos distintos na escala social, e isso graças à resistência de um lugar que particulariza o sujeito nesse contexto do espetáculo, trata-se do espaço subjetivo da intimidade, a esfera psíquica do indivíduo.

É nessa perspectiva que se apresentam, no *continuum* de leitura, as dimensões do público e do privado, entenda-se, assim, como privado, a esfera psíquica do indivíduo, e como público quaisquer eventos que gozem lugar na

vida social, onde é possível perceber tanto o espetáculo quanto o operacional como motivos norteadores do texto.

É possível perceber, nessa perspectiva, que os textos são constituídos para esferas sociais distintas. Por exemplo, um romance, um poema, uma carta pessoal ou uma biografia são escritos para uso “pessoal”; o que significa dizer que carecem do espaço do privado/íntimo para uma percepção mais exitosa; enquanto documentos oficiais, pronunciamentos, textos publicitários, um manual ou relatório, letreiros, luminosos etc, são feitos para uso “público e, por isso, sua leitura não exige, na maioria das vezes, maior envolvimento subjetivo do leitor.

2.2.4.3 – Natureza da representação

Natureza da Representação

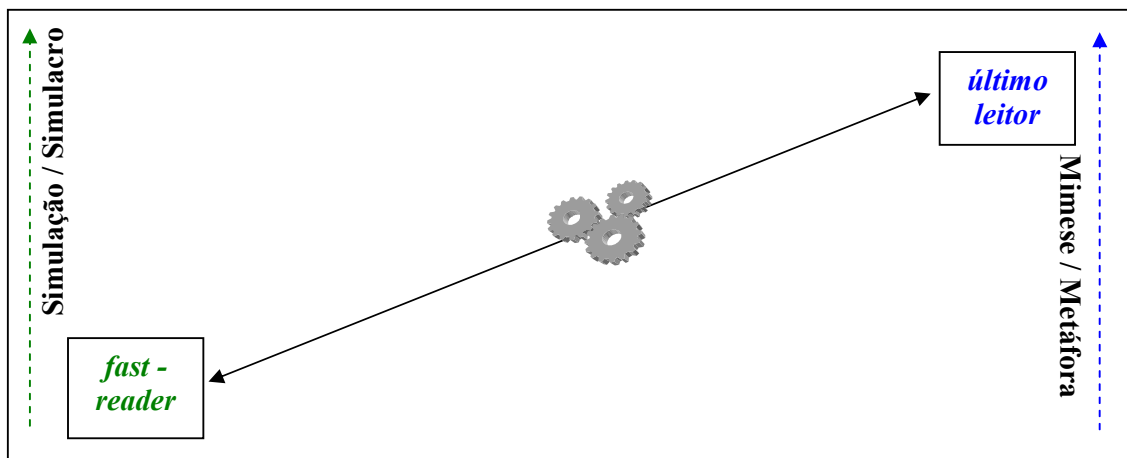


GRÁFICO 3 – Posicionamento do leitor com relação à natureza da representação do texto lido.

O *fast-reader* está exposto com mais recorrência a experiências de leitura que o colocam em verdadeiros simulacros da existência, já o posicionamento do último leitor proporciona a leitura como jogo que interconecta realidade e ficção.

A instância que se refere à natureza da representação incide sobre o leitor de maneira bastante expressiva, pois a linguagem é o meio pelo qual o sujeito apropria-se e compreende o mundo. Ressaltam-se aqui duas

perspectivas de representação do real, a primeira diz respeito à simulação; a segunda refere-se à representação mimética.

O leitor no século XXI lida cotidianamente com um universo de imagens capazes de criar verdadeiras paisagens tecnológicas. Imagens e textos saltam-lhe aos olhos o tempo todo. Com o crescente acesso das pessoas a espaços virtuais, as leituras mergulham no mundo das simulações e dos simulacros.

A simulação sempre esteve presente no campo das ciências, pois ela permite a exploração de situações reais em espaços onde é possível controlar o perigo, muitas vezes irreversível em situações reais. Um exemplo bem conhecido é o do simulador de vôo, um dispositivo que, para cumprir satisfatoriamente sua função de treinamento, deve se apresentar da forma mais realista possível para os sentidos do aprendiz.

Mesmo quando não tem o sentido de farsa, ou seja, quando não procura iludir a consciência, a simulação, para ser eficaz, precisa *enganar* os sentidos de alguma forma. O extremo do desvio da consciência acontece quando a situação ou fato simulado elimina seu correspondente real e passa a funcionar como realidade em si. Nesse caso, a representação elimina o sentido do real erigindo o que se entende por simulacro. *“Enquanto a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o edifício da representação na forma de simulacro”* (Baudrillard, 1991:13).

A representação mimética, por sua vez, sempre é uma mediação simbólica, ela nunca se reduz a uma imitação. A *mimese* indica uma dimensão essencial do pensar, esta dimensão de aproximação não-violenta, lúdica, suscita por meio das metáforas o prazer. Mas, a *mimese* não deve ser compreendida como um processo de espelhamento que imita a realidade, pois *se a mimese for entendida como um processo de imitação ela poderia ser descrita como um processo social de identificação perversa* (Gagnebin, 1997). O que não é verdade, considerando que a metáfora produz por meio do jogo

lúdico com as palavras a abertura para sentidos que emanam da reação viva entre o sujeito, a língua e a realidade social que os concebe.

As leituras que circundam o terreno perigoso dos simulacros hoje acontecem principalmente em ambientes virtuais, pois nesses espaços é possível erigir realidades que escondem ou anulam as verdadeiras identidades. Infelizmente, ao mesmo tempo em que podem propiciar a criação colaborativa, os espaços virtuais também são reduto de praticar que se favorecem do simulacro para práticas ilegais. Mas, experiências simulacrais não são uma particularidade dos meios de comunicação digitais, pois os meios de comunicação em massa, sobretudo as campanhas publicitárias, cujo alvo é manter ciclos de consumo alienados, também criam e alimentam realidades próprias que negam a relação do indivíduo com a verdade individual que deveria significar a existência humana.

O privilégio da obra de arte, segundo o último texto de Adorno, em sua Teoria Estética, manifestar, dar a ver numa configuração sensível e histórica esse movimento da verdade. *A arte é o refúgio do comportamento mimético* (Adorno, 1982:86).

2.2.4.4 – Produção da Subjetividade

Produção da Subjetividade

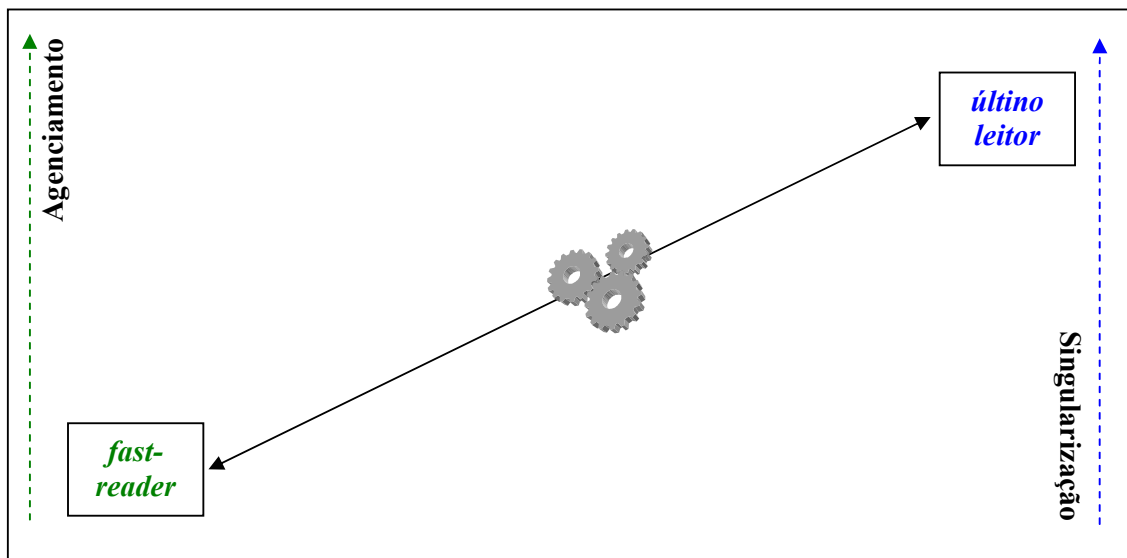


GRÁFICO 4 – A interferência da produção da subjetividade de acordo com o posicionamento do leitor no continuum de leitura

A produção da subjetividade nunca cessa, entretanto, há processos de leitura que favorecem a fruição e, com isso, permitem que a produção da subjetividade promova a singularização dos sujeitos; por outro lado, leituras mais pragmáticas tendem a contribuir para o agenciamento das subjetividades.

Todo texto é concebido por meio da confluência de elementos objetivos e subjetivos, é possível, entretanto, perceber que em alguns textos, ao longo de sua leitura, se desenvolva mais intensamente a subjetividade, ao passo que em outros não há espaço para tal desenvoltura, visto que há textos cuja materialidade já remete a um significado esperado, sem que haja maiores necessidades de projeção dos sujeitos. Ainda assim, em se tratando do texto, é importante buscar sentidos construtivos para as palavras, respeitando a sua subjetividade interior e sua objetividade exterior, porque no que se refere à produção cultural, a subjetividade não é oposta ao objeto, mas uma qualidade da objetividade produzida nos sistemas humanos.

Há uma infinidade de textos que carecem de abordagem mais objetiva, desde sua constituição, pois são textos que articulam a organização e sistematização da sociedade. São dessa ordem os textos oficiais, os manuais, os relatórios, as receitas etc. Nesses textos é comum a predominância da função referencial da linguagem, portanto, é o referente objetivo que se sobressai. O mundo das objetividades tende a supervalorizar o finito, o delimitado coordenável e acaba sempre prevalecendo sobre o infinito das referências subjetivas, o que limita a ação do leitor às barreiras do explícito.

Para Deleuze (1977), a unidade real mínima não é a palavra, nem a idéia ou conceito, nem o significante, mas o agenciamento. Para além de uma estrutura que aprisiona o signo pela materialidade da palavra, o agenciamento atua sobre um complexo sistema de signos sem subordiná-lo, atuando paralelamente aos signos, como estruturas de manutenção sistêmicas para o bem ou para o mal. O agenciamento é territorialização pragmática.

Por outro lado, no outro extremo do *continuum* de leitura, situa-se a leitura que vai ao encontro da função poética da linguagem, atividade que proporcionará ao indivíduo um posicionamento bastante reflexivo e subjetivo. Esse tipo de texto encontra pouco espaço na sociedade, sendo muitas vezes a escola seu único reduto, quando esta consegue manter um espaço de

valorização das artes. Momentos que propiciem o contato com o literário são de grande importância, sobretudo na etapa de formação desse leitor, porque é a partir do estímulo à sensibilização estética que o indivíduo torna-se consciente de si. A percepção que o indivíduo tem de si mesmo é primeiramente uma experiência estética, uma vez que todo conhecimento inicia-se por tomar-se a si mesmo como fenômeno e não, inicialmente, como razão.

Mesmo conhecendo a necessidade cotidiana de o leitor entrar em contato com textos que exploram aspectos da objetividade, é necessário promover e incentivar momentos em que leituras de caráter subjetivo possam ser valorizadas, pois ao desenvolver esse tipo de leitura, valoriza-se o próprio sujeito leitor, o que o tornará mais seguro e competente para desfrutar de qualquer experiência leitora.

O leitor experiente é capaz de reconhecer situações de subjetividade, porque percebe sua mente em plena ação e uma mente por trás da escrita, coordenando-as ao longo do processo da leitura. A subjetividade, diálogo mental interior, é o reconhecimento de que cada uma dessas mentes pode ver o mundo de uma perspectiva diferente. Portanto, a experiência de leitura, quanto mais subjetiva for, envolverá de maneira mais intensa a consciência que o leitor tem de si, do outro e do mundo.

De acordo com Guattari (1992), a produção da subjetividade não é restrita a componentes humanos, ele defende que tudo produz subjetividade, e na contemporaneidade, instituições atuam cada vez com mais ênfase sobre a produção da subjetividade dos sujeitos, uma relação estabelecida por meio de agenciamentos. Os indivíduos são submetidos a agenciamentos que determinam seus desejos e subjetividades. Há, entretanto, possíveis pontos de fuga que podem ser acionados a partir da relação do homem com novos paradigmas. A produção da subjetividade, a partir de novos paradigmas, está exemplificada na leitura da literatura, quando o sujeito entra em contato com elementos de natureza estética. A natureza do estético possibilita aquilo que resignifica a existência do homem no planeta, o que se entende por movimentos de singularização e re-singularização do sujeito.

2.2.5 - O hiperleitor e o *continuum* de leitura

A exposição das instâncias que compõem quatro dimensões do *continuum* de leitura formam uma amostra elucidativa de como alguns componentes atuam no percurso da leitura. Essas quatro dimensões não esgotam as possibilidades de desdobramento investigativo em torno do complexo fenômeno que é a leitura. Aqui se tentou explorar seu caráter de mobilidade e diversidade no formato de um *continuum*.

O *continuum* no qual se propõe pensar a leitura é plural. Sobre ele incidem diferentes circunstâncias, mas o processo, apesar de complexo, é um só e dá-se, algumas vezes, de maneira inconsciente pelo sujeito leitor. A cada particularização do *continuum* é possível destacar a ocorrência de um desses elementos a fim de auxiliar a compreensão do fenômeno como um todo. Tal compreensão pode ser valiosa para o posicionamento de condutas leitoras mais específicas e conscientes, principalmente no que diz respeito ao papel desenvolvido pela escola para a formação de leitores.

É reconhecido, legítimo e inegável o papel que a escola tem na formação do leitor; afinal, só o indivíduo com uma formação leitora bastante refinada poderá gozar as glórias de poder transitar por diferentes tipos de performances leitoras, mas é preciso que haja espaço dentro da escola para a reflexão sobre as diferentes possibilidades de leitura que o mundo oferece cotidianamente. Também é na escola que o sujeito terá acesso a leituras específicas que exigem um grau de amadurecimento que deve ser acompanhado ao longo da vida escolar, como é o caso da leitura da obra de arte.

A escola precisa considerar, não obstante, os diferentes tipos de leitores que a realidade exige, porque isso implica uma retomada da própria concepção do que seja leitura, o que irá proporcionar uma maior flexibilidade frente à variedade de textos que surgem no cenário contemporâneo. Pode-se citar, a exemplo dessa flexibilidade na formação de leitores, a utilização dos gêneros digitais em aulas de leitura¹⁵.

¹⁵ Em atividade de extensão realizada na Universidade de Brasília no ano de 2008, foram propostas pelo grupo de pesquisa *Leitura, ensino e recepção*, coordenado pela professora doutora Hilda Hartmann Orquídia Lontra, uma série de *Rodas de leitura*. Dentre as

O leitor contemporâneo e a leitura que hoje se faz apresentam perfis diferentes daqueles com que idealmente a escola vem trabalhando há décadas, portanto, é preciso pensar a leitura dentro de uma natureza histórica, valorizando essa prática como uma ação de interlocução entre sujeitos. A escola precisa estar preparada para o desafio de formar hiperleitores.

O hiperleitor aproxima-se, na interpretação que Deleuze (1997) faz da teoria nietzscheana, do homem superior:

O homem superior são vários: o adivinho, os dois reis, o homem da sanguessuga, último papa, o mais feio dos homens, o mendigo voluntário e a sombra. Eles formam uma teoria, uma série, uma farândula. **Isso porque se distinguem segundo o lugar que ocupam ao longo do fio**, segundo a forma do ideal, segundo seu peso específico de reativo e sua tonalidade de negativo. (Deleuze, 2004:116 sem grifo no original).

Para pensar na atividade do hiperleitor não se devem isolar os pólos do *continuum* de leitura; isso significaria a redução da leitura ao pragmatismo do mundo das objetividades limitadas ou a um psicologismo nostálgico, o que eliminaria o que o *continuum* tem de mais significativo, seu curso processual. O lugar que o hiperleitor deve ocupar é “ao longo do fio” de possibilidades leitoras.

atividades propostas pelo grupo, em caráter experimental, ministrei uma aula de leitura com textos pouco utilizados em sala de aula, tais como: torpedos, *scraps*, diálogos produzidos *on line* etc. A experiência permitiu que a partir desse conjunto de textos caracterizados pela fragmentação textual, coloquialidade lingüística e utilização de imagens os participantes compusessem outros textos. A experiência, avaliada satisfatoriamente por todos os participantes, em sua maioria professores e alunos do curso de Letras, aproximou a sala de aula da realidade vivida pelos indivíduos contemporâneos, permitindo que outras modalidades textuais fossem, a partir dos textos apresentados, analisadas ao longo da aula; como foi o caso da transposição de um diálogo produzido por mensagens via celular para a narrativa convencional, que ganhou nova roupagem estrutural, permitindo que fossem estudados os elementos constitutivos da narrativa e, no caso específico, das particularidades relacionadas ao foco narrativo. A atividade foi realizada em outubro de 2008 na Universidade de Brasília. A proposta da atividade foi publicada na página do grupo de pesquisa LER: <http://www.literaturas.pro.br> (Anexo I)

Capítulo III

SUJEITOS E SUBJETIVIDADES



FIGURA 5 - Óleo sobre tela: *Galátea de Esferas*, de Salvador Dalí.

3.1 - O sujeito como cenário da subjetividade

A tela¹⁶, pintada pelo surrealista Salvador Dalí em 1952, insere-se em um contexto de reflexão fortemente influenciado pelas descobertas da física quântica e da psicanálise. Naquele momento eram questionados os limiares de fenômenos que relacionavam tempo/espço, matéria/vazio, energia/força no campo da física, e também o momento em que os estudos de Sigmund Freud

¹⁶ *Galátea de Esferas*. Salvador Dalí, 1952. Óleo sobre tela 65 x 54 cm. Fundação Gala – Salvador Dalí, Figueras.

sobre os impulsos inconscientes eram propagados. Essa confluência de novas concepções científicas influenciou manifestações artísticas voltadas para a descoberta do mundo interior em busca de si. O Surrealismo, movimento artístico do qual Salvador Dalí tornou-se um dos principais representantes, pode ser entendido como um grito da mente que se volta para si mesma.

O rosto de mulher, que está pintado na tela, a partir de um conjunto de esferas é a face da esposa de Salvador Dalí, Gala. Sua feição remete a um momento de interioridade. O rosto com os olhos cerrados e a cabeça levemente inclinada revela um momento de afloramento da subjetividade. Concomitantemente, as esferas, objetos geométricos e sólidos, estilham a imagem como um conjunto de objetividades atuantes sobre a cena. As esferas sugerem o movimento de átomos e, também, a fragmentação da matéria, uma evidência de que o ser humano é um ser fragmentado e repleto de intervalos intercalados por partículas em movimento. É interessante observar que a representação do sujeito na tela, depende do conjunto dos “átomos” em pleno deslocamento, de maneira que a pintura revele um instante de realização do sujeito captado pelo artista.

Se o ânimo que impulsiona as esferas, atua para a construção do rosto, como sugere a figura na tela, o resultado do deslocamento dessas esferas constrói um amplo cenário, com profundidade e movimento. Nota-se que antes da representação simbólica da unidade-sujeito o que há são fragmentos de forças que atuam para a produção de uma imagem. A este cenário aproximamos a concepção de sujeito como o conjunto de todas as partículas captadas em um dado instante. O sujeito é o cenário da subjetividade, ou seja, é o todo construído pelo movimento contínuo que é a subjetividade em ação.

Os processos de construção da subjetividade não estão estagnados e isolados em fenômenos particulares, são processos atualizáveis e permanentes que apresentam momentos de organização que definem uma instância de significação. Ao pensar a subjetividade como o movimento de fragmentos, é possível considerar inicialmente sua oposição ao termo objetividade, o que nos conduz em primeira ordem a um pensamento dialético. É evidente a contradição fundamental que rege a relação do sujeito com o mundo objetivo a sua volta, mas, simultaneamente, esse jogo de aparentes

opostos, subjetividade/objetividade, produz aquilo de que a subjetividade se nutre: fluxo, movimento, processo.

O sujeito só existe em uma sociedade no confronto de valores, daí a importância dos contrários que impulsionam a evolução do homem ao longo da história. A subjetividade transforma-se constantemente, por isso é necessário considerá-la dentro de um contexto histórico, inserida em um processo constante de subjetivação/objetivação.

O movimento objetividade/subjetividade ou subjetividade/objetividade é constante; tudo com que nos relacionamos de maneira direta ou indireta irá reverberar no nosso psiquismo, modificando os protocolos de nossa subjetividade, da mesma maneira que a subjetividade tenta captar o mundo a sua volta para atribuir-lhe sentido a partir de suas experiências. Entretanto esse movimento dialético, em busca de uma síntese, só é possível quando essas forças opostas são movidas pelo pensamento crítico.

Nosso organismo é estimulado a todo momento: percebemos, sentimos, reagimos, refletimos e agimos, objetivando a nossa subjetividade, que por sua vez se transforma, num processo constante, de metamorfose, **isto se não nos deixarmos cristalizar por papéis desempenhados sem uma reflexão crítica.** (LANE, 2002: 12, sem grifo no original)

A subjetividade é construída de maneira dialética nas relações entre indivíduo e sociedade. Enquanto a sociedade, com suas instituições, estabelece modelos e regras, é a subjetividade que inventa, imagina e cria, promovendo o processo de transformação da própria sociedade. O caráter subjetivo torna-se indispensável para a construção do conhecimento responsável pela transformação do mundo.

A subjetividade é uma problemática abordada pelos estudos sociológicos, antropológicos e psicológicos e, a partir da década de 70, é cada vez mais investigada devido às postulações filosóficas em tom de crise do sujeito. Além da singular importância da obra de Michael Foucault, que empenhou-se em desmascarar as formas de pensamento cristalizadas que estão por trás das instituições, destaca-se a relevância do trabalho de Gilles Deleuze e Félix Guattari ao discutirem a produção da subjetividade dentro de uma perspectiva político-econômica pela emancipação de sujeitos. Isso, mais

uma vez, aponta para o fato de que a subjetividade, um elemento humano, está intrinsecamente vinculada à sociedade.

O que podemos entender é a importância do social e do cultural na construção desta subjetividade, sendo ela provisória ou não.

A cultura de massa produz, exatamente, indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistema de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de submissão muito dissimulados. [...] Não somente uma produção de subjetividade individuada – subjetividade dos indivíduos – mas uma produção de subjetividade social, **uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo.** (Guattari & Rolnik, 2005: 22, sem grifo no original).

É fato que a partir dos dois últimos séculos, em uma sociedade que vai se tornando cada vez mais paramentada de recursos e discursos, a subjetividade vem sendo cada vez mais diminuída e achatada nas relações entre o indivíduo e a sociedade, e quando isso acontece, elimina-se aos poucos a essência dos processos psicológicos humanos, sem os quais o homem fica impossibilitado de reagir diante da própria história, provocando com isso a paralisação da cultura, entendida aqui como um movimento simultâneo entre os fenômenos internos e externos ao homem para produzir significados e sentidos.

A subjetividade no século passado foi fortemente influenciada e estimulada pelos movimentos artísticos e culturais que se manifestaram fortemente diante de um mundo em crise. O contexto das guerras e revoluções provocou a necessidade do novo. Saía de cena a arte que representava, sobretudo, os conflitos centrados no egocentrismo e na religiosidade, e aparecia uma arte em busca de um significado para a própria existência. Entre as manifestações artísticas que irão impulsionar a produção de uma nova subjetividade, interessa analisar e descrever as abordagens relacionadas ao texto literário.

3.2 - A máquina de produção da subjetividade

Para aproximar-se de uma definição de subjetividade, o mais recomendado é não buscar o molde, pois essa moldura, que se acredita ser o limite da realização do sujeito, não existe. É pensando nessa impossibilidade de delinear um sujeito que Guattari (1992) propõe um sujeito processual, como um efeito realizável, um quase anti-modelo inicialmente indicado por ele próprio e Deleuze (2004) ao incentivarem o abandono por caminhos certos e delimitados de julgamento em nome de uma procura de novas sensibilidades criadoras. E esse seria o papel da crítica teórica: pensar essa nova maneira de sentir os estímulos. A subjetividade, nessa acepção, realiza-se em vias de virtualização, ou, como nos fala Guattari, em “instantes de eternidade”, ou, ainda, em “territórios existenciais”, e torna-se a expressão do ser em um momento dado.

Se pensarmos na impossibilidade de garantia da individuação do sujeito no mundo da propaganda e do consumo, temos de concordar que não há quem consiga esgueirar-se do *merchandising* global. O sujeito em seu primado de indivíduo autêntico, enclausurado em suas convicções, está desaparecendo. Não há fato isolado capaz de libertar a postura do sujeito, tudo está interligado. Agindo em consonância com outros sujeitos, o homem recebe e exprime constantemente estímulos diversos, passando a figurar dentro de uma grande orquestra. Uma performance sempre variável, e não uma constante ontológica.

Nesse sentido, os estudos na área das ciências humanas têm dado especial importância à subjetividade. É a subjetividade que consegue esgueirar-se da massificação, dando lugar à introspecção. A subjetividade é o reconhecimento de que algumas construções são mentais e de que nossos valores são vulneráveis (OLSON,1997).

Então, mesmo que a subjetividade se realize em um dado momento, ela se realiza virtualmente. Segundo Thomaz Tadeu da Silva:

O termo subjetividade tenta dissolver qualquer noção essencialista de sujeito, como entidade singular ou privilegiadamente humana, bem como para fugir de dicotomias

tradicionais como as que separam o humano e o não-humano ou o psíquico e o social. (Silva, 2000a:15)

Ao pensar na subjetividade como ação do ser no mundo, não podemos reduzir essa discussão à simples oposição entre sujeito individual e sociedade, pois negaríamos algo que é inerente à subjetividade, que é o lugar onde se realiza a identidade, ou a diferença.

Recorrendo à contribuição dos estudos linguísticos, Guattari encontra na raiz da linguagem, no modelo de máquina abstrata de Noam Chomsky, o que ele irá chamar de máquina desterritorializada, ou, simplesmente, máquina abstrata. A existência de um sistema maquínico que permitirá associações e movimentos que darão vazão à realização da subjetividade. Estamos diante da subjetividade como possibilidade de territorialização de um paradigma.

A dualidade sintagma e paradigma presente no início dos estudos lingüísticos estruturalistas propostos por Saussure define objetivamente que a linguagem está estruturada em uma cadeia enunciativa ordenada, o que ele chamou de sintagma. Esse sintagma pode sofrer alterações múltiplas, de acordo com as mais diversas situações. A diferença, ou melhor, o elemento diferenciador seria o paradigma.

Guattari, apesar de não se auto-definir estruturalista, e de atacar as teorias dualistas, herda dessa via de investigação não só várias definições, mas um pouco da tentativa de ordenar e visualizar as construções do *socius*, da *psique* e da natureza. Ele considera a subjetividade como um ponto central para a compreensão dos problemas que envolvem a humanidade na atualidade, pois o fato de a subjetividade estar em contínua produção possibilita a criação de novos paradigmas.

Por outro lado, o estudioso nos lembra que a subjetividade pode ser manipulada pelas engrenagens do sistema e massificada de forma embrutecedora. Milhões de indivíduos podem ser submetidos a realizarem uma subjetividade imposta pelos meios de comunicação de massa, ou por qualquer outro meio de agenciamento, um verdadeiro mundo de fetichizações, criando sobre determinado objeto um valor que não corresponde à sua finalidade. Esse “objeto”, julgado por um critério ideológico, é o que Marx chamou de fetiche e que Theodor Adorno discute ao atacar a sociedade de consumo, que também

industrializou a cultura. Assim, o fetiche passa a ser um componente ideológico capaz de adulterar a essência daquilo que deveria ser produto da cultura humana.

Guattari (1990) é categórico ao afirmar que toda ação humana que não tem como finalidade a criação de uma subjetividade que enriqueça sua relação com o mundo, desvaloriza o próprio sentido da vida, esfacelando a imagem do eu.

A consciência de que o potencial de produção humana está cada vez mais acelerado no tempo, coloca-nos diante de um futuro muito mais próximo. Mas que futuro seria esse? Um futuro catastrófico? Ou um futuro surpreendentemente repleto de criação cultural e reinvenção do meio ambiente?

Dessa indagação sobre o futuro, surge como hipótese a previsão trágica de destruição da existência do homem e do planeta. Um alarme criado pelos textos de Guattari, que, no entanto, menos assustam e mais ensinam, na medida em que não apontam a tragédia da humanidade como um fim único e certo, mas como um alerta.

Sua fórmula para uma retomada de consciência diante da própria vida é a *Ecosofia* que compreende a relação da humanidade com o *socius*, com a *psique* e com a “natureza”, o que corresponde a *As Três Ecologias*. Nesse trabalho é defendida a tese de que o homem precisa, necessariamente, rever suas relações com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo; pois, do contrário, a humanidade estaria caminhando para o seu fim. Interessa, particularmente, nessa proposta, investigar como se dá essa relação do sujeito consigo mesmo, ou seja, de como se dá a produção da subjetividade.

O sujeito é multiplicidade, e uma multiplicidade resultante de um trabalho contínuo de produção da subjetividade. Para Guattari e Deleuze, pensar o sujeito a partir do século XX é pensá-lo junto a uma máquina de produção de subjetividade, em oposição à antiga idéia de unidade coerente, durável e individualizada.

Entender a lógica de produção dessas subjetividades é entender como o sujeito reage às inovações nos dias de hoje. Longe de ser definida de maneira objetiva, a subjetividade leva-nos ao reconhecimento de um conjunto de

partículas não-formadas, de processos de subjetivação em plena formação. *“Você tem a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de uma vida (independente da duração), de um clima, de um vento, de uma neblina, de um enxame, de uma matilha (independente da regularidade). Ou pelo menos pode tê-la, pode consegui-la”* (Guattari, 1990:16).

A subjetividade, nessa concepção, pode ser entendida como os efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar o ser humano em variadas formas de sujeitos, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e da prática de outros sobre eles. Logo, podemos entender a partir dessas práticas a intensa capacidade criadora e criativa do sujeito, e também a sua vulnerabilidade aos agenciamentos da subjetividade.

O termo agenciamento é utilizado para significar qualquer combinação ou organização dispare, sem qualquer hierarquia ou organização centralizada, de elementos, fragmentos ou fluxos das mais variadas e diferentes naturezas: idéias, enunciados, coisas, pessoas, corpos, instituições. (SILVA, 2000b:15)

A capacidade de produção da subjetividade reside, inicialmente, na percepção de que somos seres muito mais não-subjetivados do que imaginamos, por isso podemos agir sobre nós mesmos para habitar essas formas não-subjetivadas de existência. É no local onde ainda não há paradigma territorializado que o sujeito se realiza na condição de agente de sua própria subjetividade.

Touraine & Khosrokhavar (2004) falam da importância de considerarmos a dessubjetivação como um momento de ruptura capaz de levar o homem ao encontro de sua “sombra”, ou seja, um encontro com a ausência de regras e normas pré-estabelecidas lançando-o no mundo do desconhecido e do não-determinado, um momento em que a liberdade faz-se, de fato presente, um momento, sobretudo, de auto-conhecimento.

Esse momento de ruptura, então, torna-se essencial, pois ele abre espaço para novas projeções que irão mover a subjetividade. Esse *locus* de realização, explica-nos Rose ao falar sobre a multiplicidade de nossos eus, não

deve ser entendido como uma forma oculta, mas como um plano imanente, uma dimensão, um plano de consistência (Rose, 2001: 146.). E, se imanente, pode-se concluir que esse *locus* faz parte da natureza primeira do sujeito, confirmando a imagem da máquina abstrata que Chomsky descreveu ao analisar a raiz da linguagem. Guattari e Deleuze chamaram as formas não-subjetivadas de *hecceidades*, para, a partir daí, traçar o plano oposto à hecceidade, o que seria o plano da organização, da estratificação e da realização da subjetividade, o que eles chamaram de *territorialização*.

Os conceitos de hecceidade e de territorialização presentes na teoria da produção da subjetividade são essenciais para a compreensão de como se dá o funcionamento da “máquina de subjetivação”. Retomando essa oposição, temos que a territorialização, ou plano de organização, não pára de trabalhar sobre a hecceidade, que é o plano de consistência. O plano de organização tenta preencher as lacunas para evitar a desterritorialização, ao passo que a hecceidade, inversamente, não pára de evadir-se do plano de organização, o que garante a dinâmica que propiciará o movimento saudável que caracteriza a subjetividade em plena movimentação.

Essa dualidade entre o plano de consistência e o plano de organização (ou hecceidade *versus* territorialização) poderia ser encarada como as duas faces de uma só moeda para a produção da subjetividade, de modo que a nulidade de uma das partes causaria sua estagnação. Ou, ainda, se comparada ao processo da leitura: essa dualidade poderia ser entendida como o plano da interpretação e o plano da expressão, essenciais para o efeito estético produzido pela recepção da obra de arte, sendo que na ausência de uma delas não se dará a realização do texto.

Voltando à acepção da subjetividade, é preciso considerar que, se a relação que os sujeitos têm consigo mesmos não é de movimento, fluxo, evasão e preenchimento, é porque estão sendo dominados por determinada territorialização; o que faz com que a subjetividade seja controlada por estruturas de agenciamento. Nesse caso, o sujeito se ausenta em sua hecceidade (consistência) e passa a ser subjetivado por uma organização, estratificação, movimentos e forças de outros humanos, objetos, instituições e etc.

No entanto, reduzindo a produção da subjetividade aos dois lados de uma só moeda, despreza-se aquilo que faz dela um acontecimento plural, que são os pontos de virtualidade que se entrecruzam quando da formação de um território existencial. Então, para se chegar a um conceito mais fiel de subjetividade, é preciso pensar nela, não só como “a moeda com seus dois lados”, mas como uma das moedas envolvidas em uma troca financeira, em um determinado lugar por ocasião de determinada transação comercial. Ou seja, há uma série de acontecimentos paralelos que atribuem valor ao acontecimento daquela moeda.

Aproximando-se, novamente, o processo de produção da subjetividade ao processo da leitura como efeito: é necessário considerar entre texto e leitor os espaços vazios, as lacunas e o contexto que possibilitarão a interpretação.

Guattari (1992) descreve a produção da subjetividade usando a imagem de uma constelação de universos existenciais. A idéia de universo cria uma imagem capaz de representar a virtualização das possibilidades de existência. A virtualização da existência será entendida aqui a partir do conceito de virtualidade desenvolvido por Lévy (1999). O virtual para Lévy não é aquilo que não é real, mas aquilo que não está em foco em dado momento, e permanece no plano da existência, ou seja, é aquilo que não é o atual, mas que existe em sua sombra.

A idéia de constelação de universos existenciais, permite a seguinte lógica: a constelação é composta por diversos universos de referência, cada um representa uma hecceidade fora do tempo discursivo pronta a ser ocupada por um dado paradigma. Esses paradigmas, por sua vez, também são conjuntos de linhas de virtualização. As hecceidades, dentro desse panorama, representam focos de eternidade aninhados entre os instantes, em que cada instante deve ser territorializado segundo o movimento da máquina de produção da subjetividade.

Para essa concepção de subjetividade, o tempo deixa de ser vivido passivamente e passa a ser uma ação orientada e mutável, de modo que a percepção da subjetividade produzida deixa de ser a interpretação de um conteúdo latente preexistente e passa a ser a invenção de novos focos que possibilitem bifurcar a existência, criando outros paradigmas.

Na constelação de universos existenciais, segundo Guattari, as linhas de virtualização de cada paradigma e a territorialização dos universos existenciais entrarão em funcionamento no destaque de um “motivo” existencial, que se instaurará como um atrator no seio do caos sensível e significacional. A esse “motivo” Bakhtin (apud Guattari 1992) chamou de *ritornelo*, que é a capacidade de fixação da subjetividade diante de um determinado contexto que naquele momento funciona como um nó existencial projetivo.

Para a definição de *ritornelo*, Guattari utiliza vários exemplos, como o de numerosas espécies de pássaros em que determinadas sequências de canto servem para seduzir o parceiro sexual ou afastar intrusos, ou, ainda, avisar sobre a chegada de caçadores. Mas, para que isso ocorra, cada canto deve ser um ritornelo bem definido, deve representar um início de acontecimento. Sendo que para cada canto evidencia-se a ruptura com um canto anterior, o novo canto, então, inaugura um novo momento e carrega consigo uma outra significação.

O ritornelo, então, permite o retorno capaz de instaurar um novo significado dentro das mais diversas plataformas de fenômenos. No entanto, o ritornelo na sociedade de hoje não se apresenta de maneira tão clara. Estaríamos falando, do que Guattari chamou de *Ritornelo Complexo* e até de *Ritornelos Hipercomplexos*, em que um conjunto de símbolos consegue, por exemplo, em um único módulo temporal catalisador, nos mergulhar na tristeza ou, então, em um clima de alegria e animação.

De maneira bem prática, poderíamos pensar na seguinte sequência para o processo maquínico de produção da subjetividade. Ao “soar” um determinado *ritornelo*, dá-se a atração da *hecceidade*. Nesse momento, os *paradigmas* de certo universo existencial começam a ser configurados (ou atualizados) até que um desses paradigmas *territorialize-se* e forme uma *subjetividade*. Neste ponto tem-se eternizado um momento singular. De maneira ilustrativa, apresentam-se os seguintes esquemas:

A Máquina da Subjetividade

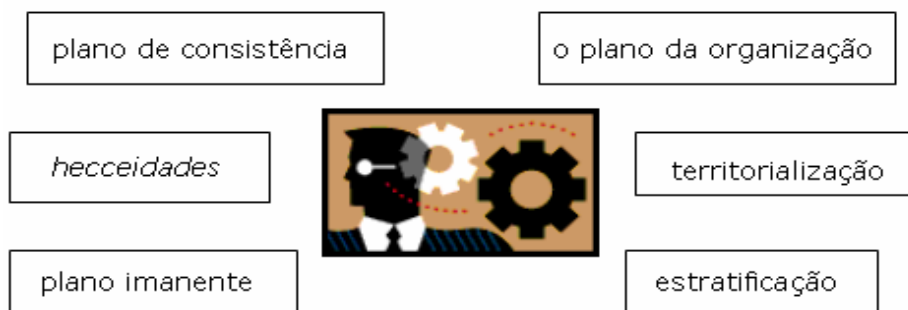


FIGURA 6 – OS COMPONENTES DA MÁQUINA DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

A territorialização, ou plano de organização, não pára de trabalhar sobre a hecceidade, que é o plano de consistência imanente. *“Uma causa imanente se atualiza em seu efeito, que se integra em seu efeito. Ou melhor, a causa imanente é aquela cujo efeito atualiza e integra a diferença.”* (DELEUZE, 1988. p 45). O plano de organização tenta preencher as lacunas para evitar a desterritorialização, ao passo que a hecceidade, inversamente, não pára de evadir-se do plano de organização.

Instante de Eternidade

Plano de Consistência + Plano da Organização

Hecciedades + Territorialização

Plano Imanente + Estratificação



SUBJETIVIDADE

FIGURA 7 – COMO OPERA A MÁQUINA DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE.

A produção da subjetividade realiza-se em vias de virtualização; “instantes de eternidade”; “territórios existenciais”. No momento em que ela se concretiza, dá-se a territorialização.

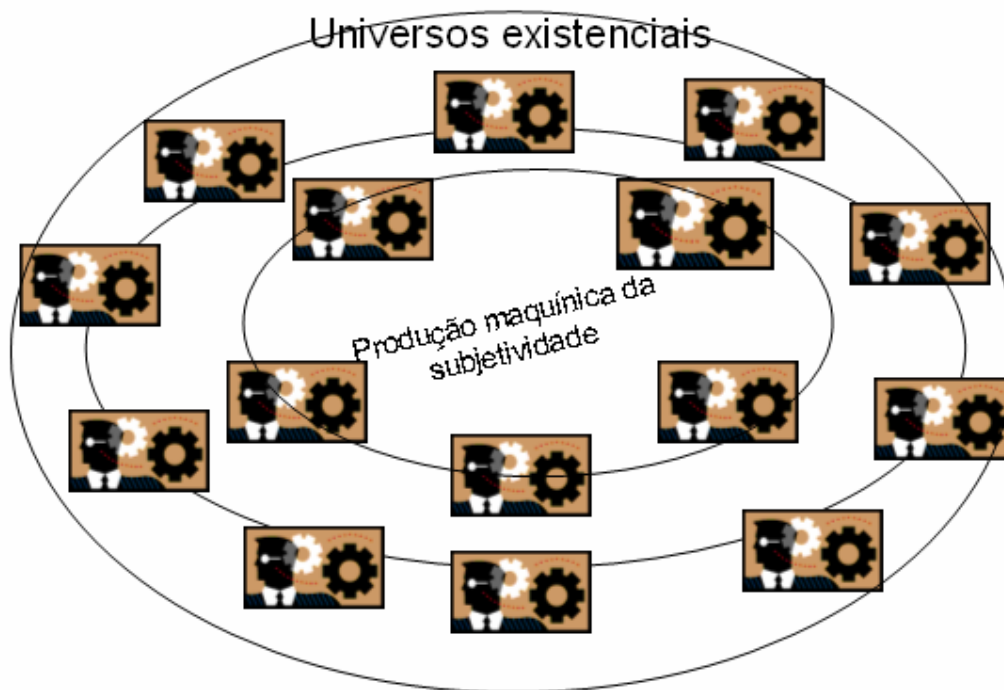


FIGURA 8 – A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E OS UNIVERSOS EXISTENCIAIS

O movimento de produção da subjetividade, hoje, encontra-se ameaçado de paralisia, alerta-nos Guattari, pois os *ritornelos* que deveriam provocar um motivo existencial para o indivíduo, na sociedade moderna, não conseguem funcionar como um atrator que motive e dê significado a sua existência. Isso se deve ao fato de o sujeito, cada vez mais, perder-se de suas origens culturais, da terra natal, do seio familiar, de suas referências mais profundas. Dessa maneira, nada consegue retomar um elo que se perdeu.

Ao se perder os universos de referência, conseqüentemente, perde-se aquilo que é considerado como o fundamento do ser, em oposição às modificações que apenas o atingem superficialmente ou temporariamente. Para Guattari (1992:169), a *subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado*. Ao mesmo tempo em que o mercado oferece todo tipo de produtos que circulam livremente pelo globo, os sujeitos encontram-se dentro de uma vida padronizada, em que suas subjetividades desempenham os

papéis previstos para esse modelo de sociedade. As opções existentes parecem criar uma atmosfera de escolhas próprias, mas, na verdade, são a resposta para aquilo que já está programado.

Essa oferta irrestrita, mas repetida, são as pseudo-opções que compreendem o plano da organização da subjetividade. Logo, percebemos que a subjetividade de inúmeros indivíduos está presa, paralisada. (Guattari, 1990:18).

A maneira extremamente objetiva e prevista de vida assemelha-se ao que Baudrillard (2001a) chamou de “o acontecimento”. Criticando a sociedade que vive um espetáculo de acontecimentos, ele diz que essa seria a nossa maldição: vivermos em um mundo excessivamente real. Esse do real excessivo acontece à medida que não se consegue encontrar linha de fuga alguma, porque tudo está sistematicamente controlado.

Nesse modelo de vida há, não uma comunicação, e sim uma contaminação de tipo virótico, tudo passa de um para o outro de maneira imediata. A palavra promiscuidade diz a mesma coisa: tudo aí está de forma imediata, sem distância, sem encanto. E sem um verdadeiro prazer. (Baudrillard, 2001a:3). Guattari alerta para os engodos que são propostos a cada dia, na forma de um mundo infantilizado com sujeitos caricatos que parecem ter sido produzidos em série.

A possibilidade de sair dessa paralisia seria resgatando campos de virtualidade, uma vez que o inconsciente se fixa ao passado apenas enquanto nenhum outro engajamento o faz projetar-se para um outro momento. *“O que quer que seja, parece-me urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas.”* (Guattari, 1990:18)

Devemos realizar cada vez mais essas subjetividades considerando a apreciação prazerosa de cada indivíduo do mundo a sua volta, valorizando uma dimensão estética, sem ignorar a responsabilidade coletiva e de cada um sobre o bem comum, priorizando também uma dimensão ética.

Uma vez em funcionamento, é preciso cuidar para que a subjetividade não seja produzida unicamente dentro de paradigmas da tecnociência. Essas realizações paradigmáticas técnico-científicas dão ênfase ao mundo objetivo,

mantendo alheios os afetos subjetivos, de modo que o finito, o delimitado coordenável, acabe sempre prevalecendo sobre o infinito de suas referências virtuais.

A partir da definição da subjetividade produzível elaborada por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, Guattari desenvolve um estudo por ele chamado de *As Três Ecologias*, no qual defende o desenvolvimento de paradigmas ético-estéticos, como a possibilidade de reorganização do caos. Para tanto, segundo ele, as dimensões ética e estética, são imprescindíveis para a liberação do mundo das forças catalisadoras das subjetividades: uma forte possibilidade para uma evolução humana pautada no reconhecimento da sociedade, da natureza e de si mesmo. Nessa perspectiva, a literatura surge como um caminho estético capaz de colocar em funcionamento a produção de uma subjetividade menos previsível, mais original, mais significativa.

3.3 - O paradigma ético-estético

Guattari (1992) em seu livro *Caosmose: um novo paradigma estético* cunhou o termo *novo paradigma* ao referir-se ao paradigma estético. Para ele, o homem inserido no mundo moderno não consegue viver mais sob o baluarte da cientificidade que determina modelos de ações e comportamentos, sejam eles modelos humanos ou institucionais. O problema advindo da aceitação dessas práticas reside na persistência da repetição de moldes e estereótipos típicos da tecnociência que dão ênfase a um mundo objetivo de relações e de funções, mantendo sistematicamente entre parênteses os afetos subjetivos, de modo que o finito, o delimitado coordenável, acabe sempre prevalecendo sobre o infinito de suas referências virtuais.

Vale lembrar que os paradigmas que concorrem para a formação de uma subjetividade não são objetivos ou predeterminados, eles também são compostos por linhas de virtualização. Quanto ao paradigma ético-estético, esse por sua vez, já nasce com uma dimensão maior, um chamado à liberdade de criação dos homens. Para Guattari, a obra artística pode ser um exemplo perfeito desse tipo de paradigma.

O *velho paradigma*, apesar de todas as “mudanças” ocorridas no modo de viver do homem moderno, continua sofrendo a interferência direta do significante capitalístico. Por mais que os sujeitos estejam aptos a modificar suas relações com o outro e com o mundo, esse significante, derivado do modelo econômico a que o mundo foi submetido, consegue sobrecodificar instâncias de subjetividade que deveriam se evadir, como aquelas ligadas às afetividades familiares, sexuais e religiosas, por exemplo.

No entanto, há um campo da percepção e de afeto estético que permanece como foco de resistência e re-singularização face às redundâncias canônicas e imposições sistêmicas, e isso graças à abertura precária das linhas de fuga virtuais. A esse campo de resistência aproxima-se o sentido do novo paradigma: *o novo paradigma condiz com uma dimensão de criação em estado nascente, cujo limiar decisivo de constituição reside na aptidão desses processos de criação para se auto-afirmar como fonte existencial, como máquina autopoietica.* (Guattari,1992:129). Sendo assim, o novo paradigma funcionará como uma desterritorialização contínua da subjetividade, cuja territorialização só se realizará na condição de elementos e pontos de vista autopoieticos, ou seja, autoprodutivos.

Nesse caso, a literatura aproxima-se bastante desse motor autopoietico, uma vez que sua realização é resultado de uma interação entre texto e leitor, por meio de um mecanismo de sedução e convencimento. Como nos lembra Jauss (1976, p.43-48.), ao propor sua teoria acerca da estética da recepção, a práxis estética se dá como atividade produtora, receptiva e comunicativa (*poiesis, aistesis e katharsis*), e essa capacidade é sempre de fruição, pois a cada encontro, o texto é recebido e interpretado de uma nova maneira. O processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido se reconstrói a cada encontro. Isso faz da literatura um construto resultante da interação entre leitor, texto e mundo.

O próprio Guattari indica a arte literária, ao lado das artes plásticas, como exemplo claro de um novo paradigma:

Os novos paradigmas devem suceder como na pintura ou na literatura, domínios no seio dos quais cada desempenho concreto tem a vocação de evoluir, inovar, inaugurar, aberturas prospectivas, sem que seus autores possam se

fazer valer de fundamentos teóricos assegurados pela autoridade de um grupo, de uma escola, de um conservatório ou de uma academia. (Guattari, 1990: 22)

A liberdade de criação do objeto artístico faz dele um elemento aberto e provocativo para seu público. A arte valoriza e permite um engajamento do criador e de seu intérprete em um exercício contínuo de identificação e estranhamento, no qual é possível reconhecer o próprio mundo e, por consequência, também se reconhece a vida e a si.

No momento em que intérprete e criador se dispõem a participar da obra de arte, suas subjetividades são lançadas rumo a uma nova realização. Nesse caso, a nova realização da subjetividade partirá de um momento não-subjetivado previamente, o que estimulará o funcionamento da máquina de produção da subjetividade. É devido a essa capacidade de promover rupturas que a arte se torna eficaz para este processo.

Quando uma subjetividade sofre uma ruptura, dá-se o movimento brusco de funcionamento da máquina de produção da subjetividade, um verdadeiro solavanco em que determinado paradigma se evade, deixando aberto o fluxo do plano de consistência (a hecceidade). Antes que a subjetividade em vigor pare de funcionar, entra em cena uma subjetividade de emergência. Livre de adequar-se à realidade de ruptura, compete a essa outra subjetividade o “estranhamento”. Nesse instante importa perceber a ação de um ímpeto rítmico mutante capaz de gerir um novo edifício existencial.

Esse seria o primeiro passo dado pelo apreciador, leitor ou intérprete rumo à significação da obra de arte: o estranhamento diante de algo novo, que torna explícito o contato com o desconhecido. A ação repentina proporcionada pela arte é facilmente associada a sua capacidade de vanguarda. Nesse sentido, para Guattari (1992), toda a arte é vanguardista, pois sua característica principal reside na capacidade de autoprojetar-se como um motivo existencial inédito. A partir da arte, tudo deveria ser repensado, recriado, retomado do zero, evitando-se a repetição inconsciente.

A produção da subjetividade em contato direto com o objeto artístico realiza o movimento de criação que garantirá a intensidade dos processos evolutivos. Para Guattari, há uma maneira de a humanidade evoluir sem

destruir a si e à natureza em sua volta. Essa trajetória evolutiva deveria começar pela produção da subjetividade pautada em paradigmas estéticos, a exemplo do que acontece com a obra de arte.

Em se tratando da literatura, especificamente, deve-se tomar o percurso da leitura da obra literária como um momento de intensa produção da subjetividade, uma vez que ao leitor são expostas categorias que carecem de preenchimento para que a própria obra se realize. O preenchimento dessas categorias exige o movimento da subjetividade do leitor, um jogo de provocação e resposta que atinge, também, o contexto onde se localiza o leitor e obra de arte.

Essa experimentação do funcionamento de subjetividades em um outro plano que não o da realidade, consegue atrair o leitor para a revisão da realização dos paradigmas por meio dos quais a sua subjetividade vem sendo territorializada, por mais enigmático e diferenciado que sejam os conteúdos expostos.

Possivelmente, o caminho da arte é uma maneira viável de deslocamento dos paradigmas objetivamente dispostos em um dado universo virtual. Um exercício que nasce sem grandes pretensões, mas capaz de superar as previsões do leitor e até mesmo do autor da obra sobre o alcance de sua ficção. A capacidade de vivenciar arte, possibilitada também pelo ato de sua recepção, permite criar novos paradigmas, movimentar-se em meio a diferentes universos de valor, reconhecer *ritornelos* e logo em seguida zerar todo o processo, para mais à frente reiniciar outros processos, fazendo funcionar a máquina de produção da subjetividade em pleno vapor.

Interromper esse fluxo criativo tem sido a causa da estagnação da humanidade, da repetição de práticas reducionistas, da recorrência ao lugar comum, da canonização do já conhecido, premeditado e controlável. Em contrapartida, lançar questões, expor conflitos, constatar diferenças, requerer o senso crítico, explorar e denunciar a insistência de velhos paradigmas pode ser o meio de valorizar a capacidade humana de lidar com o novo.

Ao contribuir para o movimento de produção de subjetividades, a literatura situa-se no limiar entre os mundos da ficção e da realidade. Platão em seu *livro X de A república* dedicou-se a uma discussão que até hoje não está

esgotada, que é justamente o limiar entre ficção e realidade. A *mímeses* presente na arte não pode ser rigorosamente comparada à realidade, já alertava Platão, mas deve ser valorizada por sua capacidade de promover a fruição da sensibilidade humana, representada pelos seus medos, desejos, angústias, paixões etc. Esses temperamentos e sentimentos, na maioria das vezes, são controlados pelo nosso senso racional.

A arte, no entanto, e especificamente a literatura, à qual se refere Platão ao citar os gêneros Tragédia e Comédia, respectivamente, seria o portal capaz de revelar aquilo que faz parte da natureza humana, livre dos pudores e limites impostos pela cultura.

A capacidade de mergulhar o homem nas experiências mais essenciais por meio das narrativas heróicas, a exemplo de Homero, segundo Platão, explica a razão pela qual a literatura seduz e fascina o homem, mais do que qualquer ensinamento moral ou científico.

A categoria do possível e realizável presente na literatura aproxima-a do conceito de *dobra*, antes cunhado por Foucault como *um si mesmo constituído como núcleo de resistência frente a poderes e saberes estabelecidos* e, em seguida, tomado por Deleuze como *uma zona visível onde é possível alojar-se, enfrentar-se, apoiar-se, respirar; em suma, pensar* (Deleuze, 1992:138)

A *dobra*, ou mesmo o espelho de que falou Platão em seu livro X de *A República*, não é exatamente a realidade, nem puramente uma evasão dela, trata-se do fronteiroço, do momento de passagem, de fluxo e fruição. A literatura, entendida como um novo paradigma, empenha-se em manter um canal que crie as condições necessárias para a subjetividade resistir às pressões sistêmicas, à medida que perfaz um caminho de imersão no caos e retorno à subjetividade investida, de alguma forma, de uma carga de complexidade. Trata-se de um movimento possível no percurso realidade/ficção e vice-versa.

O processo de leitura do literário é um mergulho no caos, e ao retornar à superfície do texto, o sujeito vê-se investido de novas cargas de complexidade. Guattari (1992) chamou esse movimento de dobragem cósmica: a interface entre a finitude e infinitude sensíveis. Sendo assim, o movimento se dá continuamente entre o finito e o infinito.

O processo de produção da subjetividade é assegurado pela imersão na ficção e consecutiva desterritorialização de condutas predeterminadas para possíveis criações de novos paradigmas. A leitura da literatura promove esse momento de dessubjetivação, uma ação necessária para pôr em movimento a máquina de produção de subjetividades.

CAPÍTULO IV

LITERATURA E SUBJETIVIDADE

Não tenho bens de acontecimentos.
 O que não sei fazer desconto nas palavras.
 Entesouro frases. Por exemplo:
 - Imagens são palavras que nos faltaram.
 - Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.
 - Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.
 Ai frases de pensar!
 Pensar é uma pedreira. Estou sendo.
 Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo)
 Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos,
 retratos.
 Outras de palavras.
 Poetas e tontos se compõem com palavras.
 [...]

Manoel de Barros¹⁷

A qualidade fundamental da literatura é oportunizar o diálogo com os conflitos humanos, pois o texto literário atua como uma estrutura organizada e coerente, capaz de ativar as faculdades sensórias, emotivas e cognitivas do leitor. O ato da leitura literária é um fenômeno estético que, ao ativar todo o aparato sensível do leitor, coloca-o em uma condição extrema, quando os significados multiplicam-se interferindo no mundo e nas estruturas sociais dominantes, o que não deixa de caracterizá-lo como resistência aos atos de cooptação das subjetividades.

Pensar é uma pedreira, afirma o eu poético que faz da poesia o devir em um mundo repleto de objetividades, discursos, atos. Pelo texto literário dá-se um acontecimento que no poema de Manuel de Barros revela-se por meio das *imagens* que estabelecem a relação do sujeito com a realidade, nesse caso o sentido do texto não deve ser reduzido a um significado ou a uma coisa a ser explicada, mas a um efeito a ser experimentado, visto que a imagem só pode

¹⁷BARROS, Manuel de. *Retrato Quase Apagado em que se Pode Ver Perfeitamente Nada in: O Guardador de Águas*.1998.

realizar-se como produto de uma complexa interação de signos que emanam do texto e encontram os atos de apreensão do leitor.

A imagem acontece em um momento dado, quando atualizam-se signos que reverberam a partir do acionamento do repertório de acontecimentos e emoções vivenciadas alhures. O repositório dos signos em movimento é o que se entende por imaginário, aspecto fundamental para a produção da subjetividade, pois afirma a realidade do eu, insinuando seu caráter ilusório. Para Deleuze (1992), o imaginário existe como um processo de trocas combináveis entre o real e o irreal que se sobrepõem continuamente, o que lhe confere um caráter virtual.

Ao acionar o repertório de imagens, entretanto, a literatura recupera o processo de interação do ser com o mundo e atua como intervenção promotora da saúde do sujeito. Os efeitos do literário emanam da ação de um autor que escreve e de um leitor que, ao ler, reescreve a própria história. Não se passa por esse processo ileso, porque se adentra a misteriosa casa do ser, e por isso, tal imersão faz-se de maneira dolorosa.

Ai frases de pensar! Continua o eu poético, consciente do exercício que o esgota, posto que tal atividade requer um ir e vir no mundo e fora dele que lhe cansará a vista e as emoções. Aquele que tanto vê, o poeta, volta à superfície do papel para dizer o que conheceu. Esse movimento, carregado de emoções, é o exercício de salvação que será compartilhado por meio da leitura. Ao referir-se à obra literária como uma possibilidade crítica e clínica diante da vida, Deleuze (2004:13) analisa:

Não se escreve com as próprias neuroses. A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido. A doença não é processo, mas parada do processo, como no “caso Nietzsche”. Por isso o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. **O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde:** não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro [...], mas ele goza de uma frágil saúde irreversível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais,

irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe, contudo, devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles? (sem grifo no original)

Ao construir por meio de signos poéticos um universo imaginário, o escritor dá testemunho de uma visão resgatada pela passagem por ele mesmo aberta. Diante dessa abertura, ao leitor é dado o direito de atuar sobre as marcas deixadas na tessitura do texto, sua atitude logrará como consequência os efeitos de sua empreitada rumo ao processo de ressignificação dos sentidos.

4.1 - O efeito estético

A arte enquanto representação do todo é coisa do passado, afirma Iser (1996), autor da Teoria do Efeito Estético. As formas tradicionais de interpretação que buscavam o significado do texto perdem força porque, ao buscar o significado verdadeiro da obra, sobrepunham-se à própria arte. A leitura do literário passa a valer, então, pelos efeitos que o texto causa no leitor. *“O sentido do texto é apenas imaginável, pois ele não é dado explicitamente; em consequência, apenas na consciência imaginativa do receptor se realizará”* (Iser, 1996, v1: 75).

A apreensão de informações não é o objetivo da leitura literária, o papel que o leitor assume ao ler um texto literário ultrapassa o mero reconhecimento de fatos e objetos. Essa experiência proporciona o movimento complexo da subjetividade, desde a própria estrutura do texto. É na interação entre texto e leitor que o ato da leitura literária produz significados que vão além da superfície do texto, promovendo uma transformação das instâncias efetivamente envolvidas nessa interação, ou seja, texto e leitor transformam-se a partir do fenômeno da interação proporcionada pela recepção do objeto estético.

A Estética da Recepção, inaugurada por Hans-Robert Jauss, em 1967, valoriza a participação ativa do leitor na construção dos sentidos do texto. O foco investigativo dessa teoria pode assumir duas perspectivas: analisar como se processam os diferentes modos de assimilação do literário em diferentes contextos, ou, de acordo com a contribuição de Wolfgang Iser (1999) voltar-se para as reações potenciais suscitadas nos leitores em pleno efeito estético.

A experiência estética, de todas as maneiras, leva o leitor ao desprendimento das limitações da vida cotidiana, à renovação de sua percepção e, conseqüentemente, a uma transformação social, conforme explica Zilbermann:

Caracterizando a experiência estética, Jauss explica porque é lícito pensá-la como propiciadora da emancipação do sujeito: em primeiro lugar, liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência, implicando então a incorporação de novas normas, fundamentais para a atuação e compreensão da vida prática; e, enfim, é concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a redescoberta de acontecimentos enterrados (Zilbermann, 1989:54).

Embora a teoria do efeito estético proposta por Iser esteja fundada nas especificidades encontradas desde a estrutura do texto literário, é o repertório prévio de conhecimento, normas sociais, éticas e culturais trazidas para o momento da interação que entra em ação no ato da leitura. Isso só é possível porque o texto literário proporciona um fluxo imaginário intenso a partir da existência de um leitor implícito no texto.

O conceito de leitor implícito é fundamental para a compreensão da teoria do efeito estético, pois é esse elemento que garantirá dentro do próprio texto a necessidade de participação ativa do leitor. Embora não tenha existência real, o leitor implícito não pode ser entendido como mera instância abstrata, não se trata da ficcionalização de um leitor a quem é atribuída a categoria de personagem, tampouco a de um receptor explicitamente imaginado pelo narrador. O leitor implícito condiciona a atividade de

constituição da estrutura do texto, que se realiza por meio dos atos que o estimulam. Assim, afirma Iser (1996: 75):

As perspectivas do texto visam certamente a um ponto comum de referências e assumem assim o caráter de instruções; o ponto comum de referências, no entanto, não é dado enquanto tal e deve ser por isso imaginado. É nesse ponto que o papel do leitor, delineado na estrutura do texto, ganha seu caráter efetivo. Esse papel ativa atos de imaginação que de certa maneira despertam a diversidade referencial das perspectivas da representação e a reúnem no horizonte de sentido.

Por meio das estruturas que dão existência ao leitor implícito, o leitor real dá coerência ao universo de representações textuais. Ao construir um horizonte de sentido para a obra, o leitor não apenas organiza as várias perspectivas do texto, mas estabelece um ponto de vista a partir do qual compreende a sua situação no mundo. O leitor real acaba por encontrar nesse modelo transcendental uma referência que lhe permite orientar a sua experiência no mundo. O sentido do texto é, assim, uma teia imaginável na experiência do leitor, que estabelece relações entre o seu ponto de vista e o da estrutura da obra e, então, acontece o preenchimento, a recepção da obra, que não se esgota em si mesma, visto que cada leitor é único e que cada leitura corresponde a uma maneira de ver o mundo representado.

A experiência literária torna possível o questionamento da diferença entre o real e o ficcional, sem, contudo, eliminar essa dualidade. A ficção não é, exatamente, uma representação da realidade, mas atua como uma potente estrutura comunicativa; a ficção conecta o sujeito à realidade, à medida que revela algo sobre a realidade, que a própria realidade não permitiria perceber. A literatura realiza-se como ente virtual e autônomo, sem necessitar de um contexto previamente dado, trazendo em si indicações para que o receptor o interprete. Torna-se preponderante nesse processo de virtualização da experiência literária, o fato de que o corpo ficcional preserva espaços vazios, porque serão esses espaços vazios que permitirão os fluxos de pensamento do leitor, fazendo com que, inevitavelmente, o texto exija um sujeito para poder existir. Nesse sentido,

A relação entre texto e leitor se atualiza porque o leitor insere no processo da leitura as informações sobre os efeitos nele provocados; em consequência, essa relação se desenvolve como um processo constante de realizações (Iser, 1996:127).

A estética da recepção permite concluir que as condições de apreensão dos sentidos do texto literário baseiam-se em duas instâncias: a primeira indicada pela estrutura do texto; a segunda, para além da estrutura do texto, é o caminho subjetivo que o leitor faz, baseado nos seus horizontes, na sua compreensão da estratégia e nas suas escolhas, para que a ficção se realize. A função que o leitor assume na interação passa, então, a ter uma importância crucial no ato da leitura, porque, além de ser provocado pelos elementos estruturais do texto, ele aciona um processo de preenchimento dessas lacunas que só é possível por meio do processamento de sua subjetividade.

O leitor vivencia, no encontro com o texto, a tensão entre o atendimento e a ruptura de seus horizontes relacionados a valores e normas sociais, culturais, éticas e estéticas, pois o texto ficcional apresenta-se ao leitor simultaneamente como resistência e identificação. A leitura, nesse caso, é um processo que exige atualização contínua por meio de uma estrutura textual sobre a qual incidirá o imaginário do leitor.

O ético e o estético são dimensões inseparáveis, na medida em que se efetivam a partir de uma reflexão sobre o outro, o que só é possível por meio de uma sensibilidade que reconhece as diferenças e desigualdades. A experiência literária afirma o seu compromisso ético-estético quando coloca em pauta a necessidade de escolha de caminhos pelo leitor, ajudando-o a esclarecer as normas e as condições sob as quais suas escolhas são feitas. Esse é um caminho de aprendizagem livre que não impõe o certo e o errado, o melhor e o pior, mas permite o exercício da escolha. Nesse aspecto, a literatura torna-se uma dimensão importante no desenvolvimento das relações sociais, como defende a estética da recepção que garante a função emancipatória da literatura. O crítico Antonio Candido (2004:180) alerta para a importância dessa função humanizadora, quando afirma que a literatura valoriza no homem pontos essenciais de sua humanidade, como por exemplo, “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a disposição para com o próximo, o afinamento

das emoções, o senso de beleza, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o cultivo do humor”.

4.2 - Efeito Estético e Produção da Subjetividade

É na interação entre o **plano de expressão** e o **plano de interpretação** que se dá o **efeito estético**; o encontro desses dois planos faz com que os espaços vazios presentes na estrutura do texto sejam preenchidos pela experiência do leitor. Esse efeito, para Iser (1996), *em um primeiro momento, pode ser definido como recusa à categorização ou ainda como situação em que o receptor se afasta de suas classificações*. Os vazios que existem no texto exigem do leitor o acionamento de seu repertório de experiências, provocando um fluxo interativo contínuo entre texto e leitor. Esse movimento produzirá a obra.

Tal movimento só é possível porque o texto literário contém em si elementos de indefinição. Mas o ato da leitura não é controlado por essas instâncias que emanam da própria estrutura do texto; os vazios são uma aberturas para o realizável, o que não significa dizer que a compreensão seja totalmente aleatória, pois os espaços são projetados a partir da existência de um leitor implícito, o que provocará atos de determinação muito variados, tendo em vista que o leitor implícito só existe na condição de subjetividade receptora implícita. “A constituição do sentido que acontece na leitura significa que criamos o horizonte de sentido, tal como implicado pelos aspectos do texto” (Iser, 1999, v2: 92)

As experiências do leitor somadas às lacunas do texto literário, podem suscitar a aventura pelo desconhecido, o que de acordo com Iser (1999) dará a ele a impressão de viver uma transformação durante a leitura. “Neste sentido, a literatura oferece a oportunidade de formularmo-nos a nós mesmos, formulando o não-dito” (Iser, 1999:93). No momento da leitura o presente é ressignificado por meio da apropriação dos pensamentos do outro que representam, inicialmente, uma experiência ao mesmo tempo estranha e cativante. O efeito da leitura permite ao leitor a sensação de estar vivendo uma outra vida. Esclarece Olson (1997) que “*podemos não ter muita esperança de*

conseguir explicar a origem da consciência, mas alguma esperança podemos ter de localizar as origens da subjetividade numa nova maneira de ler e escrever e uma nova compreensão da linguagem e do pensamento.”

No processo maquínico de produção da subjetividade proposto por Guattari (1992), a subjetividade é produzida em uma máquina abstrata que promove a desterritorialização de paradigmas que preexistem numa organização da linguagem que funciona numa cadeia enunciativa sobre a qual se realizam os enunciados da língua. Essa cadeia enunciativa revelará uma dada subjetividade, mas a cada nova realização da linguagem, a máquina volta a desterritorializar os paradigmas para possibilitar a criação de novos paradigmas. A **subjetividade** só existe para Guattari como potência criadora que surge da interação entre **plano de consistência** e **plano de organização**.

À realização de singularidade, segue-se um movimento de dessubjetivação que provocará o pensar sobre si mesmo, quando entrará em cena uma subjetividade de emergência aberta para linhas de fugas virtuais.

A produção da subjetividade acontece por meio do funcionamento da máquina de produção da subjetividade, a partir de uma ruptura que determinado paradigma sofre, viabilizando a abertura do fluxo do plano de consistência (a hecceidade). Nesse momento entra em cena uma subjetividade de emergência que viverá o “estranhamento”. Nesse instante percebe-se a formação de um novo universo existencial.

Aproximando a teoria do efeito estético, de Iser, da máquina de produção de subjetividade, proposta por Guattari, é possível estabelecer várias relações de similaridade que proporcionam a compreensão de como um processo pode estar diretamente relacionado ao outro. Em comum tem-se que tanto efeito estético como produção da subjetividade são categorias de realização virtuais que só existem como fluxo abstrato de interação. O processo interativo acontece entre uma estrutura que preexiste, no caso da subjetividade, a máquina abstrata da linguagem; no caso do efeito estético, os vazios que caracterizam a estrutura do texto ficcional, com um elemento de introdução de sentido ao processo: o plano de interpretação, no caso do efeito estético, e o plano de organização no caso da subjetividade.

Para que se produza subjetividade, o tempo deixa de ser vivido passivamente e passa a ser uma ação orientada e mutável, de modo que a percepção da subjetividade produzida deixa de ser a interpretação de um conteúdo latente preexistente e passa a ser a invenção de novos focos que possibilitem plurissignificar a existência, criando outros paradigmas. Portanto, podemos fazer uma aproximação desse momento ao momento de fruição de que nos fala Barthes em *O prazer do texto*, ao propor a leitura como uma atividade eminentemente prazerosa, impulsionada por um desejo que vai ao encontro do texto.

Visualizando comparativamente os dois processos, é possível perceber que os sistemas que colaboram para a emancipação do sujeito possuem elementos equivalentes no ato da leitura literária, o que permite concluir que a literatura funciona como novo paradigma à medida que o efeito estético possui instâncias que acionam o processo de produção da subjetividade. De maneira esquemática, tem-se:

EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO	LEITURA DA LITERATURA
Produção da Subjetividade <i>Félix Guattari</i>	Efeito Estético <i>Wolfgang Iser</i>
plano de consistência x plano de organização	plano de expressão x plano de interpretação
desterritorialização x territorialização	texto ficcional x experiência
linhas de fuga	espaços vazios
máquina abstrata x novo paradigma	texto x leitor
Virtualização	
Interação	

QUADRO 2 – Relação comparativa que explicita a equivalência entre os elementos presentes na Teoria do efeito estético de Wolfgang Iser e da Produção da subjetividade de Félix Guattari.

O movimento em que se realiza a produção da subjetividade prevê a coexistência de vários universos existenciais que se entrecruzam em linhas de virtualidade, permitindo a essas instâncias, possibilidades de momentos de eternidade. Isso, mais uma vez, inferimos ao processo de leitura, desta vez proposto por Eco (1986) ao definir o texto como sendo composto por espaços em branco a serem preenchidos pelo leitor.

4.3 - O leitor literário e os caminhos da subjetividade

Muitas são as questões incluídas nos textos que materializam o mundo como se ele lá não estivesse, uma verdadeira ilusão, um jogo de duplicação, posto que o texto é o revelador do mundo. Não há nada na literatura que não diga respeito às questões da vida humana. Por isso é possível afirmar que a literatura se coloca em resgate da subjetividade, assim como é a subjetividade em processo que dará vida à obra de arte literária.

A leitura que se faz da obra literária é uma leitura ativa, crítica, promotora do devir e da plurissignificação dos significados. Cada signo poético que emana da literatura funciona como *ritornelo* capaz de instaurar um conjunto de possibilidades interpretativas; esse movimento de possibilidades é o imaginário em plena ação. O ato da leitura literária é captação de imagens em um universo de possibilidades virtuais que exigirá do leitor mudança e transformação de seu estado inicial.

Diante das imagens que os poetas nos oferecem, diante das imagens que nós mesmos nunca poderíamos imaginar, essa ingenuidade de maravilhamento é inteiramente natural. Mas ao viver passivamente esse maravilhamento, não participamos com suficiente profundidade da imaginação criante (Bachelard, 1988:4).

Falar em resgate, busca, procura, pode parecer algo alarmista ou exagerado; mas o século XXI oferece tantas oportunidades de construção de sentidos que muitas delas não passam de armadilhas para a paralisação das subjetividades; por isso, ressalta-se que a oferta ilimitada de possibilidades, pode transforma-se em um labirinto de ciladas. O problema não se encontra exatamente no mundo de possibilidades; o mal, sem nenhum alarmismo,

acontece quando o sujeito leitor se encontra despreparado para interagir junto às redes de comunicação.

É diante de uma sensação de poder, criada pela lógica do consumo, que o sujeito poderá ter sua subjetividade aprisionada. O desejo compulsivo de comprar, a necessidade de atender às demandas criadas pelo mercado, a impressão de que somos nós que fazemos as escolhas podem ser enganosas. Essa ilusão perfeita subtrai do homem sua capacidade de singularização, pois as escolhas muitas vezes foram premeditadas desde o momento da oferta das opções. O sujeito, então, acaba aprisionado em meio às imagens apelativas do mundo super iluminado.

Contextos que representam sociedades altamente controladas são o cenário perfeito para o surgimento de um sujeito passivo que assiste o definhamento de sua subjetividade sem ao menos se dar conta de tal catástrofe. O romance *Balzac e a Costureirinha Chinesa*, do autor chinês Dai Sijie (2001), denuncia a maneira como a imposição autoritária de sistemas políticos conserva os sujeitos congelados, aprisionados e submetidos aos desejos de uma visão egoísta e destituída de valores humanos. O cenário da narrativa em questão é a China comunista de 1971, onde a ditadura de Mao Tse-tung impunha uma forma de sobrevivência, privando as pessoas da música, da literatura, da arte, coisas tidas como propagadoras de ideais burgueses e reacionários.

O personagem narrador, Ma, conta os anos que viveu junto ao amigo Luo nas montanhas da China em regime de trabalho intenso. Foram cerca de três anos de suas juventudes alheios a quase tudo que emanava da civilização em obediência à dura sistemática da reeducação. O romance avança contando a maneira como esses dois jovens, considerados filhos da alta burguesia chinesa, vão conseguir lidar com uma realidade de submissão e pobreza. A montanha em que eles vão passar anos importantes de sua juventude, é chamada de “Fênix Celestial”. “*O nome poético era até um modo de sugerir sua altura terrível: os pardais e os pássaros comuns jamais poderiam elevar-se até ela, só podia atingi-la uma espécie ligada ao céu, poderosa, legendária, profundamente solitária.*” relata o personagem-narrador, Ma.

Naquele “fim de mundo”, eles teriam de ignorar seus desejos, medos e saudade, em nome de um ideal político que anulava a subjetividade em nome de uma identidade imposta. Os montanhesees que vivem naquela região tinham pouco ou nenhum contato com a civilização urbana e obedeciam às rigorosas regras impostas pelo Exército Vermelho. No alto da velha montanha, isolados da vida urbana, a arte romperá a realidade opressora, fazendo emergir suas subjetividades rumo à liberdade que dará espaço a sentimentos e emoções intensos.

Algumas situações narradas no romance serão retomadas resumidamente para ilustrar os efeitos vividos pelos personagens a partir do contato com paradigmas de ordem estética.

Ao revistar os recém-chegados ao campo de reeducação, o chefe da montanha surpreende-se ao encontrar um objeto de madeira em formato sinuoso junto à bagagem dos rapazes. Os montanhesees nunca haviam visto um violino, portanto ignoravam o fato de estarem diante de um instrumento musical. O objeto circulou pelas mãos de todos os camponeses que assistiam curiosos à inspeção de chegada dos jovens rapazes. Os montanhesees acreditavam que o objeto não passava de um inútil brinquedo burguês e por isso, o chefe ordenara: “Ao fogo!”.

Ali entre eles havia uma fogueira em chamas, onde iria parar tudo que se julgava luxo de uma sociedade burguesa. Mas, Luo intervém e impede que isso aconteça. Ele retoma o objeto com violência em suas mãos e explica que aquilo é um instrumento que pode produzir um lindo som. O chefe, então, ordena que o outro rapaz, Ma, toque. Tomado pela insegurança, Ma toma o objeto em suas mãos. Luo sugere que ele toque uma sonata de Mozart. O chefe imediatamente pergunta o que é uma sonata, ao que Luo responde tratar-se de uma canção montanhesea. O chefe solicita que lhe seja explicado o nome da canção. Ma tenta explicar que não é bem uma canção montanhesea, quando o chefe, que já havia se sentado junto aos montanhesees, ergue-se em um golpe só e saca sua espada em ameaça aos dois rapazes. Nesse momento Luo e Ma percebem que não terão a mínima liberdade e Luo, mais esperto que o colega, conserta a situação dizendo que a canção é uma homenagem de Mozart ao presidente Mao Tse-tung. O chefe fica satisfeito e ordena que Ma

toque. A sonata de Mozart é tocada e sua melodia ouvida por toda a montanha. A cena sugere que naquele momento a velha montanha esquecida é tomada por um ar de encantamento diante da música. O primeiro ponto de fuga toca a alma dos montanheses.

A partir daquele momento, seguem-se longos dias de muito trabalho nas minas e no campo, mas logo a casa que hospeda os dois únicos civilizados da aldeia passa a ser bastante visitada. As pessoas queriam ouvir a canção que ganhava fama entre as outras aldeias e desejavam ver, também, um pequenino artifício de metal onde era possível ver um galo que não cessava de movimentar-se e isso impressionava os montanheses. Aquele pequeno objeto que, dado seu minúsculo tamanho, havia escapado da revista feita pelo chefe da aldeia, passaria a contar os dias e as horas dos montanheses daquela aldeia, antes guiados apenas pelo sol. Tratava-se de um relógio “cuco”.

Os homens rudes das montanhas, ao terem contato com um componente tecnológico, encantam-se e, como nos conta o próprio narrador, atribuem-lhe caráter sagrado:” *Ficamos surpresos de constatar o verdadeiro poder – poder quase sagrado – que o relógio assumiu sobre os camponeses. Todos vinham consultá-lo como se nossa casa sobre pilotis fosse um templo.*”

A maneira como o ser humano lida com as novidades de seu tempo é recorrente: um misto de espanto e magia toma as pessoas sempre que algo de novo passa a interferir em suas rotinas. No caso do relógio, especialmente, a mudança era brusca, pois o dia passava a ser monitorado e a vida entraria numa rotina cíclica que poderia ser controlada por meio do pequeno objeto metálico. Esse fato permite pensar sobre como os equipamentos tecnológicos conseguem ao longo do tempo erigir verdadeiras formas de vida em torno de si, fazendo-se parecer indispensáveis, quando na verdade não passam de formas diferentes de dar tratamento à matéria da vida. Nesse sentido, são criações humanas que representam a ação da cultura, portanto não são elementos determinantes da realidade externa, posto que são produtos dessa realidade a qual irão influenciar.

“Senhores do tempo”, Ma e Luo alteram várias vezes os ponteiros do relógio para poderem ter mais tempo para descansar e livrarem-se de algumas horas de árduo trabalho. A artimanha torna-se tão frequente que em um dado

momento, ambos perdem a noção do tempo, não sabem mais quanto adiantaram ou quanto atrasaram os ponteiros. A tecnologia é responsabilidade do homem, nunca é boa ou má; o uso que se faz dela, porém, pode gerar danos ou lucros. Os dias, dessa forma, tornam-se uma abstração e logo a rotina acaba por deixá-los deprimidos. Em uma noite sem conseguir dormir, Luo fala a Ma: “*Estou deprimido. [...] Você poderia tocar violino?*”, enquanto toca para o amigo, Ma pensa nos pais.

A música age nesse momento como um novo paradigma em meio à rotina da fatídica vida montanhesa, aliviando momentaneamente os rapazes da depressão. A arte opera como elemento que engatilha o processo de produção da subjetividade, ainda que seja uma subjetividade de emergência. Os pontos de fuga permitem o resgate de instâncias reveladoras das origens afetivas e naturais do ser humano, o que possivelmente explique o fato de Ma, ao tocar, lembrar-se de seu pais. O talento de Ma, ainda tímido, era tocar seu violino com seu parco repertório. Luo, por sua vez, só sabia fazer uma coisa, contar histórias. Mas, inicialmente, não havia naquelas montanhas ouvintes para suas histórias. “*O único homem do mundo capaz de apreciar seu talento, remunerando-o talentosamente, foi o chefe de nossa aldeia, o último dos senhores amantes das belas histórias.*”

Entretanto, o público de Ma, ao contrário do que pensava o personagem-narrador, é cativado entre os montanheses não-civilizados. A arte de contar histórias é terreno fértil para a imaginação, e logo o talento de Ma rendeu algumas regalias aos dois amigos, como visitas a outras aldeias e às cidades que se localizavam nas redondezas.

A primeira ida dos rapazes à cidade mais próxima é proposta pelo chefe da aldeia como missão; seriam dois dias de ida e dois dias de volta e a missão consistia em assistir à projeção de um filme para contá-lo aos montanheses da aldeia. O desafio era conseguir contar a história durante o mesmo tempo de projeção do filme. O desafio não só fora cumprido, como revelou em Luo um excelente contador de histórias. A fama dos rapazes que contavam histórias espalha-se entre as vinte aldeias que compõem as comunidades da Fênix Celestial.

É importante perceber até aqui que as narrativas fílmicas, retomadas por meio da contação de histórias, instauram um espaço novo para aquelas pessoas alheias à civilização. O imaginário delas é reacendido por meio das histórias contadas, e os dias daquelas pessoas tornam-se menos pesados. Todos querem ouvir as histórias contadas por Luo e Ma.

Vale recordar a maneira como o cinema, em seu surgimento, foi criticado. A utilização das imagens por meio das tecnologias de montagem e projeção provocou sérios questionamentos acerca do caráter artístico presente em técnicas de produção e reprodução. Entretanto, após alguns anos, não se poderia mais negar a força com que o cinema incidiria na cultura do século XX. Se a literatura foi, a partir da comercialização dos romances, o produto artístico que mais influenciou subjetividades no século XIX, o cinema é a novidade tecnológica que irá conquistar apreciadores em todo o mundo no século seguinte.

No romance chinês, os dois rapazes irão desfrutar dos filmes e depois irão transpô-los para a narrativa oral, um caminho inverso ao processo histórico de desenvolvimento da arte, mas que surtirá um efeito transformador na vida dos aldeões. Cresce a fama dos jovens Ma e Luo e logo, eles conhecem a neta do único alfaiate da montanha, um senhor muito requisitado e que por isso, viajava muito. O alfaiate é uma personalidade respeitada e querida entre os moradores daquelas paragens, geralmente, ele instalava-se na aldeia que o requisitasse e ficava por ali alguns dias, confeccionando o vestuário simples daquelas pessoas.

Sua neta, uma jovem moça de dezoito anos, que respondia por costureirinha, era graciosa e esperta, mas mal sabia ler. Luo e Ma encantam-se com a beleza rústica da garota, mas Luo demonstra desde o início um forte interesse pela costureirinha, embora não assuma isso no início. No caminho de volta à aldeia, depois de conhecerem a neta do alfaiate, Ma pergunta a Luo:

- _ Ela te agrada?
- _ Ele continuou andando, de cabeça baixa, sem me responder.
- _ Você está apaixonado?
- _ **Ela não é bastante civilizada para mim.**

(SIJIE: 2001, 26 sem grifo no original).

Convidados a voltarem à aldeia da costureirinha para contar histórias, os rapazes descobrem que um outro jovem, também em estágio de reeducação em uma outra aldeia da montanha, escondia uma mala com livros. Deste dia em diante, os jovens não desistem de conseguir ter acesso ao precioso segredo. A idéia de que alguma coisa da civilização estava mais próxima acendia neles a chama da vida e, ao mesmo tempo, o não-acesso a esses objetos os entristecia. *Essa história de literatura me deprimia demais: não tivemos a menor oportunidade. Quando aprendemos a ler corretamente, já não havia mais nada para ser lido.* (Sijie: 2001:45) Nessa passagem, os rapazes conversam sobre os efeitos danosos que a ditadura de Mao Tse Tung acarretava a sua geração; os jovens foram tolhidos de terem contato com os clássicos que, em alguns casos, ouviram os pais comentar.

O rapaz que escondia uma mala de romances estrangeiros negou o quanto pode a existência desse acervo, até que um dia, depois de ter precisado dos favores de Luo e Ma, que sempre estiveram por perto desde o dia que passaram a suspeitar da existência desses livros, decidiu emprestar-lhes um velho livro de Balzac.

A partir daí, a narrativa se desdobra em acontecimentos imprevistos e os rapazes passam a sentir outra vez a sensação de estarem vivos. Na primeira noite de posse do livro, Luo não dorme, dedicando-se à leitura de Balzac, e na manhã seguinte vai correndo contar a história lida para a costureirinha. É após contar a história para a moça, que Luo e a costureirinha vivem sua primeira relação sexual. Envolvidos pela trama do romance francês, os dois jovens entregam-se às núpcias em meio à exuberante vegetação das montanhas chinesas. Àquela época o ato poderia ser considerado altamente subversivo.

Ma lê o livro no dia seguinte e os dois amigos logo devolvem o livro ao colega da outra aldeia na expectativa de poderem ler outro livro, o que não acontece. Os garotos, então, decidem que não há outra solução e planejam o furto da mala de livros, tendo como cúmplice a costureirinha.

Após alguns dias de espreita, Ma e Luo, colocam o plano do roubo em prática e conseguem ter acesso aos livros.

Aproximamo-nos da valise. Estava amarrada com uma grossa corda de palha, em forma de cruz. Desfizemos os nós e a abrimos silenciosamente. Dentro da valise, pilhas de livros iluminaram-se sob o feixe de luz da lanterna. Grandes escritores ocidentais nos acolheram de braços abertos: à frente estava nosso velho amigo Balzac, com cinco ou seis romances, seguido de Victor Hugo, Stendhal, Dumas, Flaubert, Baudelaire, Romain Rolland, Rousseau, Tolstoi, Gogol, Dostoievski, além dos ingleses, como Dickens, Kipling, Emily Bront... Que deslumbramento! **Tive a sensação de desmaiar nas brumas da embriaguez.** Tirei um por um todos os romances da valise; abri-os, contemplei os retratos dos autores passei-os a Luo. **Só de tocá-los com a ponta dos dedos tinha a impressão de que minhas mãos, que empalideceram, estava em contato com vidas humanas.** (Sijie, 2001:86)

A cena é sem dúvida uma das mais belas da narrativa, é comovente perceber o quanto o desejo pela literatura movia os dois jovens na ação noturna do roubo. Ma pergunta a Lou se ele sente brotar lágrimas de alegria, ao que o amigo responde: *“Não, sinto apenas ódio.”*, e Ma completa: *“Eu também. Odeio todos aqueles que nos proíbem estes livros.”* (Sijie, 2001:88).

Nota-se no episódio que os rapazes tinham consciência de que a literatura, além do entretenimento, poderia oferecer-lhes o direito à liberdade de pensar e imaginar.

Depois de furtarem a maleta de livros que resistiram às fogueiras da China Vermelha, os dois rapazes terão a possibilidade de ler várias obras da literatura ocidental. Um deles, apaixonado e vivendo um amor proibido com a costureirinha, tem no ato de contar as histórias lidas, seu principal artifício de sedução.

Durante todo o mês de setembro, depois do roubo bem sucedido, fomos tentados, invadidos, conquistados pelo mistério do mundo exterior, sobretudo o da mulher, do amor, do sexo, que os escritores ocidentais nos revelaram, dia após dia, página aos página, livro após livro. (Sijie, 2001:93)

Os dois personagens encontram na leitura clandestina da literatura o meio de se manterem com seus próprios mundos interiores, dando vida a seus sonhos e desejos. Mas, é a personagem da costureirinha, uma jovem montanhesa que nada conhecida sobre literatura e que mal sabia ler, que nos mostrará de maneira ilustrativa o resgate que a literatura é capaz de realizar.

A jovem montanhesa, depois de ouvir as estórias de Balzac, nunca mais seria a mesma. Ela descobre-se mulher, amante, viva e surpreende a todos, inclusive aos dois amigos. A partir do contato com a literatura, a costureirinha consegue reagir àquela realidade esmagadora das subjetividades, fugindo da montanha, para surpresa de todos, inclusive do rapaz que por ela se apaixonou. Acontece a transformação da moça rude em uma mulher que decide partir. A história da costureirinha do romance chinês, não fosse o contato com a literatura, seria apenas uma história de negação da capacidade de reflexão e tomada de decisão sobre a própria vida, uma paralisação da capacidade de produzir subjetividade.

A costureirinha do romance chinês ao ser colocada em contato com os romances de Balzac, retoma seu valor singular, o que a encoraja a seguir seu próprio caminho. É a capacidade de colocar o ser diante de si e em busca de sua subjetividade que agrega à arte seu poder de resgate da possibilidade de pensarmos o nosso próprio pensamento.

Guattari e Deleuze lançam uma importante contribuição ao falar em sujeito processual, em um sujeito em movimento contínuo, em movimento de produção da subjetividade. O grande mal a que o sujeito está exposto, alertamos os autores citados, é a constante ameaça de paralisação da máquina de produção da subjetividade.

Encontramos no conceito de subjetividade aprofundado por Guattari, uma perspectiva viável para a realização do sujeito na contemporaneidade, visto não mais como um produto terminado, mas como um processo contínuo e híbrido de realizações. Para a produção dessa subjetividade criativa e processual é essencial considerar a experimentação de paradigmas novos que consigam romper com o atual cenário, onde sujeitos são engessados dentro de um modelo de vida premeditado pelo mercado. É preciso reconhecer novos paradigmas que coloquem em jogo ao mesmo tempo questões éticas e estéticas, e a literatura, sabemos, muitas vezes coloca-se a esse serviço.

“o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da

complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (Cândido, 1995:249)

Considerando a caracterização da produção maquínica da subjetividade, é importante reafirmar que todos os eventos que de alguma maneira envolvem o sujeito são iniciadores de processos de subjetivação, mas nem todos os processos conduzem-no à singularização do ser a ponto de promover sua autonomia psíquica.

Ao longo da narrativa *Balzac e costureirinha chinesa* são descritos pelo narrador vários eventos que indicam a desterritorialização dos sujeitos e iniciam a produção da subjetividade. O contato dos montanheses com o relógio, por exemplo, altera suas rotinas a partir do ordenamento do tempo por meio da limitação de turnos para o trabalho e o descanso. Outro exemplo, refere-se à atuação de paradigmas estéticos, como a música tocada por Luo em seu violino, os filmes que são assistidos e narrados e a literatura. Esses elementos alteram a realidade dos aldeões e promovem o resgate do processo de produção da subjetividade.

Na versão para o cinema, dirigida pelo próprio autor e lançada em 2005, o colorido dado a uma cena em particular torna evidente a maneira como um paradigma de ordem estética atua de maneira bastante eficaz para o processo de ressingularização dos processos de produção da subjetividade. Em dado episódio, o alfaiate, após algumas noites ouvindo a narração do romance europeu, Conde de Monte Cristo, pelas vozes de Ma e Luo, passa a recriar toda uma maneira de compor o vestuário dos montanheses. Sua criatividade é aguçada, e o velho artesão começa a reproduzir nas roupas que costura para os montanheses, temas e cortes inspirados no mar, cenário da narrativa que conhecera. Na versão cinematográfica, as roupas ganham cores e os dias nas montanhas parece tornarem-se mais alegres.

Outro momento da narrativa que indica claramente um momento de desterritorialização e início de um processo de produção de uma subjetividade de ordem mais humana, diz respeito à resolução da costureirinha de abandonar a montanha e partir em busca de seus sonhos. Ela consegue autorização do chefe da aldeia para partir, corta o próprio cabelo, muda sua

maneira de vestir e parte em busca de uma vida menos opressora. A essa altura, não era mais uma menina rude, aprendera a se comunicar melhor após os ensinamentos de Luo, a quem também abandona.

O narrador relata que, certa manhã, o velho alfaiate comunica-lhes que a costureirinha foi embora. Sem acreditar, os dois rapazes correm pelas montanhas, Ma faz uma pausa para descansar, e Luo a alcança. Depois de alguns minutos de conversa, Luo volta e conta a Ma: *Ela me disse que Balzac fez com que compreendesse uma coisa: a beleza de uma mulher não tem preço.*

Um sistema opressor deflagrado ou mascarado afasta as pessoas da leitura literária, porque essa leitura opera de tal modo junto à subjetividade humana que consegue reputar-lhe a consciência, e conscientes os seres humanos reconhecem seu desejo de verdade e justiça.

É importante recordar que a leitura da literatura não é uma escola de bons homens, porque se assim o fosse não haveria pessoas más leitoras. Eagleton (2001:47) relata que:

Quando as tropas aliadas chegaram aos campos de concentração para prender comandantes que haviam passado suas horas de lazer com um volume de Goethe, tornou-se clara a necessidade de explicações. Se a leitura das obras literárias realmente tornava os homens melhores, então isso não ocorria da maneira direta imaginada pelos mais eufóricos partidários dessa teoria.

O processo de produção da subjetividade atua para a ressingularização da subjetividade, e isso não significa que ela atue sobre a formação moral de conduta. O que se espera da leitura literária é que ela promova a capacidade do indivíduo se dar conta de si e, a partir disso, ressignificar sua relação com o outro. O que não se dá de maneira determinante, posto que os processos de agenciamento são complexos e arrojados.

4.3 - Imagens: simulações e simulacros

As imagens na contemporaneidade destacam-se em um cenário super iluminado. As perguntas desaparecem diante das respostas prontas, o que

resta é um vazio sobre o qual o sujeito simula o percurso de constituição de sentidos. Embora nada faça muito sentido, paradoxalmente, os simulacros de nosso tempo são modelos que se erigiram como verdades inquestionáveis. A metáfora literária acionará um processo de reflexão como possível resposta à confusão vivida pela humanidade em um mundo bombardeado de imagens simulacrais.

O sujeito no século XXI é aquele que navega por entre as paisagens tecnológicas. O cenário das imagens saltam-lhe aos olhos o tempo todo. No mundo em que o virtual ocupa um lugar de singular importância, as leituras precisam mergulhar no mundo das simulações e dos simulacros em busca dos sentidos, sob pena de, se não o fizerem, perderem-se. As tecnologias possibilitam a criação e multiplicação das imagens que serão usadas para os mais diversos fins, desde as estratégias de simulação até as armadilhas simulacrais. A publicidade, talvez, seja a maior força disseminadora de imagens, e o consumidor, por sua vez, o alvo de toda a estratégia do consumismo. Mas a publicidade não é a único meio que faz o uso das imagens; a arte, desde seu surgimento sempre o fez.

As imagens não trazem consigo algum caráter destruidor da realidade, ao contrário disso, *a imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e sua existência em nós* (Bosi, 2004:19). O efeito causado naquele que contempla uma imagem é muitas vezes um avivamento diante da realidade, mas outras vezes, também, é mascaramento, fraude a até anulação da própria realidade. Esses graus de projeção da realidade vão depender do modo com que a sociedade lida com as imagens que vão desde as propagandas de consumo à representação literária.

É preciso, já de início, esclarecer a distância existente entre o que é simulação do que seja simulacro, pois a simulação tecnológica tem sido um método importante para os experimentos que proporcionam a evolução de diversas pesquisas, enquanto o simulacro moderno, por outro lado, pode ser entendido como um significado impostor que, ao invés de prever ou aproximar a experiência de uma realidade, anula-a, impondo-se como uma realidade iluminada.

A simulação vem ganhando cada vez mais importância desde a evolução das tecnologias digitais, tendo em vista as facilidades que elas proporcionam à vida do homem moderno. Simular é uma maneira de testar, de viver uma experiência em caráter experimental, garantindo o maior número possível de caracteres que aproximem a experiência simulada da realidade objetiva. Para McLuhan (1994), a evolução das tecnologias está diretamente relacionada às extensões do homem. O carro, por exemplo, teria sido uma necessidade advinda da locomoção, assim como o telefone uma demanda da comunicação. Para ele, a evolução das tecnologias chegaria a sua fase final no momento em que a simulação chegasse aos processos de colaboração cognitiva. Passadas mais de cinco décadas, após a primeira publicação de *Understanding Media: The extensions of Man*, título original em inglês da obra publicada nos Estados Unidos em 1964, é preciso considerar que McLuhan já previa os reflexos das inovações tecnológicas na vida do homem moderno e apontava como as tecnologias iriam se desenvolver e inserir-se de maneira marcante na vida dos indivíduos.

Sabe-se que hoje, por meio das tecnologias digitais, principalmente referindo-se àquelas que promovem a interação dos indivíduos em “tempo real”, ou mesmo em *sites* de relacionamentos e amizades, os indivíduos têm criado para si uma *persona* de acordo com os interesses momentâneos. As tecnologias digitais oferecem hoje um arsenal de instrumentos que proporcionam a criação de características e atributos, sejam eles físicos ou psicológicos, para as pessoas que pretendem participar da rede de informações, sem se expor totalmente. Esse seria um primeiro estágio da simulação, o mascaramento da imagem e da identidade real para a preservação de um ente real, sujeito histórico.

Enquanto fala-se em simulação, permanece aí a existência de um referente real, o qual é alvo de imitação, ou fraude. Mas, quando se fala de existência simulacral, refere-se à anulação do real, mediante uma ruptura no eixo da linguagem, quando se dá a perda do referente. Jean Baudrillard, envolvido com as questões contemporâneas, diz que o signo lingüístico enquanto simulacro, está vazio, porque seu significado já aparece pronto, acoplado à imagem-significante. Tudo que resta é um molde, cujo

preenchimento é produto de uma resposta prevista. A angústia exposta por Baudrillard remete a um alerta em relação ao simulacro. Para ele as perguntas sem repostas, por exemplo, não têm vez nessa realidade que tudo prevê e disponibiliza. Os simulacros, aos poucos, estão se solidificando como verdades absolutas e estão por toda parte.

A leitura que Baudrillard (1996:15) faz da supervalorização e excesso de exposição das imagens é o que ele chama de crime perfeito.

A imagem não pode imaginar o real, já que ela mesma o é. Já não pode sonhá-lo, já que ela é sua realidade virtual. É como se as coisas tivessem engolido seu espelho, tornando-se transparentes para si mesmas, inteiramente presentes para si mesmas, à plena luz, em tempo real, em uma transcrição desapiedada. Ao invés de estarem ausentes de si mesmas, na ilusão, vêem-se obrigadas a se inscrever nas milhares de telas, cujo horizonte não só diluiu o real, como também a imagem. A imagem foi expulsa da realidade, só a tecnologia segue, talvez unindo os fragmentos dispersos do real. (Baudrillard, 1996: 15, minha tradução)

O simulacro típico da contemporaneidade é uma imagem sem fundo, ela é construída de imagens virtuais e conduz ao nada. Algo que se coloca a meio caminho, como uma armadilha que bloqueia a fruição, uma aproximação simplista e reducionista. Ou seja, o interior verdadeiro permanece velado ou escondido sob uma aparência exterior atraente, um simulacro. Sua principal característica seria a de reivindicar-se como meio e fim, desprovido de razões e alheio às circunstâncias e aos conflitos mais inexoráveis da existência humana. O simulacro tenta competir e, se possível, anular o ser representado, erigindo-se como realidade única e independente.

Hoje tudo pode estar disposto de maneira fragmentada e simultânea e por mais que se tenha perdido o nexos e as conexões, nada se questiona sobre a existência ou não de algum sentido. Vive-se de maneira acelerada. A velocidade é pretexto da superficialidade e se manifesta de diversas formas. Somos seduzidos por uma publicidade que nos apresenta modelos de uma super vida. Nas propagandas parece que tudo está perfeito.

Ao lado da velocidade, ergue-se uma lógica de consenso que faz com que as informações se auto consumam quase que ao mesmo tempo que são divulgadas, e é justamente esse ritmo compulsivo de consumo de imagens e

notícias que reduz a capacidade de reflexão. Desconhece-se a razão, mas as imagens parecem todas familiares, de modo que o imaginário é esvaziado. A idéia de velocidade dá a impressão de que há imagens em excesso, mas não há mais imaginário. Os acontecimentos no mundo mediatizado tornam-se previsíveis, porque as pessoas apropriam-se de modelos e passam a reproduzi-los. É o reinado do significante-modelo.

O imediatismo transformou todo o tempo em presente, e quando tudo é o "aqui agora" não há memória e nem devir. Nas palavras de Baudrillard (1991), "*Os indivíduos só pensam no dia de hoje, consomem o presente, deixam-se fascinar por mil futilidades, tagarelam sem jamais se compreender na torre de babel das bugigangas*". De alguma forma, as pessoas passaram a se sentir livres para fazerem suas escolhas, mas contraditoriamente, optaram pela repetição, vivendo assim nada além de uma falsa liberdade.

Além disso, a velocidade, a fragmentação e a efemeridade das imagens no cotidiano anulam a capacidade de se realizar qualquer tipo de transcendência ou fruição. A realidade em que se vive e a qual se imagina é concebida previamente, de modo técnico, a fim de que possamos reproduzi-la e inseri-la ao cotidiano. O "real" transformou-se em um espelho da mentalidade e dos interesses que os centros produtores de imagens massivas e supra-reais nos oferecem a todo o momento.

As representações literárias, não mais, nem menos perigosas, porém, permanecem conscientes de seu espaço: o espaço do fronteiroço. Talvez seja isso que as diferencie dos simulacros que nunca estiveram tão à mão. A representação literária desenvolve-se no plano da ficção e com isso estabelece junto ao seu leitor, seus limites e adjacências. Já os simulacros estão por toda parte sem se revelar, alocando-se muitas vezes como armadilhas.

Quando a imagem tenta ser um elo de conexão entre realidade histórica e imaginário sensível, a impressão emotiva deveria estar unida a um ato de síntese, de unificação abstrata de consciências vividas ou diferentemente experimentadas. Ou seja, não seria consistente a recorrência de imagens que se limitassem a mostrar, como acontece com os simulacros. A imagem deveria ser a síntese sensível entre uma experiência real e os sentimentos que a ela

estão relacionados, a exemplo do que acontece com as metáforas usadas nos textos literários.

É a metáfora, sobretudo aquela engendrada no texto literário, que nunca se limita a mostrar, pois o jogo metafórico é um movimento de esconder para revelar. Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorá* pela junção de dois elementos que a compõem - *meta* que significa que "sobre" e *pherein* com a significação de "transporte". Neste sentido, metáfora surge enquanto sinônima de "transporte", "mudança", "transferência" e em sentido mais específico, "transporte de sentido próprio em sentido figurado".

É na evocação, na transposição do tempo e das contingências, no salto ou na instituição de um modelo ou visão universal que a transcendência emprestaria suas virtudes à obra de arte. Nesse sentido, a metáfora opera justamente essa evocação de contingências, pois ela é antes de tudo um desvio ao imaginário. O uso da metáfora, no contexto atual, vai muito além de um mero ornamento do discurso. A metáfora pode ser aqui entendida como um desvio que salva, como uma resposta inteligente e sensível que resiste às experiências simulacrais.

Ao leitor literário é exigida, no processo interpretativo, uma rejeição prévia do sentido primeiro da palavra, para a apreensão de outro(s) sentido(s) sugerido(s) pelo contexto, na qual se insere. Ao esconder seu sentido imediato, a metáfora surge como um signo de transformação, deslocação, movimento, permitindo assim o desenvolvimento da subjetividade, sem o qual não há sujeito histórico.

Na construção polissêmica de sentidos, a metáfora é o ponto de transferência do local comum, alienante e engessado para o processo interpretativo que implica uma abstração e rompe com a lógica discursiva inebriante dos simulacros. A metáfora literária desempenha uma função sócio-cultural urgente: a concessão à liberdade do pensar.

Pensar é respirar. Reter o alento, deter a circulação da idéia: produzir o vazio para que o ser aflore. Pensar é respirar porque pensamento e vida não são universos separados e sim vasos comunicantes: isto é aquilo. A identidade última entre o homem e o mundo, a consciência e o ser, o ser e a existência é a crença mais

antiga do homem e raiz da ciência e da religião, magia e poesia.(Paz, 2006:12)

Se os simulacros estão por toda parte inebriando o sujeito, é preciso que a representação literária por meio de suas metáforas seja reavivada sob suas diferentes formas, a fim de oferecer aos sujeitos da contemporaneidade um exercício de convivência com as imagens que proporcionem emancipação de pensamento e produção da subjetividade.

CAPÍTULO V

ENTRE AS LINHAS DO TEXTO E O BRILHO DA TELA

como é infinita
e renasce com o sol
a inquietude:
esse desejo de te ler
líquido signo sobre a tela acesa
casa de cristal
Pasárgada é uma rede
- eletrônica ou nordestina -
mas é uma rede
(de labirinto, a varanda)
e conectar-se
o mais doce comando
que me comanda.

Elisabeth Hazin

O desejo de ler é infinito, na tela ou no papel, o leitor é seduzido e atraído pela trama que o texto enreda. Mudam suporte, meio, forma; mas texto e desejo fundam a trama de cumplicidade. A atração de se perder em labirintos e se deleitar nas varandas é sempre movida pelo desejo. No poema acima o eu lírico declara seu encanto pelo lugar paradisíaco representado pela rede, seja a rede virtual enigmática, seja a rede singela de tecido. Uma embala o corpo e guarda o sono no cotidiano simples, a outra estende sua capa virtual pela tela que se acende diante do homem. *“Pasárgada é uma rede”* é o infundo para onde os sonhos se dirigem, é a porta aberta para o ser desejante. É o lugar das possibilidades.

5.1 – O componente tecnológico e as transformações estéticas

O processo de reprodução da arte é intermitente e cada vez mais intensivo. O que isso quer dizer? Ao longo do tempo, a reprodução vem sendo aprimorada, passando por alguns intervalos de continuidade e com momentos de intensas modificações. Alguns períodos tornaram-se, no bojo da história, marcos indiscutíveis desse processo evolutivo. Podemos apresentar, por

exemplo, como alguns dos momentos mais importantes: o processo de reprodução da escrita, acelerado com o surgimento da imprensa; e, como ponto crucial da reprodução da imagem, a criação da fotografia. É indiscutível reconhecer que os avanços tecnológicos sempre estiveram no centro dessas transformações. Contudo, mesmo sabendo que o cinema desenvolveu-se no rastro da fotografia, sabe-se que a arte de fotografar nunca perdeu sua beleza, assim como a pintura em tela nunca deixou de freqüentar paredes do mundo todo. O fato é que a arte é insuperável e, por mais que a evolução tecnológica avance, arte e tecnologia compartilham o mesmo presente.

O componente tecnológico não oblitera o artístico, ao contrário, como sugere o poema de Hazin, adentra o recinto da intimidade e dele retira as composições que irão ressoar pela realidade. Das máquinas? Sim, também. Os artistas, certamente, para além de qualquer artifício, usam e abusam do humano e o multiplicam-se por meio de seus leitores, em uma rede de processos de produção de subjetividade.

Desde que o mundo é mundo ouve-se falar em transformações e revoluções e elas realmente estão sempre acontecendo; é a consequência lógica do trabalho do homem sobre o tempo. Mas, nem toda mudança é pensada, discutida. Na maioria das vezes as mudanças não são facilmente percebidas. Geralmente apenas as revoluções mais sangrentas e as transformações mais violentas conseguem se destacar. É preciso ter senso crítico para perceber que, muitas vezes, só as grandes catástrofes são alvo de alguma atenção das massas. É por esse motivo que se torna relevante observar alguns pormenores da realidade leitora do século XXI, sobretudo aquelas relacionadas à criação para que se reflita sobre o processo de produção da subjetividade.

Há situações em que as comparações entre homem e máquina são inevitáveis e, por vezes, saltam aos olhos as semelhanças que os aparatos maquínicos têm com o humano, o que não é de se estranhar, pois as inovações tecnológicas seguem inspirando-se nas habilidades humanas. No campo da cultura essa equivalência é ainda mais próxima.

O que se conhece como evolução cultural, por outro lado, começou há escassos 38 mil anos atrás, com a reprodução incipiente das primeiras ferramentas, pinturas rupestres, rituais fúnebres instrumentos musicais e outros objetos artísticos e utilitários. Daquela época até os dias de hoje, nesse curtíssimo suspiro temporal – se medido em termos de morosa genealogia cronológica, **o homem se ocupou de impor suas marcas em todos os cantos do planeta, bem como na sua própria configuração corporal e subjetiva, operando transformações de enorme importância e conseqüências incalculáveis.** (Sibilia, 2002:129 sem grifo no original)

A reprodução do objeto artístico, por sua vez, evoca uma discussão considerada antiga. Houve, junto ao processo de criação, uma valorização de caráter não só estético, mas também abstrato, mágico, sagrado. A expressão artística, desde suas manifestações mais populares até as mais eruditas, provoca mistério e transgressão, nem sempre concomitantes. Entretanto, a raridade dos eventos, os poucos exemplares e a unicidade sempre restringiram o acesso da arte a grupos muito seletos. Por esse motivo é preciso questionar a quem a restrição do objeto artístico tem servido até hoje.

A reprodução da arte introduz novos valores relacionados às condições de mercado, facilitando a multiplicação de exemplares e com isso a capitalização e distribuição da arte como mercadoria para um número maior de pessoas. A reprodução técnica facilita a distribuição e o acesso da arte, não só porque torna-se mais autônoma do que a reprodução manual, mas também porque tem seus custos diminuídos e, portanto, torna-se compatível com a renda de pessoas de classes sociais mais baixas.

É a partir do final do século XIX que a técnica começa a se impor como coração dos movimentos de democratização das artes. Nesse momento entram em questionamento os protocolos de autenticidade, valor, autoria. O falso, o duplicável, a distribuição e o comércio estão diretamente relacionados com a reprodutibilidade técnica. “Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido.” (Benjamin, 1994:168).

Quando se transformam os meios de produção e reprodução da arte, alteram-se também os modos de percepção e isso se deve ao curso natural da construção das subjetividades coletivas. À medida que mudam os estímulos,

mudam também as maneira de perceber. *“Fazer as coisas ficarem mais próximas é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade”*. Para Benjamin (1994: 173), é necessário orientar a realidade em função das massas e as massas em função da realidade. O número de pessoas que utilizam as tecnologias digitais hoje e a quantidade de produtos e serviços que são criados para atender a essa massa de novos consumidores têm crescido consideravelmente.

Na última década, tanto os modos de produção e reprodução, bem como as formas de distribuição da arte sofreram profundas modificações. A Internet e os novos meios de comunicação digitais promovem uma transformação cultural e social de maneira silenciosa. Basta que o usuário entre em contato com os meios de comunicação digital para ir adquirindo habilidades que o tornam cada vez mais capacitado para perceber e responder aos estímulos provindos da relação com as máquinas. De acordo com Saentella (2003:82):

Na medida em que o usuário foi aprendendo a falar com as telas, através dos computadores, telecomandos, gravadores de vídeo e câmeras caseiras, seus hábitos exclusivos de consumismo automático passaram a conviver com hábitos mais autônomos de discriminação e escolhas próprias. Nascia aí a cultura da velocidade e das redes.

A cultura que se formou a partir das últimas décadas do século XX tem como principais características, a interatividade, a acessibilidade, e o hibridismo proporcionado pela digitalização de imagens, sons e textos. Essa transformação é possível porque reúne, além dos aparelhos maquínicos, novas atitudes. Mais do que uma simples relação artificial, Lévy (1999:23) ressalta que é importante perceber que *“por trás das técnicas agem e reagem idéias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade”*.

A obra de arte na cibercultura participa de um esquema abstrato de formato rizomático, de acordo com os princípios de realização do rizoma. De maneira resumida, como pontua Lévy (1999), destaca-se: a proliferação ilimitada; o fervilhamento e mistura que dissolve as hierarquias e a dinâmica autopoietica que criam e transformam o ambiente incessantemente. Por isso, a

cultura é perfurada por espaços à espera de novas conexões e contribuições, seja por meio do contato com novos internautas ou com dados, figurando como uma obra aberta.

Algumas das características das formas de expressão artísticas no ciberespaço são a criação coletiva, a participação ativa dos intérpretes, a obra aberta e a ênfase no processo. Em linhas gerais, as interfaces digitais e o acesso à rede tornam possível o acesso a produções artísticas em várias modalidades: fotografia, filme, músicas, romances, poesia. Pode-se notar também o grande fluxo de vídeos que circulam pela Internet *por meio dos* programas de troca de arquivos. Entretanto, para um leitor despreparado e mal formado, toda essa oferta não passará de mero desperdício.

Do ponto de vista da distribuição, novas tarifas vão sendo cobradas em torno das tecnologias digitais. A rede é um mercado altamente lucrativo para as empresas que vivem de sua manutenção. É preciso estar atento para o fato de que, em tempos de convergência digital, o grande risco está nas grandes corporações que sempre controlaram a economia global. A fusão de segmentos de telecomunicações, software e entretenimento estão cada vez mais reduzidos a um pequeno grupo de empresários, formando os conhecidos oligopólios mundiais. A guerra pelo controle do ciberespaço já começou. Hoje as empresas ligadas à operacionalização e funcionamento da rede são as que mais lucram no globo. Toda a indústria de intermediação, desde as operadoras de telefonia fixa, que hoje têm seus lucros abalados pela disseminação de modelos de ligações como o Skype, até as indústrias fonográficas, cinematográfica e de vários conteúdos digitalizados, sentem-se fortemente prejudicadas.

No meio dessa luta de forças entre a democratização de conteúdos artísticos e o interesse de grandes empresas em obter lucro por meio da distribuição da obra artística, encontra-se o público leitor. Hoje esse público procura, da melhor maneira possível, desfrutar do acesso, entrando em contato com diversos tipos de textos. O maior problema encontrado aí é a má formação do leitor. Um leitor despreparado não consegue selecionar o que é bom do que é ruim. Nesse ponto, é necessário que a escola atue de maneira contundente

para promover experiências de re-singularização do sujeito que lhe permitam reconhecer as fronteiras do estético nas novas manifestações da cultura.

5.2 - Escrituras no ciberespaço

Na Internet, as pessoas podem observar, olhar, navegar. Mas também podem escrever, inserir idéias, textos e arquivos, e isso proporciona uma experiência singular em termos de interação, dada a velocidade e a dissolução dos limites geográficos. O leitor pode escolher seus caminhos e trilhas, além de trocar e produzir um conhecimento que avança. As maiores expressões da colaboratividade na Internet podem ser exemplificadas a partir de alguns programas como: a enciclopédia colaborativa *Wikipédia*, os *sites* de relacionamento, *MySpace*, *Orkut*, *Facebook*; *blogosfera* (conjunto de *blogs* e *fotologs*). Alternativas de dividir com outras pessoas algum bem, mesmo sendo este bem imaterial, acontece com a possibilidade de reunir aplicações diferentes e criar uma nova mensagem, como por exemplo, juntar o *Google Maps* em um *site* que permita identificar os pontos turísticos de uma cidade.

Um dos maiores sucessos dessa fase é o *Youtube*, um repositório de vídeos onde o internauta é quem insere ou posta sua produção. Não há um editor ou alguém que defina uma programação. O usuário mesmo entra, *sobe* seus vídeos ou apenas navega pelo *site*, escolhendo e vendo vídeos postados pelos internautas. Em 2008, segundo pesquisa realizada pelo Alexa, o Youtube alcançou a terceira maior audiência da *web* mundial. Ficou atrás apenas dos mecanismos de busca *Yahoo* e *Google*.

O que se pretende mostrar aqui, ao retomar esses novos espaços de comunicação, de maneira bem resumida, é a maneira como o leitor se comporta diante dos estímulos cognitivos que recebe por meio desses processos de interação. Um importante fato que precisa ser pontuado, diz respeito à retomada da escrita e da leitura como instrumentos de entretenimento. Se no início do século XX, o mundo se burocratizava e fazia da escrita, ferramenta de organização e oficialização de atos restritos a uma elite socialmente privilegiada, o entretenimento e o lazer aconteciam em eventos presenciais, onde as pessoas se encontravam para conversar e se divertir.

O texto escrito, fora da esfera pública, naquele tempo, resistia nas cartas pessoais, texto marcado pela subjetividade. Com o advento das mídias digitais, cada vez mais se multiplicam os chamados *blogs*, ou diários virtuais. Nesse espaço o internauta registra algo que faz parte de sua vida pessoal e torna esse registro público. Conteúdos que antes se restringiam a familiares e amigos agora podem ser lidos por qualquer um que tenha acesso à Internet. Mas, a quem interessaria fatos cotidianos de um terceiro?

Novos hábitos de leitura vão surgindo com a Internet. A *blogosfera* e as comunidades de discussão virtuais tornaram-se espaços bastante visitados por leitores das mais diversas idades. A seguir serão analisados alguns comportamentos leitores a partir de um *post* de um *blog* e de uma discussão em uma comunidade virtual.

5.2.1 – Internautas que lêem e escrevem

Os *blogs* hoje são campeões de acesso. Várias pessoas comuns que não têm sua personalidade exposta por outros meios de comunicação de massa, alimentam seu *blogs* diariamente e recebem visitas de leitores assíduos. O interessante nessa ferramenta é o fato de o leitor poder emitir sua opinião e deixá-la exposta, de forma anônima ou não, fazendo com que uma rede de leitura transforme-se em uma rede de registros escritos, formando-se uma rede de ações e idéias que se sobrepõem.

O *post* (Anexo II) que servirá de exemplo para essa breve análise foi trazido do blog de uma mulher de 30 anos, professora, solteira. Seu *blog* recebe em média cem acessos por dia, mas já obteve picos de mais de duzentas visitas em um só dia. Os conteúdos são variados, e os textos se aproximam do que se pode chamar de crônica cotidiana. No *post* publicado em 20 de agosto de 2007, a temática é voltada para um assunto de interesse bastante feminino, “o namorado ideal”, de tom leve e bem humorado a autora descreve como seria o seu namorado ideal.

O texto inicia-se, curiosamente, fazendo duas referências a percepções de leituras típicas da contemporaneidade. A primeira revela-se por meio da recordação de uma música: “antes do *post*, a música que escutei por acaso no começo da tarde e passei horas procurando na internet [...]”. A leitura auditiva

torna-se recorrente nas sociedades tecnologicamente avançadas, graças à facilidade de sua produção e reprodução, como já foi dito antes. A segunda referência à leitura está declarada no próprio hábito da leitura de blogs:

Mas foi então que passeando por um *blog* que eu adoro, dei de cara com um texto em que minha amiga brincava de descrever seu namorado imaginário. Achei aquilo tudo tão divertido que decidi brincar também. Está entediada? Experimenta, boba. [...] (Rodrigues: 1997)

O leitor é contagiado por experiências leitoras que o motivam a escrever, esse processo dá vida à uma forma de interatividade produtiva e colaborativa que cresce na Internet.

O texto segue descontraído e ao longo de sete parágrafos a autora procura descrever seu namorado imaginário. As formas enunciativas da descrição e da narração são facilmente observadas, o texto é bem escrito e repleto de expressões que o aproximam da coloquialidade. Ao seu final, a autora retoma o ponto de partida voltando a fazer referência ao texto do blog da amiga que a inspirou, mas dessa vez faz uma citação direta:

[...]como naquele texto da Marla, que *encontramos leveza nas emoções que nos transbordaram porque estávamos prontos... e escrevemos um dicionário de palavras distraídas. Adentramos no corpo de um poema recente, ainda disformes e falamos de amor usando a metáfora mais inocente*[...] (Rodrigues, 2007)

Na citação há mais duas referências a experiências de leitura e escrita, a primeira diz respeito à composição de um dicionário, a segunda revela o desejo de mergulho na poesia. Textos de naturezas distintas colaboram para a formação de um leitor que escreve. A Internet, por meio de seus recursos de disponibilização e troca, viabiliza um processo de construção do conhecimento que passa pela produção da subjetividade.

O texto postado por Rodrigues (2007) obteve quatorze comentários, embora a visita ao blog seja de dezenas de leitores por dia, de acordo com a própria autora. Desses comentários, cinco têm uma extensão de até quatro linhas, três, consistem apenas em apreciações do tipo: “Concordo!”, “Eu sempre acreditei nisso...”, “Adorei...”, três comentam rapidamente o assunto, e

pelo menos dois são comentários acerca da experiência da leitura: “*Nossa que texto lindo, quando eu li senti [...]*”; (Ligia) “[...] *minhas inspirações são contidas na escrita, elas se desenvolvem melhor com a música e por isso eu canto [...]*” (Ana Cris).

Essa é um exemplo de leitura que se encontra diariamente nos blogs; é comum que os leitores de blog também tenham seus blogs, o que torna a rede ainda mais densa e interativa. Os temas são os mais variados possíveis, sendo mais comuns os temas e assuntos cotidianos. A quantidade de leitores que se manifesta postando comentários é ainda pequena se considerarmos a quantidade de visitas que um blog recebe, mas essa diferença pode ser a indicação do contingente de *fast readers* que passaram por ali em relação à parcela pequena de hiperleitores que consegue selecionar o que é de interesse no momento da leitura colocando-se de forma consciente dentro desse processo. Aquele leitor que “dá uma olhada” e abandona o texto é o já conhecido *fast-reader*. Pode-se observar, por meio da contagem de acessos e da lista de comentários, a diferença gritante entre o número de leitores que acessa o *blog* e a quantidade de leitores que se posiciona por meio da escrita.

É curioso notar, entretanto, que nos blogs, os comentários são em sua grande maioria críticas positivas. A maioria do público leitor de *blogs* não ousa criticar. De maneira mais enfática, parece que as relações são, na maioria das vezes, dosadas pela ética da convivência respeitosa, embora se saiba que há exceções.

Os blogs oferecem uma farta possibilidade de interação entre leitores, principalmente os que também escrevem. O espaço dos blogs é muito rico e, quando bem explorado, presta-se a atividades comunicativas relevantes. É possível visitar *blogs* com conteúdos políticos, filosóficos, cotidianos, bem escritos, mas a grande maioria tateia ainda às margens do processo de construção do conhecimento. Muitos não passam de um exercício de exposição e bricolagem.

Quais são as implicações disso para o leitor? Acredita-se que o grande desvio acontece quando o leitor, ainda em fase de formação ou com uma formação inacabada, passa a navegar pelos espaços virtuais sem a supervisão ou orientação de um leitor mais experiente. Só um leitor mais crítico conseguirá

separar o joio do trigo no que se refere aos conteúdos que são publicados na Internet. Uma estratégia que poderia ser aproveitada pela escola seria a utilização dessa ferramenta para o desenvolvimento da escrita. O professor, por exemplo, poderia substituir a tradicional aula de redação por uma aula na sala de informática para a leitura ou escritura de *blogs*. Durante a aula poderiam ser planejados roteiros críticos para avaliar um número pré-definido de *blogs*. Enfim, as possibilidades de explorar as práticas de comunicação na Internet podem ser cruciais para a formação de verdadeiros hiperleitores.

Outro exemplo de comunicação na Internet permite acompanhar uma interação mais elaborada. Em listas de discussões ou em comunidades virtuais, os usuários reúnem-se para tratar de um assunto de interesse comum. Esse tipo de ferramenta aloca um maior número de leitores ativos, porque ao adentrar a comunidade, já é feita uma prévia seleção por parte do leitor, ele escolhe fazer parte de uma comunidade guiado pelo interesse em um determinado assunto. Dessa maneira, o núcleo de interesse comum já é suficiente para reunir internautas com afinidades e critérios distintos.

A título de observação, foi acompanhada, ao longo de uma semana, uma lista de discussão, dentro de uma comunidade do *orkut* entre pessoas que têm em comum o gosto pela literatura (Anexo III). A moderadora do grupo, internauta que medeia as discussões, delimitou que, ao longo de uma semana, entrevistariam um autor. A escritora da semana observada foi Elizabeth Hazin, autora do poema que abre este capítulo. Nesse caso específico, o nível de discussão que se pôde observar foi muito superior às discussões observadas nos *blogs*, o que já era esperado, porque as comunidades voltam-se para discutir assuntos de temáticas específicas.

Os comentários e perguntas que são publicados na lista de discussão da comunidade fazem referência a vários aspectos concernentes à crítica literária: criação, inspiração, intertextualidade, poesia, leitura etc. É possível perceber claramente um debate com questionamentos, respostas e comentários bastante pertinentes. A entrevistada é bastante instigada a falar sobre o processo de criação poética, as relações da arte com outras dimensões da vida, como natureza e tecnologia. Percebe-se que a maioria dos participantes é estudiosa da literatura ou poetas, ou as duas coisas, o que faz com que a

entrevista transcorra com um nível bastante elevado. A Internet em espaços de colaboratividade dá vazão à reflexão e crítica, desde que os leitores sejam experientes e com alto poder de discernimento.

Experiências que reúnem grupos de leitores espalhados em diferentes lugares em torno de um mesmo assunto também acontecem nos fóruns de discussão virtuais. Essas ferramentas de comunicação permitem dizer que na Internet, hipertexto gigante, o leitor poderá encontrar tanto possibilidades de leitura mais amenas que tratam de causalidades do dia-a-dia e que exigem pouca participação, como também, leituras que promovam a construção efetiva do conhecimento. A verdade é que a rede oferece todas as possibilidades e caberá ao hiperleitor se posicionar.

Nesse texto ideal as redes são múltiplas e se entrelaçam sem que nenhuma possa dominar as outras, este texto é uma galáxia de significantes e não uma estrutura de significados; não tem início; é reversível e nela penetramos por diversas entradas, sem que nenhuma delas possa qualificar-se como principal; os códigos que mobiliza perfilam-se a perder de vista, eles não são dedutíveis (o sentido nesse texto nunca é submetido a um princípio de decisão e sim por um processo aleatório); os sistemas de significados podem apoderar-se desse texto absolutamente plural, mas seu número nunca é limitado, sua medida é o infinito da linguagem. (Barthes, 1992:39).

5.3 - Mentes que se transformam, subjetividades que se revelam

Steve Jobs, fundador da *Apple* e criador de invenções que ganharam o mundo, como o *iPod*, declarou que não teria interesse em lançar nenhum *e-book* para concorrer com o modelo *Kindle*, lançado pela *Amazon*. Para Jobs, o produto não seria um bom investimento porque, segundo ele, as pessoas não leriam mais.¹⁸

Jobs estava errado. Nunca se leu tanto, embora coexistam diversos tipos de leitores dentro de um *continuum* de possibilidades, como já foi mostrado aqui. É verdade que o número de leitores apressados, os *fast-readers*, seja hoje bastante superior ao número de leitores mais atentos e

¹⁸ Matéria publicada na Revista Veja, ed. 2108, ano 42, número 15, de 15 de abril de 2009. Reportagem das páginas 106 -107.

capazes de formulações críticas. O número de leitores altamente capacitados e que desfrutam da leitura como um oásis, procurando recolherem-se para efetuar sua leitura em um espaço reservado, talvez não tenha diminuído, o que houve na verdade foi o surgimento de uma massa de leitores nas ruas e na Internet, o que, proporcionalmente, ludibria o observador que acredita que a leitura está acabando. Ao contrário, ela nunca esteve tão presente.

As pessoas são cada vez mais estimuladas a estarem nas ruas, conversando, andando, comendo, comprando e lendo. Felizmente, a profecia de Jobs não se realizará, porque começa a surgir um tipo de leitor que congrega a capacidade de análise crítica e o processamento em maior velocidade e quantidade de informações. Mas como isso seria possível?

Tal proposição está baseada no fato de que, à medida que os canais sensoriais recebem estímulos diferentes, modifica-se a própria maneira de armazenar e processar informações. A maneira como a mente humana armazena informações relaciona-se com a maneira como o indivíduo capta os estímulos, o que significa dizer que as gerações que já nasceram e estão sendo alfabetizadas dentro da sociedade em rede vão ter uma capacidade de processamento e armazenamento de informação diferente das formas já consagradas.

Para entender de que maneira o indivíduo na contemporaneidade recebe os estímulos oriundos das novas tecnologias, é preciso partir do princípio de que o ser humano é um ser imbuído de fortes cargas psicológicas. Sabe-se que o processo de aprendizagem humano é altamente sofisticado e está preparado para aprender de diversas maneiras. O ser humano aprende por meio dos estímulos reais que preenchem a existência dos fatos, mas também aprende por mediação, quando o conhecimento é processado por meio da linguagem simbólica para alimentação da mente.

São de ordem simbólica toda a comunicação humana, a linguagem, a imagem, as artes de forma geral, o desenvolvimento do próprio corpo e, mais atualmente, deve-se falar também nas novas tecnologias que promovem a comunicação humana. Todos esses elementos constituem-se como matéria representacional que alimenta o processo de aprendizagem.

5.3.1 – A teoria representacional da mente

A teoria representacional da mente entende que o conhecimento advém da concepção da mente simbólica (Fodor :1976). Essa teoria, pouco estudada no Brasil, é totalmente diferenciada da concepção que analisa a mente a partir de sua forma corpórea. De uma maneira filosófica, essa teoria defende que a mente pode ser descrita entre organismos e representações. Ao invés de falar da mente, a melhor maneira de abordar os estudos de Fodor é referir-se ao estado mental do sujeito.

O estado mental do sujeito, de acordo com tal teoria, deve ser compreendido como um conjunto de representações mentais que funcionam como os objetos imediatos das atitudes proposicionais. O funcionamento da mente, assim, deve ser entendido como a linguagem do pensamento.

A linguagem do pensamento pré-existe, não é aprendida, mas sim conhecida, seria o que a linguística denominou como os universais da linguagem, ou ainda, como gramática gerativa. Sem uma linguagem que comunique sistemas de pensamento e processamento seria impossível a aquisição de qualquer língua. Linguagem e pensamento se interligam, ambas têm em comum a existência em potencial no indivíduo e passam a desenvolver-se assim que esse capta os estímulos externos. Feltes (2007:31), ao realizar estudo sobre a semântica cognitiva, explica que

Assim como os falantes de uma língua têm uma competência que lhes permite produzir e entender uma infinidade de novas sentenças, sem treinamento anterior específico, **um sistema simbólico representacional interno habilita o organismo a responder a novas estimulações**, ou seja, habilita-o a calcular as opções comportamentais apropriadas para um tipo de situação em que ele nunca se encontrou antes.(sem grifo no original)

O desenvolvimento da mente, segundo a teoria representacional, funciona a partir de estímulos externos que se manifestam por meio de um estado físico; a partir desse momento, a máquina abstrata é acionada, e passa a funcionar. O processamento dos estímulos externos (*input*) são recebidos e passam a ser processados por meio do sistema representacional. O sistema representacional aciona o código interno da mente em busca de esquemas

mentais semelhantes ou equivalentes e, após a busca, envia imediatamente uma resposta transformada (*output*).

Como no funcionamento de um computador, ao usuário só é possível perceber o *input* (dados de entrada) e *output* (dados de saída), porque o meio do processo acontece no interior da máquina com uma linguagem inacessível para o indivíduo. Trata-se da linguagem que compõe os códigos internos da mente. De maneira esquemática temos que:

Mecanismo de funcionamento da mente

Input	Sistema Representacional	Output
<i>Estado físico</i> (operações da máquina)	Linguagem do pensamento Código interno da mente (funciona como um compilador)	<i>Estado físico</i> (operações da máquina)

QUADRO 3 – MECANISMO DE FUNCIONAMENTO REPRESENTACIONAL DA MENTE

As atitudes das pessoas ocorrem de acordo com esse esquema representacional. A partir de cada estímulo, o cérebro procura reconhecer uma linguagem que interprete o seu estado inicial, enviando para o exterior sua resposta. É dessa maneira também que se dá a construção do conhecimento e da leitura. Sempre que acontece algo de novo, a mente faz uma varredura em busca de esquemas mentais que auxiliem na compreensão dos fenômenos, e por incrível que pareça, o indivíduo possui vários esquemas de referência que serão associados de maneira extremamente rápida para elaborar uma resposta para cada experiência. Os comportamentos humanos, de acordo com a teoria representacional da mente, respondem a algumas condições básicas: a avaliação semântica, uma boa causa e, ainda, motivação relacionada a crenças e desejos dos indivíduos.

Na atualidade, a mente está cada vez mais sendo representada por bits e bytes, a fronteira entre o humano e o tecnológico está desaparecendo. Enquanto o humano aponta em direção ao natural, aquilo que provém da natureza, a ascensão da realidade tecnológica, aponta o homem pós-orgânico, dando condições ao nascimento de um ser híbrido homem-máquina. Essa

relação não pode ser tão absurda como às vezes parece ser, porque relaciona seres no universo da linguagem.

Dessa pequena explicação sobre o funcionamento do aparelho cognitivo, pode-se inferir que a maneira de pensar e construir o conhecimento não obedece a uma fórmula rígida, mas adapta-se às condições externas ao homem.

5.3.2 - A livre associação de idéias

Na década de 1930, nos Estados Unidos, um engenheiro chamado Vannevar Bush, impressionado com o aumento de informações que estavam sendo editadas dia após dia, redige um artigo chamado “*As we may think*”. Nesse artigo, o professor, diante de uma realidade que, a cada dia, produzia mais informação, questionou como a mente humana conseguia capacidade para armazenar tanta informação.

Bush, preocupado com o fenômeno da assimilação, percebeu que a nossa incapacidade de acessar as informações ocorria devido à maneira como essas informações estavam sendo armazenadas: geralmente, por ordenamento alfabético. O estudioso descobriu que “a mente humana não funciona desse modo”, mas sim por associação. A mente salta instantaneamente ao dado seguinte sugerido pela associação de idéias, por meio de alguma intrincada trama de caminhos formada pelos neurônios. Dessa descoberta, o pesquisador projetou uma máquina que deveria organizar informações por meio de uma lógica associativa. A tal máquina em seu projeto recebeu o nome de *Memex*.

Em artigo publicado no *site* da Unicamp, a carta abaixo foi exposta como um exemplo de texto que provoca uma leitura associativa e livre, que remete também à idéia de hipertexto, dadas as várias conexões que são feitas ao longo de sua leitura.

Imagine, se um belo dia, você, leitor, resolve organizar e colecionar todos os seus conhecimentos, acumulados ao longo de, digamos, quatro décadas de existência. Pois bem, você resolve começar por seus conhecimentos filosóficos, até porque acredita que a Filosofia é a fonte primeira de todo o

conhecimento da humanidade. Papel branco, outros artefatos de escrita, você anota - Grécia, em seguida - Platão, imediatamente se lembra de Homero, de Helena de Tróia, de poesia. Aí passa-lhe pela cabeça deixar de lado a Filosofia e recomeçar colecionando poetas, mas, em literatura, você é mais dado à prosa, não conhece tantos poetas assim, risca o já anotado e escreve Machado - Brasil. Depois de pensar um pouco, parte para a organização dos conhecimentos geográficos, assimilados em viagens. Volta à Grécia e lhe acodem lembranças das ruínas da Acrópole, imediatamente você se lembra da bela estudante de História que lhe serviu de guia e com quem tomou um vinho delicioso na Plaka. Que tal partir para a gastronomia? Você pára, depõe os artefatos de escrita, toma um café e conclui que colecionar conhecimentos, armazená-los e compartimentalizá-los corretamente é tarefa de biblioteca pública. (Dias, 2009)

A narrativa acima exemplifica que a mente humana funciona por meio de associação de idéias, uma associação livre guiada por afetos, desejos, pulsões. O estudioso Vannevar Bush defendeu exatamente isto: a teoria de que o pensamento funciona de uma forma muito mais aleatória do que se imaginava, e a partir daí dedicou-se a superar os sistemas de classificação de informações que considerava inadequados. Para isso, criou o dispositivo em que a seleção das informações seria feita por associações e não por índices. O curioso engenheiro, então, pensou em uma máquina que contribuiria para a memória, uma espécie de arquivo eletrônico que, por associação, buscaria informações nele armazenados. Mas, por falta de recursos, a idéia nunca foi levada adiante.

Vannevar desejava substituir os métodos essencialmente lineares, que haviam contribuído para o triunfo do capitalismo e da industrialização, por algo que em essência, constitui **máquinas poéticas; máquinas que trabalham por analogia e por associação**; máquinas que capturam o brilho anárquico da imaginação humana. (Landow:1995 *apud* Silveira, 2008:29)

Essa interpretação sobre a maneira de processar e organizar as informações dá a impressão de que Vannevar considerava que a ciência e a poesia funcionam de maneira bastante semelhantes, ou seja, por fluxos de conexões. A partir dessa constatação, é possível aproximar os esquemas de produção da subjetividade e o do efeito estético, do pensamento por associação inerente ao hipertexto. Esses processos apresentam pontos de

semelhança que permitem pensar na possibilidade da produção da subjetividade a partir de estímulos de hipertextos oriundos de interfaces digitais.

5.3.3 – Textos, telas: sempre subjetividades

Guattari (1986) já afirmara que tudo produz subjetividade, entretanto só a relação com novos paradigmas poderia acionar o processo de re-singularização dos indivíduos. Se o estético pode ser compreendido como potência autopoietica, é possível afirmar que a comunicação verdadeiramente interativa promove a produção da subjetividade porque, ao estimular a criação, contribui para o acionamento de sujeitos mais livres e autônomos.

Há, na maneira de pensar humana, princípios de associação e conexão aleatórias que sempre estiveram presentes no universo da construção poética e que, ao que parece, também está presente na construção rizomática do hipertexto. Poesia e hipertexto apresentam, assim, uma estrutura muito semelhante ao imaginário humano.

Efeito estético	Produção da subjetividade	Novos estímulos provindos das <i>hipermídias</i>
virtualidade	virtualidade	virtualidade
interatividade	interatividade	interatividade
imaginário ficcional	universos existenciais	rede/rizoma
vazios do texto	desterritorialização	pontos de fuga
Possibilidades de re-singularização do eu		

QUADRO 4 – QUADRO COMPARATIVO: EFEITO ESTÉTICO, PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E NOVOS ESTÍMULOS.

Os estímulos hipertextuais e digitais, ao serem processados pela mente, irão estimular a criação de esquemas mentais baseados na associação livre de informações, modificando o processo de construção do conhecimento, antes

ordenado e hierarquizado. É bastante provável que as crianças que já lidem com essas mídias, desde a infância, identifiquem-se com a maneira rizomática de processar e construir o conhecimento, o que poderá aumentar sua capacidade de armazenamento de informação.

O efeito estético é um processo engatilhador da produção da subjetividade. É preciso então estimulá-lo nos novos meios de comunicação, de maneira a permitir que o leitor usufrua das novas tecnologias explorando aquilo que há de melhor nela: a constituição de um espaço de troca e criação. Reconhecer e promover o contato com novos paradigmas, entretanto, não é tarefa simples. Para que isso ocorra, o leitor precisará ser, como se tem afirmado até aqui, um hiperleitor.

O hiperleitor é também o *último leitor*, pois ao leitor que é dada a possibilidade de contato com o paradigma ético-estético são somadas experiências de uma leitura libertadora que irá colaborar para a autonomia do sujeito. Dessa maneira, a leitura do literário passa a ter um papel determinante na formação do leitor do século XXI. Um modelo de educação poética, como propôs o engenheiro Vannevar Bush em 1945, parece mais adequado aos estímulos advindos da sociedade em rede, do que modelos geridos por sistemas de classificação, ordenação e resposta marcados principalmente pela objetividade imposta pelo pragmatismo das demandas de consumo.

O lugar da literatura no século XXI não deve ser apenas o lugar de privilégio isolamento de um grupo de leitores altamente refinados e competentes; ao contrário, o texto literário deve ser utilizado principalmente nas fases de formação do leitor, dialogando com a maneira como a mente processa o conhecimento. Capacitando o leitor para lidar de maneira habilidosa com um mundo que se organiza em rede e fluxos, defende-se aqui uma educação pela poesia, pois um leitor que desfruta da leitura sem fins pragmáticos, é livre e autônomo para viver outros tipos de leituras. Não há como formar hiperleitores sem iniciá-los na leitura literária. Esse é o grande desafio da escola.

CONCLUSÃO

Dizer que as novas tecnologias da informação e comunicação estão operando uma profunda transformação cultural e social já se tornou lugar comum nos dias de hoje. O momento agora não é mais de apontar o que já é fato, mas pensar nos efeitos que já estão visíveis e naqueles que ainda irão surgir em decorrência de tal transformação. No que concerne à leitura, é notável a grande quantidade de informação com que o leitor precisa lidar diariamente e isso já afetou a maneira de ler.

A leitura no século XXI, em sua forma mais pragmática e cotidiana, apresenta-se como condição para todos os sujeitos que compartilham a vida nas cidades modernas. Por esse motivo, o primeiro ponto a ser considerado é o fato de que a leitura está em toda parte e, por isso, a melhor maneira de entender o comportamento do leitor nesse contexto é por meio de um ***continuum de leitura***.

Nos dois extremos desse *continuum* situam-se dois tipos distintos de leitores: o ***fast-reader*** e o ***último leitor***. O *fast reader* se adapta à sociedade da informação. Sua atitude acelerada é consequência da pressa diante dos excessos. Suas leituras são, por excelência, lapsos de reflexão descontínuos. Não há mais tempo para a maturação das respostas, a reflexão fica relegada a um outro momento, que na maioria das vezes não existirá. A leitura instantânea conduz esse sujeito para a sua realidade momentânea.

O leitor de hoje difere do leitor de antes, do tempo em que a leitura realizava-se em silêncio, no espaço da intimidade, no interior dos aposentos. A leitura da vida íntima ainda existe, mas o ato de deparar-se corriqueiramente com informações e ter de atribuir sentido às variadas manifestações da linguagem, extrapolou os limites do privado. O homem público que transita pelas ruas é o leitor da contemporaneidade e ele arrisca-se o tempo todo.

O *fast-reader* na maioria das vezes não tem tempo para um romance, não consegue abstrair-se nos versos de um poema, tem dificuldade com as metáforas, mas lê, lê o tempo todo e não pode escolher não ler, porque esta leitura imediata está diretamente relacionada ao consumo, lei maior do capitalismo avançado.

Já o *último leitor*, representa o leitor minucioso, que prefere o isolamento, o sigilo e a intimidade; caracteriza uma geração de pessoas que fizeram da leitura um momento de aparente solidão, porque a imersão em uma leitura silenciosa e reflexiva é sempre uma aventura, um encontro com outros seres, outras histórias. Esse leitor imbuído de seus desejos, curiosidades, ou simplesmente detentor de um tempo que hoje falta, consegue dedicar-se horas a fio à leitura. É um leitor que vê na leitura a possibilidade de compreensão da própria vida; portanto, a ele se relaciona o texto literário. Na leitura do texto literário ele redescobre a si mesmo e ao outro, renovando sua maneira de perceber o mundo a sua volta.

Ambos os posicionamentos precisam ser considerados como posturas plausíveis e necessárias. Não há uma leitura mais importante que outra; quem decide sobre essa hierarquia é a própria situação que dependerá das intenções e condições da leitura. Não se trata de traçar uma oposição entre a leitura pragmática e a leitura não-pragmática, porque toda leitura pode ou não ser pragmática e quem faz essa opção é o leitor. Trata-se de dar condições ao sujeito para conhecer e utilizar as diferentes formas de leitura de acordo com suas necessidades e vontades.

Movendo-se com total liberdade sobre esse *continuum*, desfrutando das possibilidades de metamorfosear-se em diferentes tipos de leitor, apresenta-se aquele leitor que supera os limites dos tipos específicos de leitura, gozando da leitura como ferramenta essencial no processo de construção do conhecimento de si e do mundo. Nesse sentido, o **hiperleitor**, para além do hipertexto, é o sujeito que trafega livremente pelo continuum de leitura. O hipertexto, nesse caso, oferece-lhe variadas formas de leitura, apresentando-se como um grande desafio que não está restrito aos textos digitais, mas a toda a demanda por leitura existente na sociedade em rede. A partir dessa linha que oferece diversas possibilidades de posicionamento do leitor é possível afirmar que aquele que trafega conscientemente por esse fio, deixa de praticar a leitura como uma condição imposta e passa a vivê-la como opção.

Diante do grande contingente de leitores no século XXI, é importante perceber que são comuns práticas de leitura que anulam a singularidade dos sujeitos; torna-se urgente pensar em leituras que colaborem para a realização

de **processos de produção da subjetividade**. Partindo do princípio de que toda subjetividade é sempre uma produção social e pode apresentar-se na sua forma maquínica e em série, concebida dentro do modelo capitalístico que bloqueia os processos de singularização, ou, ao contrário, como ponto de fuga para processos de produção da subjetividade de sujeitos mais livres e autônomos, torna-se premente reafirmar a importância que a **leitura do texto literário** desempenha para o processo de re-singularização da subjetividade.

A leitura do literário, então, permitirá que o leitor conheça o extremo da leitura que se relaciona mais intimamente com os processos de produção subjetividade. Todo leitor que atinge o *status* de *último leitor* no *continuum* da leitura, desde que o queira, está apto a tornar-se hiperleitor. A leitura do literário prepara, inclusive, o leitor para experiências de leituras fragmentadas e rizomáticas, porque lida diretamente com os impulsos mentais provindos do imaginário, que muito se assemelham com a própria configuração da rede.

Finalmente, de maneira mais pontual, à pergunta sobre a importância do literário na sociedade atual, apresentam-se as seguintes considerações: 1) a leitura do literário é uma possibilidade que concorre para o resgate do processo de produção da subjetividade de maneira a atingir o grau de re-significação do sujeito; 2) ao leitor da contemporaneidade que não é dada a oportunidade de conhecer e usufruir o *status* de *último leitor*, torna-se inviável a idéia de tráfego livre pelo *continuum* de leitura, posto que seu espaço de atuação é limitado e portanto, a idéia de hiperleitor não se aplicará a esse sujeito; 3) a experiência estética, por meio da leitura do texto literário, evidencia o signo poético, possibilitando uma leitura plurissignificativa que respeita o leitor com sua experiência e oportuniza um processo de construção do conhecimento, não-linear e livre, o que prepara o leitor para experiências de leitura menos objetivadas e mais criativas, a exemplo do que deve ser a verdadeira leitura colaborativa e interativa no ciberespaço; e 4) a geração de leitores que recebe os estímulos advindos das novas formas de interação comunicativa conhecerá novas formas de produção da subjetividade, mas acredita-se que a produção de subjetividades livres ainda estará atrelada a uma experiência ética e estética.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ADORNO, T. W. *Teoria Estética*. Trad. Artur Mourão. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Tradução Júlia Elisabeth Lévy, Austin Wernet, Jorge Mattos Brito de Almida e Maria helena Rischel. São Paulo: Paz e terra, 2002. (Coleção Leitura;51)

ARAÚJO, Júlio César & BIASI-RODRIGUES, Bernadete. (orgs.) *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Trad. Eudoro de Souza.

BACHELAR, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAKHTIN, M. & VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARROS, Manoel. *O guardador de águas*. 2 ed. São Paulo: Record, 1998.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo:Perspectiva, 2002.

BARTHES, R. *S/Z*. Lisboa: Edições 70, 1970.

BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total: mito-ironias na era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. *A ilusão vital*. Tradução Luciano Trigo. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Senhas*.Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

_____. *A Sociedade de Consumo*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Arte e Comunicação, 2007.

_____. Simulacros e Simulações. Tradução Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

_____. *El Crimen Perfecto*, Barcelona, Anagrama, 1996.

BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. In: 'Obras Escolhidas', v.3, São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Ruanet. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar; revisão da tradução Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2001.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CALVINO, Ítalo. *Se um viajante em uma noite de inverno*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*, 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. Rio de Janeiro, Duas Cidades, 2004.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. Ed. Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1. In: A sociedade em rede*. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COROA, Maria Luiza Monteiro Sales. *Gêneros e tipos textuais*. Brasília: Centro de Formação Continuada de Professores da Universidade de Brasília – CFORM/UnB: Secretaria de Educação Básica-MEC/SEB, 2004.

CORTÁZAR, Julio. *Histórias de cronópolis e de famas*. Tradução de Glória Rodrigues. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo. Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. E GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vols.1,2 e 3. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles. (1968). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

DIAS, Maria Helena Pereira. São Paulo: Unicamp, 2009. In: www.unicamp.br/~hans/mh/memex.html.

ECO, Umberto. *Lector in fábula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. Tradução Cláudio Freire. São Paulo: editora UNESP, 2006.

FOUCAULT, M. (1967). *As palavras e as coisas* (Rosa, A.R., Trad.). Lisboa: Portugalia (Original publicado em 1966).

FOUCAULT, M. (1999). *Microfísica do poder* (Machado R., Trad. e Org.). Rio de Janeiro: Graal (1ª edição publicada em 1979).

FURTADO, Odair e REY, Fernando Gonzalez. (Org) *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das apresentações sociais*. São Paulo: casa do psicólogo, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. 192 p (Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin)

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992. 208p.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, São Paulo: Papiros, 1990.

GUATTARI, Félix ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stella Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

H. R. JAUSS. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: A literatura e o leitor. Luiz Costa lima (ed), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura* (2 vol). Rio de Janeiro. Ed. 34, 1996 e 1999.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 10 ed. Campinas, SP: Fontes, 2007

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOTHE, Flávio R. (org). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 2ªed. 991.(coleção grandes cientistas sociais)

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. 2ª ed, São Paulo: Martins fontes, 1996.

LANE, Silvia T. Maurer. *A dialética da subjetividade versus objetividade*. In: *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. Org. Odair Furtado, Fernando L. Gonzalez Rey. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa., 2ª ed. São Paulo, Ed. 34, 2000.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução Pedro maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros textuais, novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix. 1994.

MORAIS, José. *A arte de ler*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MORIN, Edgar. *Da necessidade de um pensamento complexo*. In: *Para navegar no século XXI, tecnologias do imaginário e cibercultura*. Org.

Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva – Porto Alegre: Sulina/ edipucrs, 2000.

OLSON, David. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Ática, 1997.

PARENTE, André. *O Virtual e o hipertextual*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*; tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERRENOUD, Philippe. *Construir competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIGLIA, Ricardo. *O Último leitor*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PLATÃO. *A República*. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Clarim, 2001.

REY, Fernando Gonzalez. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thompson Learnig, 2005.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora viva*. 1983.

RODRIGUES, Elenita. *Meu namorado imaginário*. Texto postado em: 20/08/2007 in: acasodosafortunados.blogspot.com.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SIJIE, Daí. *Balzac e a costureirinha chinesa*. Rio e Janeiro: Objetiva, 2001. Trad. Vera Lúcia dos Reis.

SILVA, Tomás Tadeu. *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano*. in: Antropologia do ciborgue, as vertigens do pós-moderno. Organização e trad, Tomáz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____ (org.) *Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____ *Teoria Cultural e educação. Um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1992.

TOURAINE, Alain & KHOSROKHAVAR, Farhad. *A emergência do sujeito*, in: *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

TOSCANA, David. *O último leitor*. Tradução Ana Lúcia Pelegrino e Magali Pedro. Revisão da tradução Maria Alzira Brum Lemos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

VIEIRA, Josênia Antunes (org.). (et al.). *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo, Ática, 1989

Filmografia

JARDIM, João e CARVALHO, Walter. *Janela da alma*. Europa Filmes, 2003.

SIJIE, Daí. *Balzac e a costureirinha chinesa*. Europa filmes, 2005.

Sites consultados

Comitê Gestor da Internet do Brasil

<http://www.cgi.br/>

Manifesto do Ciberespaço

<http://memphyx.wordpress.com/2008/04/05/declaracao-de-independencia-cyberspace/>

Memex

<http://www.unicamp.br/~hans/mh/memex.html>

Alexa

www.alexa.com

ANEXOS

Anexo I

Projeto: "Mãos dadas: rodas de LER"

(<http://www.literaturas.pro.br/index.jsp?conteudo=61>)

Dados de Apresentação:

Tema – *Internauta* também é leitor! Leitura de textos produzidos em meio digital.

Dinamizador – Clara Etiene Lima de Souza^[1]

Objetivos

- Apresentar alguns gêneros textuais digitais como material para aulas de leitura, articulando a capacidade de leitura e interpretação de situações reais a partir de textos curtos não-contínuos.
- Promover a leitura compreensiva de textos curtos e não-contínuos, despertando a atenção dos leitores para a riqueza de pormenores lingüísticos existentes nos textos digitais curtos, como torpedos, enunciados de bate-papos, *scraps* etc.
- Transpor a interatividade típica de alguns gêneros textuais digitais para a sala de aula, sem, necessariamente, precisar de computadores ou de outras mídias.
- Inserir os textos que fazem parte do contexto da Internet nas atividades de leitura no ambiente escolar.

Recursos

Textos digitais curtos coletados na Internet e reproduzidos em forma de cópias; cartolina; pincéis para escrever na cartolina; folhas de papel ofício, cola para papel, quadro giz/ou pincel, dois envelopes, crachás para todos os participantes.

Reflexão Teórica

Acreditamos que o processo de leitura é um ato social e cultural. Se sociedade e cultura encontram-se em um processo de constante transformação, as maneiras que o homem encontra para perceber o mundo a sua volta também se transformam. A leitura, assim, não é

uma prática alheia ao tempo, ao contrário, é uma das formas mais eficazes de tentar significar os acontecimentos no tempo e, portanto, modifica-se, diversifica-se e multiplica-se em variadas formas de perceber e atribuir sentido à realidade.

A geração de indivíduos do século XXI é uma geração com uma gama de possibilidades comunicativas nunca antes vista, a Sociedade da Informação está repleta de textos. Os textos formam as teias de conexões dessa realidade, tantas vezes caótica, dada a fragmentação e o excesso de textos que se cruzam. Textos curtos e não-contínuos, como *scraps*^[2], torpedos, e-mails fazem parte da realidade da maioria dos cidadãos inseridos na era da modernidade tecnológica.

É importante que a escola acompanhe essa realidade trazendo para sua dinâmica elementos que fazem parte do cotidiano das atividades comunicativas contemporâneas. Embora se perceba, em diversos setores, certa tendência em demonizar ou supervalorizar os impactos das novas tecnologias; neste momento, é mais importante olhar para as inovações como produto de uma sociedade e de uma cultura em transformação, o que mudaria a perspectiva na abordagem dos fenômenos tecnológicos: eles são resultado de anseios e desafios do próprio sujeito e, portanto, merecem ser analisados como uma ação humana. Nesse sentido, a diversidade de gêneros textuais que surge como desdobramento das tecnologias digitais são conseqüências de uma demanda por velocidade, interatividade e alto grau de comunicabilidade. Introduzir esse material nas aulas de leitura é conhecer e valorizar os modos de produção e de circulação da escrita na sociedade atual. É, no sentido literal, construir conhecimento.

A escola que educa leitores para a vida precisa alcançar essas novas modalidades textuais, a fim de preparar os indivíduos para saberem aperfeiçoar, compreender e produzir sentido nessas novas manifestações da linguagem. Para Kleiman (2000), o leitor não recebe pronto o significado do texto, ele o constrói. Todo processo de leitura é um processo de posicionamento do leitor (Buin, 2008)^[3]. Colocar o leitor diante de textos diversos é dar a ele a oportunidade de movimentar-se com maior habilidade em um mundo cada vez mais repleto de diversidades textuais.

A Sociedade da Informação é um momento de intensa produção e veiculação de informação, portanto, o leitor passa a lidar com uma quantidade cada vez maior de textos, que na maioria das vezes, são curtos, fragmentados e movediços. Os textos encontram-se em pleno movimento, o que caracteriza a fluidez e a interatividade. Os textos contínuos, os quais nos habituamos a ler nas aulas, podem dar, até certo ponto, maior segurança para o leitor no que diz respeito à sua compreensão ou interpretação, por oferecer maior gama de dados lingüísticos, mas todos os textos precisam ter seu sentido construído.

Acreditamos que o indivíduo lê para tornar-se sujeito, ser pensante que se posiciona criticamente diante das situações simbólicas, semânticas, ideológicas etc. Por isso, ao longo das atividades aqui propostas, serão simuladas situações reais de comunicação e representação.

Perguntas essenciais para a discussão sugerida?

1) O que é ler no século XXI?

Ler, hoje, compreende várias habilidades: a leitura de imagens, fragmentos, abreviações, implícitos. O leitor precisa ser rápido, dada a grande quantidade de informações que o bombardeiam diariamente, entretanto, necessita atingir um grau de leitura que seja qualitativo; o que se impõe como um grande desafio.

2) O que são gêneros textuais?

Os gêneros textuais englobam diferentes espécies de textos, escritos ou falados, que circulam na sociedade, reconhecidos com facilidade pelas pessoas.

Obs: Há também os diferentes suportes de texto, os textos digitais são veiculados em telas de computador, *palm top*, celulares e outros suportes tecnológicos sob a forma de textos curtos, como *scraps*, torpedos, e-mails, diálogos, fragmentos de discurso. Todas essas manifestações comunicativas da língua devem ser consideradas gêneros textuais.

3) O que são textos não-contínuos?

Os textos não-contínuos caracterizam-se por se colocarem aparentemente fora de contextos explícitos, como frases inacabadas, fragmentos de discursos, imagens, gráficos etc.

Textos a serem utilizados nas atividades propostas:

- ícones do msn, software de conversação instantânea;
- scraps diversos, página de recados do site de relacionamentos "orkut";
- torpedos, frases usadas para comunicação por meio de telefonia móvel;
- diálogos produzidos em programas virtuais de conversação instantânea.

Metodologia

Entendemos a sala de aula como grande ambiente lúdico, portanto, desde o início da aula, os estudantes serão convidados a participar das atividades. Cada atividade terá um objetivo específico. E, ao final, todas as atividades deverão ter conduzido os participantes aos objetivos planejados acima. A aula será dividida em quatro atividades práticas de leitura. Em cada atividade o estudante será estimulado a posicionar-se como leitor crítico.

Seqüência das atividades

Atividade I – “Como você está?” e “Como você prefere ser chamado?”

Ao serem recebidos em sala de aula, aos participantes serão apresentados ícones para identificar sua disposição/ humor. Cada aluno, a exemplo do que acontece em um programa de conversa instantânea, deverá escolher um ícone que traduza sua disposição/estado de espírito naquele dia. Além disso, cada aluno deverá confeccionar o próprio crachá, colando o ícone escolhido e escrevendo o seu nome ou apelido para ser identificado pelos demais colegas e pelo professor.

O professor deverá preparar previamente os ícones (emoticons^[4]) e os crachás (pequenos pedaços de cartolina recortados em retângulos), pincéis coloridos, cola branca e alfinete e deixar os alunos à vontade para escolherem seus *emoticons* e escrever seus apelidos, ou nicks, expressão do inglês que serve para designar “apelido” usada no cotidiano dos internautas.

Após a confecção e fixação dos crachás, sugere-se que os participantes apresentem-se. Para tanto, pode-se fazer um círculo. Nesse momento é feita a socialização das escolhas de cada *emoticon* e apelido, o que revelará um pouco da subjetividade de cada um dos participantes, criando um clima bastante propício para o processo de ensino-aprendizagem.

Atividade II – Uma diálogo em torpedos.

Os participantes da aula de leitura, serão divididos em dois grupos. Cada um dos grupos receberá um envelope contendo um conjunto de dez mensagens do tipo *torpedo* misturadas. Os torpedos deverão ser organizados em uma seqüência lógica e afixados em uma folha na forma de diálogo. Cada equipe terá 15 minutos para montar a seqüência do diálogo e apresentá-lo. De acordo com a quantidade de participantes, o professor poderá dividir a turma em mais grupos, mas é importante que todos os grupos recebam em um envelope as mesmas frases soltas. O

resultado é surpreendente, porque, mesmo tendo recebido as mesmas frases, os diálogos sempre são bastante diferentes.

Exemplo: entrega-se a cada grupo várias frases soltas, como no quadro abaixo, que deverão ser organizadas por cada grupo na forma de um diálogo entre duas pessoas.

Torpedos diversos ^[5]	
esquece, vc sempre inventa 1 desculpa...	Ok, te espero
t esperei, fui embora.	té mais
eu tava lá, do outro lado.	kd vc?
saudade	tô chegando...
também	vc não acredita em mim...
a gente anda tão ocupado	não.
mas, sempre dá-se um jeito	esquece, vc sempre inventa 1 desculpa...
ah...vc diz isso, mas não me dá importância.	t esperei, fui embora.
q isso? pra mim, é sempre importante	eu tava lá, do outro lado.
sério?	saudade
lógico.	também
então, vamos combinar algo.	a gente anda tão ocupado
hoje, no mesmo horário e lugar de sempre	mas, sempre dá-se um jeito
tô chegando...	ah...vc diz isso, mas não me dá importância.
vc não acredita em mim...	q isso? pra mim, é sempre importante
não.	sério?
então, vamos combinar algo	lógico.
hoje, no mesmo horário e lugar	té mais

de sempre	
Ok, te espero	

Atividade III – Contando uma história

Em seguida, os grupos deverão trocar os diálogos já montados. Agora, tendo em mãos o diálogo elaborado pelo outro grupo, cada grupo deverá compor uma narrativa, por escrito, que contextualize aquele diálogo. É interessante, nesse momento, explorar bastante a questão do foco narrativo, contrapor os discursos direto e indireto. Retomar os elementos da narrativa também é importante. Tendo em mente todas essas concepções os alunos ficarão motivados para construir um diálogo em uma narrativa com mais informações e detalhes.

Após 20 minutos, os grupos deverão ler as narrativas que criaram. ^[6]

IV – Detetive no mundo virtual.

Em equipes de três componentes os participantes receberão a cópia de uma página de um site de relacionamento, uma página do orkut, por exemplo. Entretanto, esse material deve ser preparado com antecedência pelo professor, omitindo os dados do dono da página: nome, idade, profissão etc. A partir da leitura dos dados deixados na página e das comunidades a que o desconhecido pertence, os participantes deverão construir um breve relatório descrevendo a personalidade (gostos e preferências), faixa-etária e características do indivíduo desconhecido. Após 20 minutos, os trios deverão ler os perfis que criaram. Todas as equipes vão receber a mesma página para, em seguida, compararem as diferentes leituras que fizeram.

Nessa atividade, os estudantes irão ler todos os indícios existentes na página distribuída, desde *scraps* a fotos. O processo de constituição da pessoa a quem pertencem os dados é um momento de leitura e criação, podendo mesmo ser comparado ao processo de criação de um personagem. ^[7] Veja o exemplo abaixo.

Quem é o sujeito desconhecido?

Tela do orkut: página inicial.

Há muitas pistas...

Tela do orkut: perfil social.

Tela do orkut: comunidades.

O professor perceberá que o aluno ficará entusiasmado ao perceber que a página do *orkut* será material dentro da aula de língua portuguesa. Essa situação é muito significativa e precisa ser valorizada, porque na maioria das vezes, o que dispersa o aluno da aula é a falsa idéia de que o que se aprende em aula não tem nenhuma relação com o mundo real e pragmático. Os torpedos, *scraps*, *emoticons* aqui são material de linguagem, são gêneros textuais de uso cotidiano na vida dos estudantes, por isso, trazê-los para a sala de aula é uma atitude de posicionamento da escola frente às transformações do mundo contemporâneo. As aulas precisam ser diversificadas para atraírem a atenção do aluno, mas também precisam ir de encontro à realidade desses falantes.

Essa aula, com as quatro atividades apresentadas, foi planejada para duas horas, mas dependendo do número de alunos, ela poderá ser dividida em duas aulas de duas horas cada uma.

Avaliação:

Ao final da aula os participantes receberão uma ficha onde deverão atribuir notas de 1 a 4 para os seguintes itens da aula:

- Você adquiriu novos conhecimentos?
- As atividades propostas foram dinâmicas?
- As atividades propostas motivaram a sua participação?
- Você gostou dos textos usados nesta aula?
- Você acredita que as atividades contribuíram para o seu crescimento cultural?
- O quanto você achou o proposta " Mãos Dadas" válida?
- Comente, critique a atividade:

Observação: durante aula piloto, todas as atividades aqui propostas foram aplicadas e obtiveram resultados positivos. Todos os 15 alunos que participaram da atividade responderam à avaliação e houve 100% de aprovação sobre todos os itens questionados.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo : Perspectiva, 2002.
 CALVINO. Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. São

Paulo:Companhia das Letras, 2000.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Tradução de Roneide Venâncio Majer, 6 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. E GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vols.1,2 e 3. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995. (Coleção TRANS)

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor, aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes. 1989.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARCUSCHI, L.A. (org.), XAVIER, A. C. (Org). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2004.

^[1] Professora de língua portuguesa e literatura, aluna de pós-graduação da UnB, participa do grupo de pesquisa LER e, atualmente, investiga os novos comportamentos do leitor frente à Sociedade de Informação, discussão presente também em seu trabalho em andamento de doutorado.

^[2] O termo é apropriado da língua inglesa e equivale ao que poderíamos chamar de “fragmento”. Os *scraps* são os recados que os usuários deixam nas páginas pessoais de um *site* de relacionamento.

^[3] Buin, Dagoberto. Conferência sobre leitura, pronunciada na Universidade de Brasília por ocasião do encerramento do Curso de Pós-graduação em leitura, análise e produção de texto, em 09 de novembro de 2008.

^[4] A expressão *emoticons* serve para designar os ícones que traduzem as emoções. Uma figura conhecida é a do sorriso, usualmente chamada de *smile* ☺. É inegável a influência do idioma inglês quando trata-se da linguagem veiculada em meio tecnológico. É interessante que o professor faça uma reflexão sobre esse fenômeno lingüístico, observando a história das invenções e inovações tecnológicas e a importância dos países falantes de língua inglesa nesse processo. Mais uma vez, a língua atua como reflexo dos acontecimentos culturais.

^[5] A falta de pontuação, acentuação e o uso de abreviaturas caracterizam o fenômeno lingüístico que está acontecendo na Internet. O professor pode aproveitar a atividade e pedir para os alunos, após a organização dos diálogos para transcreverem-no para a língua culta, obedecendo as normas gramaticais.

^[6] A leitura pode ser também interpretada. É muito importante dar aos alunos a chance de participar criando situações reais de leitura. Comparar as diferentes versões da história servirá para mostrar os diferentes pontos de vista que antecedem qualquer tipo de leitura.

^[7] Essa foi uma das atividades que mais agradou aos alunos. Todos participaram intensamente, dando palpites, fazendo análises, criando hipóteses. Ao final da atividade, o professor pode revelar a identidade real do dono da página do *orkut* e verificar quais alunos mais se aproximaram da identidade dessa pessoa.

Anexo II

SERENDIPITIES

Não se trata do tamanho do desafio, se trata do seu tamanho. Ou você é uma pessoa que se deixa deter ou é uma pessoa que não se deixa deter. A escolha é sua.

Pensamentos conduzem a sentimentos, sentimentos conduzem a ações e ações conduzem a resultados. "aquilo que se focaliza se expande." focalize o amor, a paz, a abundância. Nossa hora de ser feliz é agora. Seja bem-vindo(a) a este espaço!

SEGUNDA-FEIRA, AGOSTO 20, 2007

Meu namorado imaginário

Antes do post a música que escutei por acaso no começo da tarde e passei horas procurando na internet.... M-A-R-A-V-I-L-H-O-S-A! Fray, com *Over my head*....

Mas foi então que passeando por um blog que eu adoro, dei de cara com um texto em que a minha amiga brincava de descrever seu namorado imaginário. Achei aquilo tudo tão divertido que decidi brincar também. Está entediada? Experimenta, boba. No mundo da fantasia todas as coisas são possíveis, os homens são todos inteligentíssimos, maravilhosos e fiéis, alucinados por você, além de sempre solteríssimos e sem ex-namoradas de quaisquer naturezas! (E depois eu ainda tenho coragem de criticar a Cinderella... risos..... É!)
1, 2, 3, valendo!!! risos

Meu namorado imaginário tem mais ou menos a mesma idade que eu, não fuma, gosta de filosofia (pode não entender nada, mas tem que achar lindo!rs), não tem história mal-resolvida com ninguém, gosta de cinema, domingo em casa, passeio no parque, e é absolutamente encantado pela beleza das coisas pequenas.... um cheiro, um beijo, um carinho, um jasmim. Sem motivos. A gente tem um cachorro (que pode morar na casa dele, já que meu apartamento é MUITO pequeno), planos compartilhados de visitar o Oriente, plantar flores num jardim e passar férias longas em um país estrangeiro. Desses bem esquisito. A gente se entende pelo olho, pele, saliva, coração. Nosso tesão começa é na alma. Só que explode.

Meu namorado imaginário tem o sorriso mais bonito do planeta terra. E quando sorri de cantinho (disfarçando pra eu não ver que ele não gostou do meu sapato cor de melancia), eu finjo que fico brava mas na verdade eu acho lindo. E ele me abraça de um jeito que me faz sentir mais perto de Deus. E a gente

se encontra naquele intervalo entre as coisas que são ditas e as coisas que as palavras não alcançam... e se transubstancia... em galáxias, cores, cometas, estrelas, incandescências... tudo ao mesmo tempo.... (imanências).

Meu namorado imaginário, às vezes vai comprar pão quentinho de manhã bem cedo, mas às vezes fica na cama ronronando feito um gatinho, cheio de manha, até tarde enquanto pede mais um denço emburrado. E a gente se embola num aconchego gostoso de quem esqueceu que segunda é dia de trabalho... e as histórias de domingo estampam sorrisos mudos que nos escorrem pelos olhos. E a gente chora sem lágrimas. E se sente meio como numa história de cinema. Francês.

Meu namorado imaginário apóia meus sonhos, mesmo que não concorde com eles. É um homem que admiro muito mais do que consigo expressar com palavras. Tem manias tão irritantes quanto lindas que nos rendem as mais inusitadas histórias. Como ter medo de escuro ou não lavar a camisa em dia de jogo contra o Palmeiras. Ele me ensina a ser uma pessoa melhor. E me entende quando eu não consigo. Porque ninguém consegue às vezes. Nem ele.

Com meu namorado imaginário cada dia é um mergulho. E eu não preciso ter medo, porque nosso desejo é enternecer nosso universo. De um jeito que a gente não entende, mas que vibra e de repente faz tudo parecer que tem sentido. E a gente entende, como naquele texto da Marla, que *encontramos leveza nas emoções que nos transbordaram porque estávamos prontos... e escrevemos um dicionário de palavras distraídas. Adentramos no corpo de um poema recente, ainda disforme e falamos de amor usando a metáfora mais inocente... E então agradecemos profundamente por esta outra pessoa inteira, que jamais será uma metade e que, para a soma, com todas as alternativas que teve, preferiu seguir ... "ti a mim, me a ti, e tanto"...*

Quando? Onde? Quem? Eu não sei. Mas talvez, como numa metáfora de cinema, o mais importante seja mesmo a jornada e não a meta.... Um dia a gente se encontra e ele me reconhece. Tenho fé em Deus.

POSTADO POR ELENITA RODRIGUES ÀS 2:09 AM 

14 COMENTÁRIOS:

AnaCris disse...

Flor!

Eu não tenho um blog, tenho estado preguiçosa para escrever... hehe

Mas, na verdade minhas inspirações são contidas na escrita, elas se desenvolvem melhor com a música e por isso eu canto, toco piano e

danço como quem o faz pela 1º vez. Sim, pela 1º vez e não pela última, pois a 1º tem sabor da descoberta nos olhos de uma criança e não da despedida e nostalgia nos olhos dos que já viveram muito. E é tão bom ser criança...

Mas, eu adoraria receber e-mails ou falar contigo no msn! Amigos são jóias e eu pretendo ser beeeem rica!]

ana_cris16@hotmail.com

Bjus, e SUCESSO!

Ana.

20 AGOSTO, 2007 11:10

Deusilene disse...

Geeeeente

Que legal! xD

Engraçado que eu fui lendo seu post e acabou tão rápido q eu fiquei pensando que tinha comido uns parágrafos hehe.. dorei!

Tenhamos fé =)

20 AGOSTO, 2007 17:02

Poste da Praia de Boa Viagem, Recife disse...

Ih.....

acho q vc está procurando o Homem Ideal...

deixa o HG saber disso!

Ai, ai, ai,

seja como for, torço por vc!

20 AGOSTO, 2007 19:09

Ludmila Barbosa disse...

Ai que lindo!

20 AGOSTO, 2007 19:37

Renata Braga disse...

Desculpe a invasão, mas não posso deixar de comentar:lindo!Deu vontade de continuar lendo...De uma sensibilidade sem tamanho. Paz!

20 AGOSTO, 2007 23:28

Rob's disse...

Adorei a ideia!! Quem sabe eu nao consiga dormir com maior facilidade se imaginar, a cada noite, um namorado imaginario... texto muito bom... ah sim, vc comentou um post meu. De onde conheceu meu blog? Falando nisso, amei seus post recheados de musica... bjinhu

21 AGOSTO, 2007 02:19

AlonEvil disse...

E será que a senhorita reconheceria o tal "Homem Ideal"???

rs

Espero que encontro, tu merece (falar prof. fica meio chato, ñ concorda?)

Bjão

21 AGOSTO, 2007 12:06

gilzim disse...

ADOREI MUITO BOM =]

bjs e tenha uma semana Iluminada

Nhá =***

21 AGOSTO, 2007 12:15

Juliana disse...

Oi Elenita!

Adorei o seu texto! Acho que todos os namorados imaginários têm um pouco do seu... É raro, mas existe gente assim. Existe homem assim.

Que vê as coisas simples e que acha gostoso dividir.

E, menina, você merece um desses.

Obrigada pelas visitas.

Beijos enormes.

22 AGOSTO, 2007 10:28

arteimitavida disse...

Lindo!

Bem,,, vc já decidiu e sabe o que quer, agora é só esperar que ele vem!

bjus

23 AGOSTO, 2007 21:15

Lígia disse...

Nossa... Que texto lindo... Quando eu o li, sabe que senti você descrevendo meu namorado real? rs... O Charles é assim, exatamente assim como você descreveu. Será que sou uma pessoa sortuda? rs...

Seus textos funcionam como um BOM DIA VIDA para mim, me fazem refletir e pensar que a vida vale MUITO a pena, mesmo que às vezes pareça que não...

Um bom final de semana!!!

Um beijo grande,

Saudades,

Lígia

26 AGOSTO, 2007 11:43

Dessa disse...

Haaa, meu namorado imaginario se chama Caiki Ricardo, ele [e um menino que tem 14 anos dois a mais que eu! Ele tambem tem uma outra namorada a sua namorada segunda que e minha melhor amiga imaginaria a Szuelly, ele ta poko enteresado em nos duas, ele e um menino que n se importa fala o que quer e quer tambem mandar em todos... Ele tem olhos azuis, loiro a mesma altura que eu 1.70, super massa ter uma familia imaginaria, eu tenho 17 irmaoes nessa familia, uma mae uma madastra um pai, uma visinha chata, um tio insuportavel, 9 namorados, e super legal, ter um mundo imaginario so pra mim, e claro no meu mundo imaginario tenho 13 anos e sou diferente que sou agora, e e super hiper apaixonante quando principalmenete vc sonha com ele!...

05 DEZEMBRO, 2007 19:30

Anônimo disse...

Eu também tenho um namorado imaginário, tenho uma estória linda que gostaria de publicar um dia quem sabe.

03 JANEIRO, 2008 14:51

Anônimo disse...

O rosto do meu namorado imaginário é o do ator Cole Hauser. como faço para escrever minha imaginação. gostaria que muitos soubessem que imaginar o amor é tão sadio como amor de verdade.

N vida real sou casada e tenho 2 filhos maravilhosos e um marido maravilhoso mas gosto de sonhar as vezes.

03 JANEIRO, 2008 14:56

Postar um comentário

ANEXO III

Entrevista com ELIZABETH HAZIN**orkut - falando de literatura (comunidade virtual)****entrevista de 17 a 24 de março de 2007**

showing **1-10** of **104** first | < previous | [next >](#) | [last](#)

[Luciana](#)

Mar 16

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

Elizabeth Hazin (Recife-PE, 1951). Publicou Poesias (1974), Verso e reverso (1980), Casa de vidro (1982), Arco-íris (1983), Espelho meu (1985), Martu (1987) e o Arqueiro e a lua (1994).

Concluiu o curso de Letras e o mestrado em Teoria Literária na Universidade Federal de Pernambuco e o doutorado na USP, em 1991, com tese sobre Guimarães Rosa. A especialização em Literatura Inglesa foi feita na Universidade de Londres e o pós-doutorado na Universidade de Roma. Hoje é professora de Literatura Brasileira na UNB.

Iniciaremos a tele-entrevista dia 17/03/07 e encerraremos dia 24/03/07.

[Luciana](#)

Mar 16

Instruções para participação:

*Os participantes deverão postar suas perguntas neste mesmo tópico;

*O autor deverá colocar no início da questão o nome ou pseudônimo pelo qual desejaria ser identificado e o nome da cidade onde reside, já que pretendemos publicar esta entrevista em outro meio além do Orkut.

Vamos participar, meus queridos!

[Luciana](#)

Mar 17

Elizabeth, querida, boa tarde! Grata pela oportunidade.

Você poderia falar sobre alguns conceitos que considera importantes para a prática da poesia atualmente?

[Luciana](#)

Mar 17

Recebi seus livros e adorei. Grata.

Martu, especialmente, é um livro encantador. pode falar um pouco sobre ele?

[Camélia](#)

Mar 17

Camélia La Branca=Belo horizonte.

Obrigada Luciana, por nos dar a oportunidade de conhecer mais uma escritora e autora de poesias, tão lindas.

Muito prazer Elizabeth, ainda não li Martu, mas fiquei curiosa em saber: você passou algum tempo na Palestina quando o escreveu?

Suas poesias são realmente lindas. Você acha que letras de música podem ser boas poesias?

[Camila](#)

Mar 17

Camila Micheletti - São Paulo/ SP

Olá Elizabeth, é uma alegria imensa falar com você e conhecer sua obra.

Um escritor francês disse certa vez que o bom escritor é aquele que "enterra uma palavra por dia".

Você concorda com a afirmação? Para você, o que faz de um escritor um BOM escritor?

Obrigada e um abraço!

[Camila](#)

Mar 17

Camila Micheletti - São Paulo/ SP

Elizabeth, podes citar um poema preferido na sua obra? E existe aquele que você prefere esquecer, que preferia não ter feito?

Obrigada mais uma vez, abraço!

[Elizabeth](#)

Mar 17

bem, começo no final desta tarde de sábado a responder às perguntas que me estão sendo feitas. antes, porém, queria falar um pouco dessa modalidade de entrevista, para mim inteiramente nova. adoro todas essas possibilidades, nunca antes sonhadas, que a tecnologia nos propicia. é tudo delicioso. achei o máximo entrar agora e me deparar com as perguntas de pessoas de quem nunca ouvi falar até então, mas que a partir de agora, como por um milagre, poderão ficar tão próximas como se tivéssemos sido apresentadas há anos... luciana, por exemplo, nunca nos encontramos, mas nos entendemos com as palavras, com a poesia. é belo estar aqui neste momento, tendo a chance de encontrar pessoas e de poder conversar com elas. vou fazer o máximo para que tudo renda muito, muito mesmo. obrigada, lu, pelo convite, por esta semana.

[Elizabeth](#)

Mar 17

CAMILA E CAMÉLIA

olha os nomes das duas primeiras, além do de luciana. pura poesia: camila e camélia, camélia e camila... dá vontade de seguir juntando palavras, assim. bem, vcs perguntam - através de palavras diferentes - o que faz de alguém um escritor. de saída, eu diria que o jeito de olhar o mundo. há pouco tempo estive no rio de janeiro e terminei subindo mais uma vez o corcovado. ao debruçar-me na amurada e olhar o panorama, algo novo (para mim) na paisagem me chamou a atenção: de um lado, o cemitério joão batista; do outro, o jockey. no centro, a lagoa. tal constatação se transformou imediatamente em uma fórmula: os mortos de um lado, os cavalos do outro. isso me encantou e comecei a escrever palavras sobre o tema. não as coloco aqui pra vcs, porque até agora não cheguei onde queria. o escritor procura colocar em palavras algo que ele pressente, por exemplo, a partir desse "olhar sobre o mundo". e aí, a escrita materializa esse pressentimento, substitui a idéia pelo tecido linguístico, o desejo pelo significante. mas tal materialização é tb a de uma falta que jamais se preenche e o texto representa uma impossibilidade que precede toda letra. é essa incompletude que vai empurrar o escritor, levando-o muitas vezes a modificar seu texto, a perseguir uma espécie de versão ideal, e que de certo modo nunca se concretiza, pois já nasce sob o signo da perda, condição humana sua. pois é, estou em meio do caminho, ainda não acho que cheguei ao ponto da revelação que tive naquela manhã. as palavras no meu papel ainda não dizem aquilo. e essa é outra coisa importante a definir um escritor: o modo de arranjar as palavras no papel, a fim de que digam sobre o seu "olhar sobre as coisas".

[Elizabeth](#)

Mar 17

poema preferido

pode ter coisa mais difícil de responder? é difícil porque o melhor poema é sempre aquele que a gente termina, se levamos em consideração as palavras de minha fala anterior. é uma delícia qdo a gente consegue, enfim, aprisionar no papel o sentido desejado. há um poema meu, em martu, que discorre sobre essa dificuldade de que eu falava, e talvez por isso mesmo goste eu tanto dele:

texto o texto

tecido frio a frio

e sei que cedo

apenas um milímetro do sonho.

por medo?

nunca por medo.

por não saber dizer?

nunca por não saber dizer.

por ser o sonho indizível?

nunca por isso.

o sonho inteiro seria o sonho.

texto é fenda

por onde vaza a cor mínima:

imensa gota brilhante
na ponta da língua.

esses versos dão bem a dimensão do que eu falava. essa cor mínima a que me refiro, acho que lembra o "pas la couleur, rien que la nuance", de verlaine, em arte poética...

mas senti imensa alegria, lembro bem do momento, ao concluir o poema que fiz em homenagem aos que esperavam - em kursk - os marinheiros daquele submarino, aquele russo, há alguns anos atrás. aquele caso me impressionou de uma forma, nem sei por que. e quis escrever algo para enviar aos que ficavam, aos que sofriam a morte dos que se foram. escrevi uma espécie de fala, de discurso dos mortos, um consolo, uma explicação para os vivos. talvez seja esse um dos poemas de que mais gosto. e o que não gosto? um de que eu me arrependa? vou pensar...não lembro assim, de imediato. é muito forte, isso de não gostar, de se arrepender. tem muitos poemas que não considero tanto, sem muito significado pra mim, mas daí a ter arrependimento por ter escrito, já é diferente.

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **11-20** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Elizabeth](#)

Mar 17

palestina

não, camélia, nunca estive "de verdade", na terra de meus avós, a terra que tb é minha. mas há modos e modos de "estar". escrever é um deles. todavia, o desejo de fazê-lo (ir de verdade) é imenso. eu o farei um dia.

[Elizabeth](#)

Mar 17

letras de música

há dois tipos: aquelas feitas a partir de poemas mesmo (e aí, é boa poesia) e as feitas intencionalmente para música. essas, a meu ver, são de outra natureza, mas há uma infinidade delas que considero poéticas, pois nelas são utilizados muitos recursos semelhantes aos usados em poesia. caetano e chico, por exemplo, são mestres nessa arte.

[Elizabeth](#)

Mar 17

martu

martu foi um livro que preencheu meu tempo e meu desejo. poucos livros me tomaram daquele jeito. passei muito tempo me preparando pra ele, seguindo um antigo projeto. certa vez um crítico, conversando comigo, disse-me que ele era inferior a outros livros meus, por ser prosaico. parecia mais ficção que poesia. às vezes concordo com ele. há no livro um narrador, personagens, quase um enredo. dele pode ser dito, ainda, que fala do próprio fazer poético, seu discurso é metalinguístico.

[Lucia Fatima](#)

Mar 17

Lúcia de Fátima-Caicó,RN

Quando você se descobriu poeta?E como se deu esse processo?

[Lucia Fatima](#)

Mar 17

Por que tão poucas mulheres de destaque na literatura?

[Elizabeth](#)

Mar 17

descoberta da poesia

cara lúcia de fátima, quando tomei consciência de mim, na vida, por volta dos 3 ou 4 anos, a poesia já estava ao lado: minha avó, com quem vivi uma parte da infância, costumava declamar pra mim enquanto eu comia, ao seu lado. aquele ritmo passou cedo cedo a fazer parte de tudo o que me fazia bem. tb comecei a escrever versos, mas assim, por fazer. acho que a compreensão das coisas mesmo veio qdo eu tinha 9 anos. por essa época, um poeta do recife, carlos pena filho, sofreu um acidente de

carro, vindo a falecer alguns dias depois. meu pai foi o médico que tentou salvá-lo. chegou em casa um dia chorando, contando a minha mãe a morte do rapaz. trazia um livro dele na mão, presente dos familiares. após o almoço, passei a mão no livro e o carreguei para um esconderijo meu, no quintal de casa. ao ler o livro, acho que me ocorreu que poetas eram pessoas comuns, que viviam e sofriam e se alegravam e morriam em acidentes. comecei a escrever, mas agora sabendo o que estava fazendo e o que eu queria. mas eram poemas de criança. eles foram crescendo comigo. à medida que eu amadurecia, eles adquiriam mais densidade.

[Elizabeth](#)

Mar 17

mulheres

será que há tão poucas assim? talvez possa ser dito que as mulheres se deixam envolver mais facilmente por outras tramas: afeto, família, paixões. a mulher se divide mais, se dá mais, é mais solidária. mas será isso uma explicação? lembro de virgínia woolf, que dizia que a mulher precisava de solidão, de um teto todo seu.

[Camélia](#)

Mar 17

Obrigada Elizabeth, gostei muito do que você disse sobre escrever a partir de uma observação. É incrível como uma imagem pode dar tantos rumos diferentes a uma poesia ou um texto.

[José Carlos](#)

Mar 18

Zé Carlos - Avaré

Professora, busquei-a na rede. Ao sabê-la de Recife (alguma coisa me diz que Recife é a segunda cidade de todos nós. Amamos o nosso Tejo, mas também gostamos do Capibaribe) pensei numa poeta dos canavias, dos imigrantes, do sol... Não encontrei traços de Cabral. Mas uma dicção contemporânea e, com certeza, eterna. Adorei o pouco de Elizabeth que me chegou. A musicalidade, as imagens, a batida de uma poesia que vai se desfazendo como um novelo, como um rio...

Diga-me: somos influenciados, até inconscientemente... Quais poetas induziram-na? E Cabral? Ele lhe deu norte?

grande abraço

[carlos](#)

Mar 18

No episódio do Carlos Pena Filho - curiosa a história -, você diz ter caído na real a respeito do poeta carne-e-osso. Minha pergunta, que é muitas numa só: o que, no seu olhar, leva-a ao fazer poético?

Um grande abraço.

PS: no poema que abre sua página do orkut, ouço ressonâncias de Camões e Cecília Meireles. O fazer poético me assombra!

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **21-30** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[PedroLyra](#)

Mar 18(7 days ago)

XXXXX

Olá, Beth

Prazer te reencontrar, tanto tempo depois.

Relembro com alegria os diálogos na época da antologia da nossa geração, você toda contente ao ser convidada por alguém que só te conhecia de alguns poemas.

É sobre isso que quero te interrogar:

1) Como você vê a receptividade jornalística e crítica da poesia hoje, claro que particularmente da sua? Pergunto porque você - com uma obra, para mim, bem superior à de muitos nomes com presença maior na mídia e no registro histórico - não tem uma presença equivalente.

2) Sendo autora de um épico (Martu) que eu disse ser obra que podia ser reivindicada por duas literaturas (a brasileira e a palestina), como encara a predominância do minimalismo na poesia atual? Aqui mesmo nesta comunidade, sugeri que era uma inaceitável curvação do poeta ao hedonismo e à ligeireza dos tempos pós-modernos.

3) E a Internet? Acredita que ela possa abrir ao poeta o espaço de divulgação vedado pela mídia impressa e televisiva? Também sugeri que os sites, com os seus limitadores retângulas para as postagens, como que obrigam certos poetas a escrever textos breves, para não ter que dividi-los em dois ou mais blocos. E os leitores, viciados, já parecem não ter disposição para ler um poema que ultrapasse a página. Certos críticos e professores também!

Quando o Marcus Accioly estava publicando "Latinomérica", eu disse que o livro não teria nenhum leitor, porque os dois únicos que de fato o iriam ler já o tinham lido no original - eu e a Sílvia. Não sei nem se o Ildásio leu na íntegra. Parece que estava certo: tudo que saiu na mídia foi uma resenha no "Jornal do Brasil", escrita com uma certa má vontade, e por um amigo muito competente. Um poema não de 5 linhas, mas de 500 páginas!

Divirta-se e até o próximo chope.

[?Mônica?](#) Mar 18(7 days ago)

Olá Elizabeth

Meu nome é Mônica, de fato não conhecia sua literatura, mas sei que as pessoas trazidas pela Luciana, são especiais como ela! Seja bem vinda.

Li as poesias do seu site, e notei o elemento natureza bem presente. Minhas perguntas

1) Como você vê o papel da poesia em relação à natureza, considerando temas urgentes da atualidade, como o aquecimento global? A poesia também pode ser uma forma de conscientização, em busca de menos degradação?

2) Você acredita que a destruição lenta da natureza vai empobrecer de alguma maneira os poetas das futuras gerações?

Obrigada

Abraços

[Ricardo](#) Mar 18(7 days ago)

Políticas culturais

Boa tarde, Elisabeth :

Sou poeta, aqui em Porto Alegre. Adepto do minimalismo, procuro a síntese como um fim.

Minha pergunta diz respeito ao que é feito de política cultural na área de Literatura. De que modo podemos fazer os grandes escritores e os mais novos chegarem a um público maior?

Grande abraço.

Ricardo Mainieri

<http://www.mainieri.blogspot.com>

[Tekka](#) Mar 18(7 days ago)

Elizabeth

>

passei para cumprimentar vc, conheci vc na FEIRA de Brasília e no CORREIO BRAZILIENSE

por medo?

nunca por medo.

por não saber dizer?

nunca por não saber dizer.

por ser o sonho indizível?

nunca por isso.

—

obrigada pela beleza!

[Elizabeth](#) Mar 18(7 days ago)

recife . capibaribe. influências

caro zé carlos, suas palavras me fizeram lembrar de um poema do último livro que publiquei,

sobre a infância no Recife. são memórias da cidade e minhas pessoais, apresentadas em um diálogo com outro poeta, tb do Recife. nele, esse poema, em que tejo e capibaribe de certo modo se confundem:

dá-me mais vinho que a vida é nada
 terá dito o poeta na calçada
 olhando o Tejo
 esse tédio diluído
 em quantas taças
 a vida é sempre à margem
 enquanto o rio corre.
 voava o boi
 sobre a cidade
 - o que o povo sentia? -
 boi de palha
 preso por fios
 que a noite escondia
 - ó tinto Capibaribe -
 a vida é farsa
 e se repete
 a cada enxurrada.

vc me pergunta algo que não sei responder, sinceramente. essa questão de influências, não sei mesmo. li muitos poetas, mas não os vejo em minha poesia. mas há quem aponte, por exemplo, cecília meireles, aqui e ali. e nem a li tanto assim. percebe? como entender - para mim é um mistério - que tom se esconde em nossa letra, que tipo de verso visto ou ouvido termina por se deitar em nosso papel? às vezes nem são do poeta predileto. amo bandeira e cabral. não estão em minha poesia. apenas uma vez, em martu, julguei ter flagrado uma semelhança com cabral. mas posso dizer que ele me influenciou? não posso. todavia gosto de citar meus poetas todos. meus poemas se tecem de minhas leituras, são fios preciosos

[Elizabeth](#) Mar 18(7 days ago)

novamente o olhar

olha carlos, a poesia a meu ver está muito ligada a uma maneira de ser no mundo. há um ingrediente mais facilmente detectável: a consciência das coisas. é justo essa consciência que nos leva a perceber, com força, o que nos rodeia. é essa consciência que nos dá a medida do mundo e nos leva a ver - em profundidade - o que pode passar despercebido a outros. é uma palavra que ouvimos (que ganha outras conotações e brilho); é uma imagem apreendida (que adquire vida e dança); é uma idéia que se fixa (e se transforma, no papel). lembro que em pequena eu lia muito. mas muito mesmo, a ponto de incomodar, às vezes, a minha mãe, que achava que eu devia fazer outras coisas na vida. certa vez, na praia (devia ter por volta de 6 anos), ela me fez abandonar um livro na areia, para entrar no mar com ela. fui em seu colo, até ultrapassarmos, juntas, a linha das ondas. e aí, olhando em torno, percebi o reflexo do sol na água e disse pra ela: "mãe, chinês deve ser tão feliz, porque pode ler na água"! achei que o reflexo se parecia com letras chinesas...é uma espécie de olhar quase mágico, não? há pouco tempo, recordando esse episódio, fiz um poeminha, que mando pra vc, aqui:

por sobre as ondas da china
 onde se inscrevem palavras
 todo o alfabeto navega
 só pra você e pra mim
 no oceano amarelo
 - puro caminho de água -
 tudo é papel e nanquim.
 da china toda a beleza
 (não fosse o mar, que seria?)
 passa ao japão das cerejas:
 a porcelana e a seda
 as invenções e a arte
 (que norte enfim haveria

[Elizabeth](#) Mar 18(7 days ago)

presença na mídia e registro histórico

pedro, meu caro, de fato sou uma desconhecida. acho que devo isso ao fato de não me preocupar com uma vida literária. encanta-me, por exemplo, um convite como esse de luciana, que me põe em contato com pessoas que nem conheço (em sua maioria), e que me lêem, assim, intervalada, alguns poemas. suas palavras são importantes pra mim. em todo esse tempo que escrevo, sempre achei que o melhor de tudo era escrever. publicar, ser conhecida, reconhecida, seria uma consequência. não que eu não goste disso: gosto. não que não saiba de meu valor: tenho perfeita consciência dele, embora não veja nisso nada de tão extraordinário. escrevo um poema, como outro opera um tumor cerebral, como outro ergue uma parede de tijolos. ora, o fato de não procurar desesperadamente que escrevam uma resenha sobre um livro meu, ou esperar isso ou aquilo dos críticos, me dá liberdade, uma liberdade da qual não abro mão. e é claro que interfere profundamente na receptividade de minha obra. é, portanto, culpa minha mesmo. ainda mais, em se tratando desse momento atual, em que há uma quantidade imensa de escritores, de poetas. é preciso um certo esforço, um certo empenho. não tenho, não faço essa parte. não envio, por exemplo, meus livros para os críticos. outro dia, aqui na unb, ouvi um famoso escritor contemporâneo numa palestra dizer que sua primeira edição ele tinha enviado - de seu bolso - para 500 críticos, jornalistas, professores, etc. é um esforço que deve compensar, nesse sentido. vc fala ainda sobre a questão do minimalismo atual. e te respondo dizendo que é uma modalidade atual mesmo. reflexo de coisas que só compreenderemos um pouco mais adiante. eu sou antiga, não sei escrever assim. adoro os livros longos, os poemas que necessitam de leituras, de listas, de palavras de um mesmo campo semântico reunidas. não sei escrever ligeiro...gosto de namorar as palavras, os versos. ponho-os para dormir e os releio cuidadosamente no dia seguinte. às vezes sonho com eles.

[Elizabeth](#) Mar 18(7 days ago)
internet

se abre espaços? claro! olha essa clareira aqui, aberta por luciana. um dia desses um homem se levantou de sua cadeira de trabalho, para tomar um café. atravessou a sala e passou diante do monitor de uma colega. ela estava com sua página de orkut aberta. numa daquelas fotinhos eu aparecia. ele cismou comigo, perguntou quem eu era. a menina disse. ele me escreveu. estamos juntos há 10 meses.

[Elizabeth](#) Mar 18(7 days ago)
poesia e natureza

mônica, quanto ao que vc me pergunta, não consigo escrever um poema com o intuito de conscientizar o leitor nesse sentido. posso me sentir movida por um aspecto determinado, que tenha a ver com esse tema, mas o poema resultará sempre da minha visão (é isso que darei ao leitor), não do desejo de mudar o comportamento dele.

[Elizabeth](#) Mar 18(7 days ago)
escritores novos e público

ricardo, não sei a fórmula para isso. aliás, nunca me perturbou essa coisa, veja a resposta que dei ao pedro, acho que vc me entenderá a partir dela.

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **31-40** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Elizabeth](#)
Mar 18(7 days ago)
tekka

oi moça! e vc é de Brasília? se for, aproxime-se. obrigada por suas palavras.

[Luciana](#)
Mar 19(6 days ago)
Boa tarde, meus queridos!

Grata a todos pela participação no fórum.

...

Elizabeth, querida, grata pelo carinho. Estou adorando sua entrevista.

Algumas perguntas:

"Eu escrevo com o corpo." Assim diz João Gilberto Noll sobre a própria escrita.

a) Como se dá o processo de criação do seu texto literário?

b) Queria que você falasse um pouco da sua relação com a universidade.

c) No âmbito da Literatura, que campos tem privilegiado em suas pesquisas? Que temas a ocupam atualmente?

d) Como vê a literatura árabe clássica em relação à literatura árabe, ou às literaturas árabes contemporâneas?

e) Mário e Bandeira puderam estabelecer o diálogo franco da crítica, capaz de interferir na produção de ambos. "Aqui vão de volta os teus poemas", escreve Bandeira em outubro de 1924. "Li-os, reli-os e, como fiz de outras vezes cortei, emendei, ajuntei, pinteí o sete! Tudo, porém, a lápis e levíssimo, de sorte que facilmente se apagam! Fiz como se os versos fossem feitos só para mim e muitas vezes mesmo por mim. Sou o teu maior admirador, mas a minha admiração é rabugenta e resmungona."

Você submete seu texto à apreciação de alguém antes de publicar? Aceita intervenções?

Abraço

[carlos](#)

Mar 19(6 days ago)

Obrigadíssimo pelo lindo poema!

Muito mesmo.

Um beijo.

[Lucia Fatima](#)

Mar 19(6 days ago)

Beth, a entrevista está muito envolvente! de tanto citarem martu, tô louca pra ler.

Você é de um estado onde a cultura popular surge e ressurge com muita força. O cordel, por exemplo, floresce muito bem na sua terra. Você gosta dessa literatura?

[Elizabeth](#)

Mar 19(6 days ago)

Que bom!

que bom, carlos, que vc gostou. espero que tb tenha se sentido "respondido", através das minhas palavras. e sabe? vou te adicionar, visse?

[Elizabeth](#)

Mar 19(6 days ago)

cordel

lucia, nada nesse mundo é unilateral. se vc está achando a entrevista envolvente, digo-lhe que vcs todos têm a ver com o fato, afinal respostas dependem de perguntas. sempre achei perguntar muito mais difícil e é essa a parte de vcs. quanto à sua nova pergunta, posso lhe dizer que deve ser difícil nascer em pernambuco e não absorver coisa alguma daquela cultura forte, que nos soa tão verdadeira. adoro o cordel, o sertão, a xilogravura, o povo nordestino. já publiquei dois poemas de cordel. aliás, nem posso dizer, em realidade, "publiquei". pois o que fiz foi imprimir em uma gráfica os tais poemas, em número reduzidíssimo e distribuir entre familiares e amigos. todavia, vez por outra, surpreendo na minha poesia um ritmo, um tom, uma palavra, que aludem a essa modalidade de literatura. e martu? ah, só lendo mesmo, né? mas te mando um poema:

SOU NETO DAS TEMPESTADES
QUE SOPRAM PELOS DESERTOS
UM DESTINO DE SAUDADES.
COM SEUS NÓS QUASE DESFEITOS

EU TRAGO A GARGANTA ABERTA
 ESCANCARADA VAZANDO
 UMA VOZ SUJA DE TERRA
 QUE FILTRA OS DIAS E AS NOITES.
 NA PONTA DE MINHA LÍNGUA
 O TEMPO ACABA OU COMEÇA?
 BROTA EM MIM O SOM DA FLAUTA
 BROTA MAIS – A FLOR DO SANGUE –
 AO SOL QUE QUEIMA SEM PENA
 NESSE DESERTO TÃO GRANDE.
 abraço.

[Elizabeth](#)

Mar 19(6 days ago)

processo de criação - temas de estudo

dois grandes temas me fascinam, lu: a leitura e a escrita. acho que tudo o que pesquisei na vida até hoje gira em torno disso. meu mestrado se fez em cima do discurso da literatura infantil e da leitura; o doutorado, sobre a gênese (processo de criação) do grande sertão: veredas, livro que mexe comigo até hoje. no momento, oriento pesquisa de iniciação científica sobre personagens leitores e escritores, não consigo deixar de pensar nisso, vê? por isso adoro osman lins, guimarães rosa, clarice, borges, enfim, autores que tb refletem, em seu próprio texto, sobre o que fazem. gosto imensamente de ensinar, mas não amo a academia. isso pode ser complicado: às vezes é muito. mas sei tirar de letra...(trocadilho à parte). a relação com os alunos me encanta, e acho que a universidade propicia um espaço perfeito para o desenvolvimento dessa relação. e privilegio nas minhas aulas a possibilidade de criar, sempre: imaginar o modo como darei certo assunto é pura criação. às vezes penso que deveria ser caixa de banco, ter horários fixos para o trabalho e dedicar o resto - de modo livre - à literatura. mas não sei...me realizo muito no ensino, acho que porque gosto muito de gente, deve ser isso. conversar, dividir o que vejo e sinto, é um modo de reter a beleza do mundo, de perceber melhor as coisas.

meu processo de criação? nossa, falaria horas disso aí. sempre imaginei um interlocutor para isso, que me ajudasse - de repente - a ver coisas sobre mim mesma, de que eu nem desconfio. assim como acontece com o riobaldo, sabe? que termina vendo a vida dele diante dos olhos, à medida mesmo em que a vai narrando. qualquer modo, posso te dizer uma coisa: adoro escrever longos poemas sobre um determinado tema, deixando que ele me tome por inteiro. a grande maioria de meus livros é assim, e não de poemas soltos, sobre vários temas. eles se amarram num livro e falam de uma mesma coisa. martu (sobre a palestina e o fazer literário, o próprio processo de criação aí); espelho meu (um longo diálogo entre alguém e seu espelho); casa de vid

[Elizabeth](#)

Mar 19(6 days ago)

continuação da resposta a luciana

olha só, lu, o espaço ficou pequeno para tanta coisa. o "papel" não aceitava mais palavras...fiquei em casa de vidro, alegoria sobre a força da palavra; lego & davinovich, diálogo sobre a infância e o recife; o arqueiro e a lua, dois amantes que conversam. e por aí vai. um tema assim chama os poemas, percebe? parece que o mundo inteiro se acumplicia para me dar matéria para os versos: notícias, filmes, sonhos, fragmentos de conversas, tudo vai virando poesia. mas tb faço, naturalmente, poemas soltos, vez por outra. o que acontece é que muitas vezes guardo esses soltos para encaixá-los em livros temáticos. adoro descobrir o lugar deles, e perceber que os escrevi por antecedência, muito antes de ter o motivo consciente. não, nunca tive alguém com que trocasse confidências acerca de livros. às vezes acontece de mostrar um poema a alguém, mas nunca um livro inteiro, ter uma revisão quase, um aconselhamento. deve ser interessante. para mim, escrever é ato muito solitário. publicar, tb. e publico pouco, muito pouco. a partir de mim mesma, de meu desejo, pouquíssimo. tenho muita coisa inédita, aguardando vez de ser.

[Elizabeth](#)

Mar 19(6 days ago)

literatura árabe

acho que não entendi bem a tua pergunta. tem a ver com a diferença entre elas, ou com a semelhança (melhor, a incorporação de uma na outra)? veja por exemplo, o egípcio mafouz: belo, o aproveitamento que faz das mil e uma noites, livro eterno, deslumbrante.

[Val](#)

Mar 20(5 days ago)

Val Rocha - Sorocaba-SP

O Brasil é um celeiro de artistas e a internet começa a mostrar uma pequena parte disso. Na área da literatura, esse quadro fica ainda mais evidente pelos trabalhos bons que aparecem nas comunidades do orkut. O que você pensa da poesia, hoje? Há muitos poetas ou fazedores de poemas?

Um abraço

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **41-50** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Luciana](#)

Mar 20(5 days ago)

Boa tarde, meus queridos!

Grata pela resposta, Elizabeth!

Esclarecendo...

Como vê a literatura árabe clássica em relação à literatura árabe, ou às literaturas árabes contemporâneas?

Pode ser sobre a incorporação de uma na outra.

Abraço

[Kalie](#)

Mar 20(5 days ago)

espaço..sonoridade

Oi, Elizabeth! Aqui é Ro palissari, um prazer "falar" com vc! Bom, li Martu em minha férias de janeiro...que delícia!

Eu não sei se fui levada a ler Martu sob o olhar de uma amiga que me presenteou, mas me remeteu a espaços, sonoridade do vento...Como arquiteta, meu olhar paira muito em espaços...Mas como artista plástica,este olhar vai mais longe...nas cores...e tudo o mais que aí advém...Algo que me intriga no fazer poético, é a questão da palavra pela palavra...a conexão com a sonoridade, sem , aparentemente, a sonoridade 'aparecer'. Como vc faz isso? Há sempre o pensar na sonoridade, no espaço...quero dizer, no espaço pragmático do encaixe das palavras? Sei que criar requer um pensar sempre na primeira possibilidade que vem a mente, sem esquecer a técnica... E, mais uma pergunta, como vc associa técnica e sentimento?

[Clara](#)

Mar 20(5 days ago)

Lendo a atualidade

Querida Beth,

Estou acompanhando atenta algumas questões. Adoro a idéia de colaboração e compartilhamento que está enraizada a este tipo de ferramenta na Internet. Estamos tendo o prazer de compartilhar leituras e aprender com você coisas tão belas que envolvem o mundo da criação artística. Essa possibilidade vem como uma esperança, uma "luz" no fim do túnel.Fico pensando: será que a revolução tecnológica mudou tanto as maneiras de sentir e pensar humanas? O que estamos fazendo aqui é trocando leituras que continuamos fazendo como a dezenas, centenas de anos atrás. Aquele espaço íntimo primorosamente reservado ao leitor estaria ameaçado pelas mídias de massa como a Internet??? Parece-me que não, o q vc acha?

[Elizabeth](#)

Mar 20(5 days ago)

poesia hoje

val, naturalmente tudo muda com o passar do tempo. posso perceber essa mudança se olho um poema escrito há 50 anos e um outro atual. todavia permanece algo fixo nessa mudança, algo que define o poema e o poeta: a capacidade de dizer, através da palavra. se leio hoje e o que leio me fala, então estou diante de um poema e de um poeta, ainda que a forma seja diversa de ontem. e naturalmente, ainda, em um mundo tão repleto de formas e de poetas,

muita coisa me fala e muitas não. ousou dizer que a poesia me parece hoje uma prenda rara, é assim. mas ainda toca as pessoas, veja quantas estão aqui participando, perguntando, lendo. esse exercício de ser continuará, val, faz parte do humano, por mais que novos valores se imponham. a beleza tem uma força impressionante; eu confio nela.

[Elizabeth](#) Mar 20(5 days ago)

espaço e som

ro, passei um tempo grande olhando tua pergunta: mil coisas me ocorrem, vai ser difícil colocar o que penso sobre o tema nesse espaço limitado. belo teu olhar sobre martu como espaço. e é mesmo: o espaço geográfico, o espaço político, e até o espaço do poema (o que implica o espaço do poeta). a areia do deserto, o quarto vazio, o país que não está nos mapas, o labirinto, até mesmo o tempo pode ser lido como espaço ("quero partir desse passado/ grito no cais e nem respondem/ ninguém com esse tempo se aventura/ inútil tentar sozinho essa loucura/ o mar com suas ondas me devolve"). e aí entra o som...como faço para haver som sem que ele apareça? mas ele aparece, trabalho para que ele apareça. penso no som das palavras desde sempre. inventei umas palavras, antes dos 2 anos, que deixou a família encucada. até hoje penso no que eu queria dizer com "Lakita Kadaki", que repetia pela casa. acho que o som me agradava, a aliteração é algo incrível. lembra de caetano: acho que a chuva ajuda a gente a se ver? mais que o sentido, salta daí o som, vc não acha? o que me prende aí é essa repetição que de quebra ainda é um elemneto de significação: pode ser ela mesma o som da chuva aí representado. agora, como se dá o encaixe da técnica com o sentimento, não sei explicar. e se soubesse, sabe de quê mais? nem dizia...hahahahaha. brincadeira, ro, as palavras se encadeiam num espaço outro, no próprio inconsciente muitas vezes. já acordei dizendo palavras, sem nem saber de onde vinham. mesmo acordada, às vezes repito coisas de que não conheço a origem. há uma organização interior, percebe? lembro que certa vez ariano suassuna me contou que ele e outro poeta do recife foram instados, em um almoço, a participarem de um desafio, daqueles dos cantadores do nordeste. eles protestaram, alegando desconhecer a técnica. mas terminaram cedendo...e ele me contou que no final da tarde, tudo o que ele dizia era em decassílabos. parece que gera um padrão, algo assim. isso aconteceu comigo, os versos vêm prontos, é inacreditável. será que respondi?

[Elizabeth](#) Mar 20(5 days ago)

e a atualidade?

sem dúvida, clarinha, essas novas possibilidades são alucinantes. qdo poderia eu supor que em uma semana encontraria tanta gente, de lugares diversos, aqui interagindo? estou adorando tudo isso. adoro esse tempo em que vivo. ainda bem que nasci agora, sabe? e sempre tenho a sensação de que não quero sair desse mundo agora, no melhor da festa...bem, que a tecnologia mudou nosso modo de sentir e pensar nós duas sabemos que sim. a história da humanidade poderia até ser contada através dos diversos modos de sentir e de pensar, não é mesmo? mas como vc mesma diz, cá estamos nós e continuamos a fazer as mesmas coisas: ler, trocar leituras, nos aproximarmos uns dos outros. só que estamos fazendo isso com as ferramentas de que dispomos hoje, que de certo modo nos permitem coisas nunca dantes permitidas. há uma quebra na intimidade, sim, afinal, qualquer pessoa pode ler tudo isso sem que nem saibamos, sem que nem saibamos o que ela pensou de tudo, mas veja que um dia eu li a correspondência completa de dois escritores italianos, do século XIX, lá na biblioteca de florença. quando poderiam eles supor que 100 anos depois uma mulher de outro continente saberia todas as suas palavras? talvez tenha havido um deslocamento de sentido naquilo a que chamamos privacidade. certamente houve. mas isso não afeta, por exemplo, a nossa consciência de estar no mundo e de perceber as coisas ao nosso redor. acho que o mundo em suas diversas fases sempre foi belo e ao mesmo tempo sempre foi terrível, se vc entende o que quero significar com isso. aproveito pra te enviar um poeminha que fiz para um amigo, sobre a net:

como é infinita

e renasce com o sol

a inquietude:

esse desejo de te ler

líquido signo sobre a tela acesa

casa de cristal

Pasárgada é uma rede

- eletrônica ou nordestina -
 mas é uma rede
 (de labirinto, a varanda)
 e conectar-se
 o mais doce comando
 que me comanda.
 vê, moça? muda o suporte da escrita, muda o mundo, a técnica, tudo, mas a emoção
 prossegue, a leitura se faz...

[Edna](#) Mar 20(5 days ago)

Elizabeth e seu livro MARTU

Elizabeth e seu livro MARTU

Quem assiste a uma aula dela, sai encantado. Sim, sua aula é um encantamento. No ato da leitura, o autor encanta seu leitor. Na aula da Elizabeth, ela encanta seus alunos. Não tem como sair imune de sua aula.

Um pouco do livro MARTU da Elizabeth Hazin:

...

"Há muita força nas palavras
 Ninguém escreve impunemente
 Sem desatar nós..."
 "PRECISO escrever

...

Não por vaidade
 Mas para aplacar em mim esse desejo
 - nunca satisfeito -
 de dizer. "

...

"JÁ fui pássaro de fogo
 e hoje renasço de cinzas
 - as cinzas do meu tempo -
 de qualquer modo
 pássaro de novo
 e afeito ao vento."

[Daniel](#) Mar 20(5 days ago)

Em casa...

Meu nome é Daniel HAZIN PIRES. Como o nome da moderadora da comunidade é Luciana PIRES e o da entrevistada é Elizabeth HAZIN, posso dizer que me sinto em casa! Primeiramente, gostaria de dar os parabéns à idéia de usar uma ferramenta como a internet para divulgar cultura, mais especificamente na literatura e fechando mais ainda o funil, a poesia. É neste campo que brotará minha pergunta. Mãe (que responsabilidade a minha), muitas pessoas têm o hábito de escreverem poesias e guardar como se fossem tesouros, muitas vezes por se tratar dos próprios sentimentos. Todo poema tem sentimento, mas de duas formas, declaradamente ou nas entrelinhas, ou ainda totalmente escondido de modo que só o próprio saiba de fato do que se trata, mas deixe transparecer uma outra face. Minha pergunta deita-se nesta seara, Você já fez poesia experimental, totalmente desligada da sua personalidade?

Um grande Beijo e parabéns a todos os participantes que tornaram viável este modo tão gostoso de discutir Literatura

[Elizabeth](#) Mar 20(5 days ago)

edna,

querida, é uma alegria encontrá-la neste espaço, viu? tb me encantam os meus alunos, sempre. vai um abraço carinhoso pra vc.

[Elizabeth](#) Mar 20(5 days ago)

para casa

dan, confesso ter tentado fazer experiências, escrevendo algo em tudo diverso de mim. mas das duas uma: ou não dava certo, ou terminava enveredando por algo que resultava familiar e próximo do que eu fazia. porém, isso de ter duas faces um poema, trazendo escondido um segredo, do qual ninguém desconfia, minha poesia (e a de qualquer escritor) está cheia. quer

ver? te mando um de presente, com meu beijo mais carinhoso. é de martu, e foi escrito qdo cheguei em nossa casa, no recife, em 1982, após ter assistido à partida final da copa do mundo, em que o brasil perdeu ...pra quem? argentina? itália? isso vc saberá. parei em um cruzamento e vi um mendigo, um homem bem velho, sentado sozinho no meio fio a chorar. senti vontade de descer do carro e abraçá-lo. continuei, e ao chegar em casa escrevi o poema:

TODOS OS SONHOS SONHADOS REVIVEM
 NADA SE PERDE NESSA NATUREZA
 QUE FLUTUA NO ÉTER E SE TRANSPORTA
 À BARCA DE CARONTE SOBRE O ESTÍGIO.
 MORREM OS SONHOS? NÃO - VIVEM NO ÉREBO
 LÁ PARA ONDE OS RIOS TODOS CORREM
 QUE SONHO É MAIS QUE SONO E MAIS QUE MORTE:
 É VIDA É LUZ É CICATRIZ NO CÉREBRO
 DA NOITE. QUEM SE BATE ANTE O REAL
 - ESSE SONHO QUE IMPEDE O NOSSO SONO -
 E ASSIM REVOLVE O PÓ DESSE AREAL?
 QUEM SAI DESSE LETARGO E CISMA O AVESSO?
 UM SONHO NUNCA É VÃO POIS QUE PERSISTE
 AH, DORME E SONHA A NOITE EM SEU COMEÇO.

quem, me diga vc, pode descobrir-lhe o motivo, a partir da sua leitura? e vc, já fez poesia experimental?

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **51-60** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Daniel](#)

Mar 20(5 days ago)

Hum...

Confesso que vi até o gol de Paulo Rossi no poema...ahahah

Eu já escrevi muitas coisas,mas sendo filho de quem sou,tive que engavetar...

[Márcia](#)

Mar 21(4 days ago)

em casa tb....

que, sendo amigas de infância e vida, fomos tocadas (ou levadas à?) pela poesia ao mesmo tempo, na morte do poeta Carlos. fico aqui lembrando das nossas aventuras halleyanas, praietas e novíças, emocionada e cúmplice espreitando e me encantando com cada palavra.

agora me diga, Lêgo, existe uma poesia (ou mesmo uma literatura) feminina diversa e distante da masculina, como tantos dizem haver?

um beijo grande, visse? ;)

[Camélia](#)

Mar 21(4 days ago)

.

Estou passando todos os dias para ler as respostas e vejo que estão ficando cada vez mais interessantes. Obrigada Elizabethr por estas linda aulas....

[Kalie](#)

Mar 21(4 days ago)

pego carona...

...na pergunta da Márcia. Parece ser este um assunto espinhoso, não? Mas, se o corpo também fala, poderíamos pensar nessa possibilidade, claro, sem cairmos no essencialismo?

Porque eu fico lembrando de tantas outras artistas, como Camile Claudel...Mas também lembro-me do Chico Buarque, que compõe com uma alma feminina....

[Kalie](#)

Mar 21(4 days ago)

Beth, Alezinha(uma pernambucanazinha contaminada pela cultura carioca e brasileira...tá em seus contos, ela não pode negar...) comentou comigo que vc é pernambucana....fiz alguns projetos em sua terra e devo te confessar que sou apaixonada por Pernambuco! Estudei um tempo na Holanda e quando voltei fiz minha primeira viagem a Recife e me encantei pela semelhança e pelo ambiente artístico...Eu tinha acabado de sair dos meus estudos de história da arte...imagine meu encanto com a arquitetura de Recife, Olinda...? Foi uma espécie de "deslumbramento". Tenho um grande amigo escultor em Recife , vc me fez ter saudades dele...Eu quero fazer mais uma pergunta nesse sentido. Certa vez li que João Cabral afirmou que sua poesia estava contaminada pela riqueza cultural de Pernambuco e que tentava a todo custo desvencilhar-se dela....nunca entendi o motivo...mas vc acredita que Recife, Pernambuco contaminou tua poesia?

[Luciana](#)

Mar 21(4 days ago)

Nossa, que delícia passar por aqui!

Beijo carinhoso, meus queridos!

Boas-vindas aos novos membros da nossa "Discutindo Literatura"!

Elizabeth, querida, em que circunstâncias sentiu, pela primeira vez, que a poesia era uma parte inseparável do seu modo de vida?

[Elizabeth](#)

Mar 21(4 days ago)

em casa, de novo

olha que delícia, encontrar a márcia aqui, meu deus! em seu sorriso, todas as ondas de gaibu, a prata dos peixes saltando do mar, os filmes do coliseu, as aulas de inglês naquelas tardes do recife, as cenas da novilha, compartilhadas, o tempo em olinda...parte grande de minha vida, parte importante, das mais. bem-vinda amiga, poeta tb (e das boas!). nunca entendi muito, confesso, o porquê de tanta polêmica sobre essa coisa de uma literatura feminina: claro que a mulher escreve diverso. diverso do discurso masculino, sim; distante, não. e mesmo essa diversidade é discutível, e de modo algum implica juízo de valor: é literatura de qualidade tanto quanto. é diversa, tanto quanto um homem é diverso de uma mulher. todavia, (viu, ro?) esse fato não impede a compreensibilidade que chico demonstra ter da alma da mulher. agora vejam vcs: quando, em 1986, ganhei o prêmio rio de literatura, com Martu, os jurados do concurso, na iminência de abrirem o envelope que diria a eles o nome do vencedor, afirmaram: trata-se de um homem, e deve ter em torno dos 60 anos (hahahahaaha). fica essa questão para vcs pensarem, né? o quê, em meu discurso, os terá levado a esse raciocínio? o fato de meu personagem ser masculino? ou algo no discurso é diverso? nunca consegui atinar com uma resposta satisfatória...

[Elizabeth](#)

Mar 21(4 days ago)

ih, olha a lu!!

oi, moça, é tão bom qdo vc aparece...te respondo daqui a pouco, visse?

[Elizabeth](#)

Mar 21(4 days ago)

pernambuco

tenho certeza, ro, de que tivesse eu nascido noutro lugar, seria outra poeta. nosso lugar, nosso primeiro olhar sobre o mundo, é tão definitivo, sabe? a infância é definitiva. senão, o que levaria paul valéry a escrever: "não aprendi nada na vida que já não tivesse aprendido no quintal de minha casa". somos forjados, sim, por essas coisas primeiras. a gente cresce, experiencia mil coisas, mas restam em nós fiapos de lembranças ligados ao tempo mais primeiro: o rio capibaribe, os urubus da rua da aurora em vôo raso, os meus avós, o cheiro

do mar, a cor do mar...e as coisas culturais: o carnaval, o frevo, os caboclinhos, as feiras do interior, a história que li nos livros (a capitania que prosperou; o príncipe nassau a dizer que não havia país mais belo sob o céu do que o recife...; o primeiro retrato do continente americano que a europa viu, feito por frans post, a partir da paisagem pernambucana); e os cajus? e as mangas, as pitombas, as agulhas fritas? e o caldo de cana, ali na hora, espremidinho e verde? os canaviais se movendo ao vento...e aí lembro de cabral. essa imagens são tão fortes em sua poesia. assim como a história. vc já leu o auto do frade? é lindo, emocionante. e severino? sua viagem seguindo o rio. e o rio, então? o cão sem plumas, o capibaribe, sinuoso e belo. até a miséria da cidade, ferida e decadente, emociona. porque é nosso lugar, nossa casa, nossa infância. vai um trecho de meu último livro, diálogo sobre o recife com outro poeta. vai uma fala de cada um:

[Elizabeth](#)

Mar 21(4 days ago)

o poema

DAVINOVICH:

Uma ilha, em sonhos , deve haver
onde alguém, sonhado, fica a ver
o que foi, fomos, mais que exilados
de um sítio tranqüilo no passado
(o vendedor passava defronte
e o mel se oferecia em cones)
ora fixa, tal ilha, ora vaga,
ao sabor da mente, qual jangada.

LÊGO:

Talvez seja a ilha de Antônio Vaz junto ao porto
(e seu contorno holandês de jardim bem cuidado).
Quem sabe? e como saber se o que traça um limite
- entre o sentido e aquilo apenas adivinhado -
termina por se colar inteiro ao nosso corpo?
escuta um pouco a voz que ouço quando viajo:
"quando de avião sobrevoares o Recife,
lembra de mim; e quando avistares tu os rios
lembra de mim; quando voares sobre os recifes..."
escuto sempre essa voz, e ainda lá do alto
- quando ainda de longe avisto a linha de espuma
do mar a que roubam esta cidade imaginada,
mais além ainda os dois rios serpenteantes
entre prédios e mangueiras escorrendo lentos -
penso no Cais que avistava sem saber que um dia
refletido no rio veria o meu semblante.
"Os rios limitam a ilha de Antônio Vaz
e tu, aonde vais? Vem pra mim, vem pra mim, vem..."
Vejo esse Recife como se visse um amante
enfim reencontrado.

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **61-70** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Elizabeth](#)

Mar 21(4 days ago)

camélia

oi moça, estou passando todos os dias para ler as perguntas e me pergunto, sabe?, como será a vida depois de sábado, qdo acabar a entrevista...tem sido tão bom encontrar vcs.

[Elizabeth](#)

Mar 21(4 days ago)

inseparável de minha vida

muito cedo, lu, a poesia começou a me parecer algo inseparável da vida. tive uma adolescência difícil, interiormente: angústias, dúvidas, inquietações. vivi esse período praticamente em meu quarto, a ler e a escrever. já era difícil não fazê-lo, sabe? ou melhor, não ver a escrita como algo que realmente fizesse parte do meu ser. olha um trecho pequeno desse poeminha aqui, escrito por mim aos 14, justo nesse período:

se deus tem anjos no céu
para que tê-los na terra?
e agora, na minha solidão
enquanto escrevo
um anjo passeia no quarto
metido num camisolão...
veja como as palavras do quarto verso apontam para a importância que eu concedia ao ato da escrita.
lu, tenho adorado isso aqui. chegar em casa, da universidade, abrir a tela mágica e encontrar todos vcs! tão bom, visse?

[Maria Lucia](#) Mar 21(4 days ago)

Elizabeth,

Estou encantada com sua sensibilidade, com a beleza de seus versos, com sua história, que também lembra um pouco a minha.

Parabéns, minha querida! Quero ler todos os seus livros.

Um grande abraço!

Maria Lúcia, Belo Horizonte

[Maria Aracy](#) Mar 21(4 days ago)

Ara de São Luís-MA

Em algumas tardes fabulosas estive em sua sala de aula. Foi quando eu comecei a entender a MEMÓRIA... e que veio a ser uma das trilhas do trabalho que escrevi, e trilha que é tão parte da minha própria vida.

Aproveito o espaço tão bacana pra compartilhar o carinho imenso que lhe tenho. Enquanto leio, ouço sua voz contando dos sonhos, dos acontecimentos, das viagens, era sempre como se estivesse em todos eles no seu contar.

Minha pergunta é pequena: e a prosa?

[Elizabeth](#) Mar 21(4 days ago)

a aracy, a ara, pertence essa resposta...

a prosa...pensa que não a faço? sempre. me acompanha. há um projeto imenso, que cobre séculos da família, narrados por pontos de vista diversos, todos mulheres. há anos juntos coisas, recorto, engaveto, rascunho, um nunca acabar. mas tudo que escrevo na prosa me chateia. me dá a sensação incômoda de que a voz do narrador é a minha própria ou que eu mesma sou os personagens. acho tudo sofrível e nem penso em publicar. sinto que tenho uma tendência a contar, a narrar (meus livros de poesia tantas vezes "narram" algo), mas como lidar com isso? acho que nunca aprenderei. enquanto não aprendo, sonho com são luis, que vou aí e passeio na rua do passeio e subo ladeiras e olho azulejos e vejo o amar e o rio anil e...será? será , ara? tão bom vc aqui, nessa tela.

[Elizabeth](#) Mar 21(4 days ago)

essa vai para maria lúcia

que faço com palavras assim? olha, te mando um poeminha, quer?

Ó CAÇADOR DE ESTRELAS Ó MENINO

A LUA É OURO FINO E TEU CAVALO

CAVALGA DESDE A INFÂNCIA O MESMO ESPELHO.

Ó CAÇADOR DE ESPELHOS Ó MENINO

A INFÂNCIA É LUA FINA E TEU CAVALO

CAVALGA SOBRE O OURO DAS ESTRELAS.

Ó CAÇADOR DE INFÂNCIA ÉS TÃO MENINO

O TEU CAVALO É OURO E EM TEU ESPELHO

CAVALGAM AS ESTRELAS E A LUA.

Ó CAÇADOR DE LUAS TEU CAVALO

- ESTRELA SOBRE O OURO DESSE ESPELHO -

CAVALGA SOBRE TODA A INFÂNCIA TUA.

vai um grande abraço, visse?

[Kalie](#) Mar 21(4 days ago)

Diálogo que não pode ter fim...

eu voto pra Beth, nossa poeta, continuar aqui....rsrs...e vcs? Luciana, que tal criar mais diálogos para ela continuar? Tem sido tão enriquecedor! Beth é riqueza, é um encanto...continua, Beth, pleaseeee...rsrsrs...

Beth, vc descrevendo suas memórias da infância em Recife me fez viajar...que coisa linda de narrar as memórias...Vc precisa ir no Jô...ele vai amar te entrevistar, prosador como ele...quando não é chato e narciso...rsrsrs...Mas vc me lembra, assim, O Ariano Suassuna quando é entrevistado....será isso jeito pernambucano?

[Elizabeth](#) Mar 21(4 days ago)

quase

puxa, ro, a gente quase esbarra uma na outra, nesse espaço virtual, visse? foi por muito pouco, dessa vez. imagina, eu no jo! ta louca, menina? não ia conseguir nem falar. eu gosto é disso aqui, vcs me deixam à vontade, me sinto em casa. bom demais, bom demais, bom demais (epa! isso já é frevo...)

[Juliana](#) Mar 21(4 days ago)

É realmente muito interessante a idéia de usar a popularidade do orkut para promover debates e entrevistas, levados a sério. Parabéns, Luciana, pela idéia e iniciativa.

De fato, Elizabeth, assistir às suas aulas é entrar em um mundo à parte. Lembro-me ainda de uma aula em que foi impossível não me emocionar: quando voê contou de uma viagem que fez a um lugar em que você e seu pai gostariam de ter estado juntos.

Nesse semestre, em que novamente tenho o prazer de ser sua aluna, tem sido muito importante ouvir-te. Vivemos em constante crise: eu e a escrita. O que tenho visto em sala tem me ajudado bastante.

Obrigada por compartilhar com tanto amor a paixão que você sente pelas letras.

Beijos.

[Kalie](#) Mar 21(4 days ago)

rsrsr..frevo...êita que deu vontade de ir pra Recife...e olha que não danço nada pq a timidez é maior que tudo, mas como observadora, gosto de olhar as cores, os paços dessa dança que tem uma singularidade impressionante....

Tudo bem, Jo não, mas vc pode continuar por aqui....batendo um papo conosco...que tal?

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **71-80** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Elizabeth](#) Mar 21(4 days ago)

budapest

foi lá, logo após a morte dele. contei isso uma única vez em sala de aula, nem sei em que contexto. mas, sabe, juliana, as coisas que restam em nós são sempre essas que despertam algo nunca sentido e que nos fazem - de repente - perceber um pouco mais da variedade do mundo e dos sentimentos humanos. bom ter vc outra vez comigo, viu?

[Elizabeth](#) Mar 21(4 days ago)

on-line

quase isso, não? estamos on-liníssimas!, menina. frevo...fiz um curso há 2 anos, aqui na unb mesmo. já pensou? uma pernambucana vir aprender a dançar longe longe da terra? mas achei fantástico, porque agora posso fazer de conta que acompanho a dança, né? às vezes fecho os olhos e ainda escuto o ritmo e sinto o cheiro de lança e escuto os gritos, a música. é um jeito de ser feliz.

[Elizabeth](#) Mar 21(4 days ago)

continuar

ro, a resposta de título on-line é sua (rssss). é que esqueci de me referir a vc. e nem respondi ao convite, né? minha vida virou um redemoinho. chego e acesso o orkut; faço um lanche rapidinho e acesso o orkut. atendo o telefone e volto pro orkut. tomo banho e corro pro orkut...como faço, se demora? dá pra morar aqui? mas que é uma bela casa, ah isso é. quando acabar, vou sentir uma falta...

[Maria Lucia](#) Mar 22(3 days ago)

Ma ra vi lho so, Elizabeth!

Ma ra vi lho so!!!!

Obrigada, Caçadora de Estrelas!

Beijo!

[Luciana](#) Mar 22(3 days ago)

Passei só para acompanhar a entrevista (maravilhosa!) e matar a saudade.

Beijo para todos! Estou amando tudo aqui.

Boa noite, meus amigos!

[Maria Lucia](#) Mar 22(3 days ago)

Parabéns, Beth! Muito lindo...

... quem seríamos, hein? sem a memória...

A chave na parede abre mistérios
 lembra coisas
 é quase mágica:
 acorda esse passado que se volta
 e dança novamente em minha mão.
 Que porta já fechou a chave áspera?
 Dez voltas deu a chave
 mas que importa
 se uma já tornava o sonho vão?
 Elizabeth Hazin

[Elizabeth](#) Mar 23(2 days ago)

oi

obrigada, malu.

[Lucia Fatima](#) Mar 23(2 days ago)

Mais perguntinhas pra você ficar mais tempo conosco:Você costuma reler seus livros?Nessa sua releitura,vc faz alguma autocrítica,reescreveria algum poema de outro jeito?

[Kalie](#) Mar 23(2 days ago)

memórias

já pensou escrever um livro de memórias? Ou, de certa forma, elas aparecem nos poemas?

[Elizabeth](#) Mar 23(2 days ago)

já estou com saudades daqui...

lu, releio muito tudo o que escrevo. não apenas os livros publicados, mas tb os poemas inéditos. reler é uma grande experiência e dá margem, sim, à autocrítica, o que é muito bom. aprendo demais com minhas leituras. quanto a modificar o texto, só faço isso com os inéditos. às vezes tenho vontade de fazer aqui e ali com outros, mas respeito a publicação. já pensou a confusão na cabeça de um leitor, que leia - por acaso - várias versões de um mesmo poema? ah, não faço isso. mas já corrigi bobaginhas de pontuação, configuração espacial de um verso, coisas assim. tb aconteceu algo nesse sentido com martu: ele cresceu 20 poemas, da primeira para a segunda edição, em 20 anos. pensei muito sobre isso, mas terminei concordando. achei que talvez o tema não estivesse se esgotado em mim, e que a primeira edição tivesse prematuramente sido publicada. é uma espécie de racionalização minha, eu concordo, mas foi o que deixei acontecer. o leitor do primeiro martu tomará um susto ao ler o segundo. e como será o amanhã, sem vcs? vai um poeminha:

Se me fosse dado nascer de novo
 nasceria poeta
 e amaria o vento.
 Deslizaria a mão nesse fio
 de navalha
 sobre a pele da água
 - intrincado labirinto
 em que se esconde a palavra –
 para arrancá-la ao mais fundo do rio.
 Se me fosse dado nascer de novo
 - repensa o poeta –
 duraria o lúcido instante do poema
 vezes mil
 que só para isso
 vivo.

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **81-90** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Elizabeth](#)

Mar 23(2 days ago)

lembrar é fácil, difícil é esquecer...

escrevo há anos um livro de memórias. ao lado do romance que sei lá se um dia escreverei na íntegra. gostaria de escrever um livro de memórias que fosse delicado e sutil, essas as qualidades que queria pra ele. nele escreveria inclusive sonhos, que é algo que me encanta. não gosto da idéia de dormir todas as noites, ainda que saiba da real necessidade. só consigo me acalmar e aceitar o fato, qdo lembro que há o sonho. ah sonhar...tb aparecem nos poemas, disfarçadas (ou não) tantas tantas lembranças. às vezes tenho a impressão, ro, de que não há poema sem o sopro do passado, sabia? sua pergunta é ótima, mereceria resposta mais densa, mais completa.

Vou te mandar um poema que, de certo modo, contém uma situação que vivi em 1975: a cheia do capibaribe, que entrou em minha casa, 2 metros...e me levou todos os livros!

De todos os livros que tive
 me foram as letras levadas
 nas águas do Capibaribe
 apenas num canto da alma
 como se escritas numa página
 algumas me restaram firmes
 mistério que não se deslinda:
 se umas descrevem Olinda
 as outras desenham Recife
 na história que nunca mais finda
 se parte da vida naufraga
 a outra vem à superfície.

[Luciana](#)

Mar 23(2 days ago)

Boa noite, meus queridos!

Lindo!

"Quando as palavras já não dizem
 cristais
 de translúcidas já não são
 sinais
 e senhas e sonhos e mais:
 que resta?"

ó negra impotência de não
dizer
em todas as claves e tons
não ser
a chama que alucina e acende
a festa."
(Elizabeth Hazin)

.....

Elizabeth, querida, você acredita que a inspiração pode chegar completa, sem muito suor?

[Luciana](#)

Mar 23(2 days ago)

"aquele que faz"

Afinal, quais são as principais características do poeta?

[Luciana](#)

Mar 23(2 days ago)

Quais são os seus "livros de cabeceira"? E em que intensidade os autores que você ama interferem em seu próprio processo criativo?

[Luciana](#)

Mar 23(2 days ago)

Goethe e Baudelaire

Que contribuições Goethe e Baudelaire trouxeram para a sua poesia?

[Elizabeth](#)

Mar 24(1 day ago)

sou aquele que faz

para os gregos, poeta significava literalmente "aquele que faz". é interessante, hoje, percebermos a força da palavra para eles, a ação aí implicada. escrever era agir, fazer. é exatamente isso que penso tb. o poeta forja, através das palavras, um mundo que expressa o que ele vê e sente. veja, lu, palavras que escrevi um dia, em outra situação, e que podem talvez responder a sua indagação:

"sentia-me extraindo do real um significado oculto, o que no fundo é a essência mesmo da poesia. escrevendo, vingava-me: da vida, das frustrações, da falta de emoção imposta pelo cotidiano. mas tudo isso se dá em um plano que nos escapa e que subsiste por mais que nos recusemos, por mais que procuremos destruí-lo, anulá-lo. é difícil falar sobre a nossa escrita, porque definir o que se faz em solidão - por ser impossível simplesmente não fazê-lo - é correr-se o risco de falsear a verdade, além daquele de se deixar assaltar pela sensação de que tudo ainda parece a ser dito. é tão denso, tão forte, tão na borda do indizível, que minhas palavras não querem ultrapassar essas linhas. importa aqui dizer, no entanto, que fui aos poucos descobrindo na escrita um país novo, uma nova identidade, um jeito próprio de ser. tornei-me eu mesma a força de escrever cartas, diários, frases, poemas, críticas, teses, projetos, enfim, de interminavelmente escrever esse imenso texto único, ainda não concluído. e diferentemente de penélope, nada desmancho".

[Elizabeth](#)

Mar 24(1 day ago)

livros de cabeceira

a gente tem, ao longo da vida, vários livros de cabeceira. na primeira infância, lobato e andersen me encantavam, viviam ao meu lado. lia novos livros, mas sempre retornava a renações de narizinho e à rainha da neve. aos 12, li o livro que considero aquele que proporcionalmente mais me modificou: o fio da navalha, de somerset maughan. sempre tive medo de reler esse livro, pois sabia que iria desfazer algo. voltei a lê-lo ano passado e tudo se confirmou: não devia ter lido. mas a emoção dos 12, consegui preservar. a montanha mágica foi um alumbramento, alguns anos depois. até hoje, esse livro permanece como uma marca. grande sertão:veredas veio a seguir, e ficou. fiz desse livro parte de minha vida (minha tese de doutorado é sobre ele). agora, poesia. livro geral, de carlos pena (já falei

sobre ele, no início da entrevista). poetas de frança, antologia organizada por guilherme de almeida (adorava ronsard) e vinícius de Moraes (esses, na infância, antes dos 10 anos). bandeira, cabral. drummond. tive poemas de cabeceira, de poetas não tão conhecidos. lia em algum lugar, recortava e a eles voltava sempre. pessoa, meu deus, pessoa! tabacaria foi um desses poemas na vida. qdo viajei para a itália, onde permaneci por quase 2 anos, levei comigo o mínimo, pouquíssimos livros para o projeto que tinha em mente. a uma certa altura, enlouqueci, por conta de tabacaria. queria ler a todo custo, sentia uma saudade insuportável. de tudo no brasil, o que mais me fazia falta era a página do meu livrinho da aguilar, marcado em vermelho. naquela época, não acessava a internet, de modo que precisei ir a uma biblioteca. eles não tinham. mas devo ter feito uma cara de desconsolo tão grande, que coisa de mês e meio depois, recebi um comunicado da biblioteca dizendo que tinham adquirido o livro. kavafis, outro poeta de minha vida. dante e goethe, por conta de um professor da graduação, enlouquecido por eles. bem, lu, essa é uma resposta assim, tecida à medida em que escrevo. alguns ficaram de fora, era muito grande o encantamento da leit

[Elizabeth](#)

Mar 24(1 day ago)

...ura

...ura. vê? o espaço se torna tão escasso. hahahahaah.

[Elizabeth](#)

Mar 24(1 day ago)

influências

já falei sobre essa questão por aí, já não lembro quando e por que. não me sinto influenciada (leitores podem perceber isso mais facilmente, talvez), mas adoro citar meus poetas. veja martu, por exemplo. o poema de abertura está construído em cima de cinco poetas, ali citados pontualmente. há versos (entre parêntesis) de homero, virgílio, dante, goethe e baudelaire. e o resto do livro, até a última página

O sol está morrendo ou vai nascer?

é tudo a mesma hora – ó dor igual –

na terra desses homens – os poetas –

tecendo desde o sangue a flor do mal.

Ó rubra rubra flor o tempo pára

o sol está suspenso sobre a terra

que importa se ele nasce ou morre agora?

Apenas o poeta escuta o vento

e borda com o vermelho dessa hora

um canto que não morre e vence o tempo.

alude a poetas (no caso da última, a baudelaire e suas flores do mal). ninguém lê impunemente, não é? tenho consciência de que nada do que escrevi existiria sem ter lido como li. e lá vai mais um trecho daquele texto autobiográfico que citei aí em cima:

"muitos anos mais tarde, quando nas páginas de Cinza das Horas lesse o poema Paráfrase de Ronsard, e recordasse de imediato o Soneto Para Helena, que lera na infância, descobriria - encantada - a cumplicidade que pode se estabelecer entre autores e leitor, a partir do reconhecimento de palavras já lidas e da compreensão de que o seu sentido se amplifica pela lembrança".

tem uma frase de osman, no retábulo de santa joana carolina, que até hoje minha alma escuta. eu a leio sempre com a visão primordial, sabe? como se pela primeira vez...entendo perfeitamente borges, qdo diz (deus!!!, borges! olha lá, esse negócio de lista é terrível...esse, um dos meus poetas. tb aprecio os contos, mas amo sua poesia) que se orgulha mais dos livros que leu do que dos que escreveu.

[Kalie](#)

Mar 24(22 hours ago)

Rainha da Neve...

...nossa, eu tinha uns quatro anos quando a minha irmã lia pra mim e eu acompanhando as ilustrações. Faz parte dos meus pesadelos ainda...uma sensação de aflição...o menino Kai..ou Kay? ..ele não sabe quem ele é...não tem memória...eu tenho essa memória...não sei se é uma memória criada...que ele tentava formar o nome Kay com letras de gelo...tenho

essa memória...uma aflição de não se conhecer, quem ele é, sem a irmã. Eu queria, na verdade, encontrar esse livro pra ver se isso era minha imaginação ou parte da história...rsrsrs....

O meu era de capa dura rosa...e o seu? Às vezes tem uma imagem e não é aquela...não é real..

Pensando nisso, como a memória se estabelece na subjetividade do leitor infanto-juvenil e como essa memória, de certa forma, vai influenciar o leitor adulto? É possível, no emaranhando de tantas leituras, a gente ser levado por um tipo de leitura, de autor..sei lá...de temática? Veja Borges, que de alguma forma, privilegiou a etimologia e que isso isso aparece em muitos de seus escritos....Pode me responder isso? É possível?

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **91-100** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Kalie](#)

Mar 24(22 hours ago)

vou te explorar...último dia...

...uma outra questão. Quando eu li, ainda criança, tinha uns dez anos...Dostoevsky, me imaginei numa Rússia cinzenta e de ruas de muros altos, esse foi o espaço que permaneceu em minha memória. Mas eu acho que essa memória de espaço foi mais influenciada pela aflições, angústias e solidão....mais ainda solidão...rsrs...eu andava por aquelas calçadas, pequenininhas...em minha imaginação...rsrs...sentia a solidão que os personagens passavam. O narrador foi, de certa forma, provocando em mim uma sensação de labirinto...o labirinto das emoções...do Homem... Hoje, eu acho que isso é articulado, programado. Gostaria de saber se isso procede, se todo autor tem esse princípio elaborador, de criar sensações espaciais. Isso acontece? E, vc, como trabalha isso?

[Elizabeth](#)

Mar 24(22 hours ago)

para ro

mais uma coisa a nos aproximar, não? meu livro era de capa dura, mas não rosa: era meio azulado e tinha na capa a ilustração de uma espécie de trenó, acho. já vai tão longe...não lembro, por exemplo, desses detalhes a que vc se refere. já procurei muito, em sebos, por esses livros. eram 4 livros, lindos, foram-se todos com o capibaribe."foi um rio que passou em minha vida"...nossas experiências (não só as leituras) tb determinam nossas leituras futuras, vê? o que leio, o que escuto, passa sempre pelo que já sei, pelo que já fiz. morro de medo de ser, aqui, a professora. meu lugar aqui é o de poeta, lutarei por isso. digo isso porque um dos temas que me tomam hoje em dia é a questão da constituição do sujeito pela leitura, já pensou? hahahahaha. vai um beijo.

[Kalie](#)

Mar 24(22 hours ago)

ah, não...

....quero a Beth professora também, aqui vc tá sendo uma professora...esses poucos dias eu tenho aprendido muito com vc...essa coisa da constituição do sujeito leitor tem a ver comigo, com vc e com todos que são leitores....ahahahaha...volta, volta e vem nos explicar mais da literatura...ahahaha..

Eu já dei uma olhada em sebos...NADA...Eu tenho 43 anos e a edição já era antiga pra mim...será que ainda existe??? Se encontrar, juro que te mostro, pra vc matar sua curiosidade...talvez te empreste...ahahahahhah

[Elizabeth](#)

Mar 24(22 hours ago)

me explora, que eu gosto...

acontece, e é natural que aconteça, ro. a literatura é um caos organizado, e tal organização

implica programação ainda que inconsciente. muitas vezes só nos damos conta da lógica que percorre nossas páginas após algumas leituras. às vezes nem somos nós a percebê-la, mas nossos leitores. vc pergunta sobre criar sensações espaciais (confesso que fiquei na dúvida se vc queria digitar espAcial ou espEcial...). diria que não apenas espaciais, mas todo escritor cria sensações no leitor. intencionalmente tb, quero dizer, afinal é essa a sua questão. certa vez escrevi um livro (um dos que mais gosto), intitulado Espelho Meu, que consiste em diálogo entre um sujeito e seu espelho. um poema do espelho, um do sujeito, e segue assim, até o final. mas além dos poemas que giram em torno do mesmo campo semântico - vidro, reflexo, brilho, prata, água, etc - o leitor deve perceber, ao longo da sequência, que a situação se inverte (e veja que a inversão aqui é elemento de significação, já que se trata de espelhos): se antes o sujeito titubeia à procura de sua identidade e se submete ao tom superior do espelho, no final ele se encontra, se sabe, e pode prescindir desse objeto. é claro que desde o início eu tinha essa intenção. e meu trabalho com as palavras visava à instauração dessa sensação no leitor. não posso te mandar por aqui essa "sensação" (vc teria de ler todo o livro), mas mando um poema dele, visse?

sombra fugaz num túnel sem fim
o tempo passa despercebido
passa de mim a outro espelho
eu defronte de outro (eu mesmo?)
um espelho no espelho no espelho
somos nada ao infinito das vezes.
Descubro um Narciso de repente
em mim. Debruçado sobre mim
me vejo mil vezes repetido:
o mundo é só um túnel de vidro.
Mas que imagem vale esse vazio
sem rosto quebrando a solidão
que corta meu corpo como um rio
sem nunca alcançar meu coração?

essa é uma das falas do espelho e reflete (hahahah) algumas lembranças e algumas leituras. lembra do verso "uma rosa é uma rosa é uma rosa"? pois é. e narciso, personagem da mit...

[Elizabeth](#)

Mar 24(21 hours ago)

continuando a "exploração"....

...ologia. (li rapidinho sua outra intervenção, vou fingir que não li. hahahahahha). mas ele guarda, ainda, um dos mais inesquecíveis momentos de minha infância: a descoberta do infinito. abri de uma vez as duas portas de um pequeno móvel de nossa sala, todo espelhado por dentro e tomei um susto ao perceber a imagem que se oferecia a partir de um espelho colocado exatamente defronte de outro. tomei um susto tão grande que fechei correndo as portas. mas devo ter achado tão bonito, que transformei tudo em segredo e - escondida - voltava lá todas as tardes, no silêncio da sala, para rever a cena, devagarinho agora, quase sem medo. essa sensação quis passar para o leitor, ao menos as palavras desse poema tentam fazer isso. esse livro foi publicado por mim mesma, teve tiragem mínima, ninguém conhece ele.

[Adriana](#)

Mar 24(20 hours ago)

Querida Beth

eu sou uma fã sua, você sabe, esses dois últimos livros são excepcionais. gosto especialmente do ritmo e de como as estruturas lingüísticas e semânticas vão se inter cruzando. no fabuloso Martu esse processo é levado ao limite com a absorção de estratégias da prosa. a melodia dos seus poemas me encanta. são incríveis os momentos em que, com astúcia, idéia, palavra e som entram em sintonia...

Hoje pela manhã

- lembra o poeta -

vi meu rosto refletido

à luz do vidro:

aquele mesmo que conheceu o amor e está só

aquele mesmo que conheceu a morte e está vivo.

Na fímbria da água
que rosto vi
se não era o da alma?

as pessoas te perguntam sobre as influências...
eu, quando li Martu a primeira vez, meu maior espanto foi perceber as vozes de Cecília, de Drummond, de Bandeira, assim como de Pessoa e Shakespeare.

Eis-me aqui na metade do caminho
(e quantos anos já se passaram?)
O meio do caminho de minha vida
é o poema que escrevo.
Quantos poetas foram necessários?
A vida toda é um erro.
ah! querida beth, obrigada por seus livros

[Adriana](#)

Mar 24(20 hours ago)

Uma pergunta

E o cinema?

Como você vê as semelhanças e diferenças entre literatura e cinema?

[Elizabeth](#)

Mar 24(19 hours ago)

cinema e literatura

êta, pergunta! hein? só ela já dava uma semana de discussão, agora responder assim, na lata...a relação entre os dois é óbvia e desde muito cedo da vida do cinema. com poucos anos, acho, o cinema já absorvia da literatura a característica de narrar. outro dia mesmo, em minha aula, estava falando para os alunos da diferença entre câmara objetiva e subjetiva. não que eu entenda de cinema, coisa nenhuma, apenas gosto. mas essas 2 modalidades de filmar têm a ver com as possibilidades de narrador, na literatura: o narrador em primeira pessoa e o onisciente. há muitos recursos que o cinema foi absorvendo da literatura. e o movimento inverso tb se dá. olha o "cara-de-bronze", de guimarães rosa, um roteiro de cinema. mas são duas linguagens diversas e a tradução de uma na outra implica mudanças. uma coisa determinante é o limite de tempo, não é mesmo? no cinema tudo deve ser concentrado, mostra-se aquilo que se considera essencial, e aí essa essencialidade vai depender da visão de mundo de cada um. e dessa visão, depende o sucesso ou não da tradução, ou adaptação. olha dri, estou tentando não pensar muito enquanto respondo, se deixar a professora aflorar é uma tragédia, porque muda o espírito disso aqui, sabe? o belo aqui é a espontaneidade, acredito. estou curtindo tanto, pela possibilidade justamente de falar desarmadamente, percebe? penso que poderia roubar a um jornalista do século XIX, a frase que disse ao assistir, maravilhado, à primeira sessão de cinema, na paris de 1895: "Nunca mais a morte será absoluta". usaria essa mesma frase, como leitora, hoje, reportando-me à minha primeira leitura ficcional na vida. se não tinha essa consciência, então, ao menos agora a tenho. viva!

[Adriana](#)

Mar 24(17 hours ago)

O que vem por aí?

E Beth, quais são seus projetos para o futuro, seus próximos livros?

[Adriana](#)

Mar 24(16 hours ago)

Poesia hoje

Beth, a poesia contemporânea brasileira tem uma cara?

Como você vê as tendências atuais?

Entrevista com ELIZABETH HAZINshowing **101-104** of **104** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)[Elizabeth](#) Mar 24(16 hours ago)**futuro**

bem, há muitas coisas já prontas, livros completos, à espera de editores.(hahahaha, como se isso fosse sempre possível. aconteceu no caso de martu, uma editora criteriosa, que sabia que poesia não lhe daria retorno financeiro, coisas de alma, mas suficiente para ela. meu abraço aqui para a cilene, da Vieira & Lent, que me pediu o livro e o reeditou por sua conta e risco).há um, AREAL, escrito em 1982, e que fala da questão do destino, da existência humana. a idéia dele veio de uma frase anotada por minha mãe quando ela tinha 10 anos. acordou uma noite e anotou a frase que ela teria dito no sonho. isso me impressionou: "no areal da vida é sempre assim: procura-se tirar a sorte porém morre-se queimado". depois tem o meu MÁGICA DE CARROSSEL, um poema infantil longuíssimo, digamos, um livrinho, sobre o que sentiu um menino ao andar em um carrossel. devo a um caso acontecido comigo e minha filha mila, ainda pequenina. depois tem um outro livro, TEIA, cujos poemas estão inseridos em páginas com nome de tecidos (algodão, seda, ramie, organdi etc etc) e se reporta à idéia mesmo de texto/tecido, do fazer poético e da vida de cada um, dessas coisas. tem uma peça sobre drummond, biográfica, que recupera sua memória através de poemas do boitempo e menino antigo. tem uma infinidade de poemas soltos. tem poemas em parceria, uma nova modalidade que abracei (difiiiiiiiiiiicil, mas um desafio). tem o meu famoso "romance", iniciado há mais de 10 anos, tem um livro de contos (que odeio!), prontíssimo. e idéia é o que não falta, né? um mundo lá fora, cheio de coisas acontecendo, gente chegando e partindo, uma festa!

"Escrever é rito de magia:

todo poeta é mágico.

Escrevo como quem já deve ter escrito todas as palavras e esquecido.

Palavras assim

fora de controle e rima e metro ao vento.

Escrevo sem limite e tempo dentro da noite tarde palavras que ardem e brilham como sóis.

Há um poeta em mim que Deus me disse

- escreveu um poeta antes de mim.

Mas também eu

penso assim".

(ou hazin,hahahahaha)

[Elizabeth](#) Mar 24(16 hours ago)**literatura now**

olha, dri, tenho uma certa resistência a falar da contemporaneidade: pouquíssima distância ainda. claro que essa literatura tem uma cara. posso dizer, por exemplo, que não me agrada o minimalismo, não me agradam experiencialismos (na poesia). até parece que sou conservadora, não é isso. é que há hoje em dia uma mentalidade diversa, um conjunto de valores que não bate com a poeta que há em mim: escreve-se por mais motivos do que aqueles que me movem. mas é claro que se faz boa poesia, tb. em recife há uma poeta, amiga minha de infância (a gente deve ter bebido água de algum lugar, juntas, em alguma manhã lá do recife, hahahaha, para que ambas enveredassem pelos caminhos da poesia), a márcia. ela inclusive aparece nesta entrevista. sua poesia é belíssima. veja, por exemplo, a poesia de orides fontella. é perfeita, em sua concisão e clareza. contemporânea, sim. poesia madura, forte, densa. acho que uma coisa que pode ser contemporânea, a cada instante da história, é o uso da sintaxe. se tem algo que me apaixona é a capacidade de dispor as palavras na frase, fato que percebo sobretudo na poesia, acho que fica mais evidente. isso sempre pode ser inovador. é como descobrir fórmulas novas, perceber outras possibilidades de dizer.

[Adriana](#) Mar 24(13 hours ago)

Estes e aqueles

Beth, enquanto ainda não chegam às livrarias a peça de teatro, o romance, os contos, mais poemas, incluindo aquele do menino e o carrossel, como fazer para conseguir seus outros livros? Dei uma olhada rápida em livrarias aqui na internet e não achei :(

[Elizabeth](#) 9:47 pm(11 hours ago)

livros?

dri, só existem mesmo aqueles dois, os outros já passaram. tiragens pequenas, muito tempo passado, enfim, é impossível encontrá-los. é assim que as coisas são...

[Luciana](#) 11:16 pm(10 hours ago)

Boa noite, meus queridos!

Elizabeth, foi muito agradável dialogar com você. Grata, minha querida!
Um abraço para todos os amigos que prestigiaram a entrevista.

Entrevista com ELIZABETH HAZIN

showing **96-105** of **105** [first](#) | [< previous](#) | [next >](#) | [last](#)

[Elizabeth](#) 1:52 pm(0 minutes ago)

despedida

já é domingo, bem sei, mas como cheguei a escrever em mensagem para luciana, precisei sair ontem à noite, assim de repente, e ao retornar encontrei as suas palavras de agradecimento e achei que não cabia mais coisa alguma. passava da meia-noite e eu me senti uma abóbora...

acabo de receber - todavia - mensagem dela autorizando-me a entrar e me despedir. queria dizer a todos que nunca antes tinha vivido nada parecido com essa possibilidade de comunicação espontânea que terminou por unir com uma força desconhecida todos nós. agradeço a luciana pelo convite inusitado. foi muito bom ouvi-los, a todos. agradeço por me terem feito refletir, por terem me forçado a sair de dentro de mim, por terem feito com que eu me conhecesse um pouco mais como poeta. imprimir todas as páginas para mim, em papel, como se precisasse...já estavam impressas em suporte indelével. deixo para vcs uma pergunta:

Cais da Aurora, casa de meu avô
onde o que fui semelhana eterno
chama acesa sobre o rio mais sedento.
De tudo o que ficou, o que ficou?